

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

ADRIANO CORRÊA MAIA

**A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO E CULTURA: Trajetórias migratórias
entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP)**

Rio Claro (SP)

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

ADRIANO CORRÊA MAIA

**A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO E CULTURA: Trajetórias migratórias
entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia (Área de Organização do Espaço).

Orientadora: Prof^a. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

Rio Claro (SP)

2010

ADRIANO CORRÊA MAIA

**A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO E CULTURA: Trajetórias migratórias
entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia (Área de Organização do Espaço).

Comissão Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida

Prof^a. Dr^a. Dante Flávio da Costa Reis Junior

Rio Claro SP, 17 de dezembro de 2010.

Para quatro mulheres,

Alessandra, Ivani, Maria Clara e Maria Júlia.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem que o mundo acadêmico me encantou. Posso garantir que foi uma experiência intensa de formação e pesquisa em Geografia, em um programa de pós-graduação com tradição, em que tive a oportunidade de estudar. Nesse período foram muitas transformações, acompanhadas por intenso aprendizado, deram-se em minha vida pessoal desde que comecei o curso de mestrado, e muitas pessoas devem agora ser lembradas. Mais do que o campo da pesquisa específica que acabei por escolher, a grande aventura do aprendizado se deu na trama de pessoas e assuntos que encontrei nesses três anos.

Começo meus agradecimentos pelos professores, colegas e funcionários do PPGG. Agradeço aos Professores: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira, Archimedes Perez Filho, Elson Luciano Silva Pires, Fadel David Antonio Filho, Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Pompeu Figueiredo de Carvalho (*in memoriam*), Silvana Maria Pintaudi, Lucia Helena Gratão, Eugenia dos Santos, com os quais tive cursos regulares ou participei como ouvinte, pela seriedade e excelência de suas estimulantes aulas. Ao pessoal da secretaria de pós-graduação, em nome de Sandra Regina Cônego Minatti Sartori, agradeço a cortesia, disponibilidade e atenção. Parabenizo aos funcionários da Biblioteca pela solicitude sempre bem humorada e também a Nilza Harue Sartori por sua extrema boa vontade e esforço em auxiliar o máximo possível.

Aos funcionários do prédio da PPGG, Maria Benedita Barbosa (Maika) e Vera Lúcia de Oliveira obrigado pela atenção e amizade. Meu obrigado a todos os colegas no PPGG que conheci no percurso do mestrado, cada qual à sua maneira, deixaram boas memórias e agradeço os momentos compartilhados, apoio e torcida.

Agradeço a generosa interlocução e a amizade de Dante Flávio da Costa Reis Junior, Flamarion Dutra Alves, Danilo Picolli, Elias Junior Câmara Gomes Sales, Enéas Rente Ferreira e os membros do NEA que somaram muito durante o meu percurso.

Aos migrantes/agricultores do norte de Minas, que tive a oportunidade de conhecer. Agradeço tanto a calorosa acolhida na “região de Monte Azul” como na cidade de Rio Claro, sempre solícitos e disponíveis em me atender. Sou grato a

todas essas pessoas que, além de conversarem comigo, possibilitaram meu acesso à suas vidas, dando-me liberdade de pesquisa.

Sou grato à CAPES e CNPq pela bolsa de estudo que propiciou a oportunidade de desenvolver minha pesquisa de uma maneira mais serena.

Agradeço, sobretudo, à minha orientadora, a Prof^a. Dr^a. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, por sua confiança em meu trabalho e potencial, e seu incentivo para que eu pudesse desenvolver a pesquisa. Sua interlocução não poderia ser melhor: aberta e acolhedora, séria e ponderada. Ressalto ainda sua objetividade, praticidade, paciência, leveza e bom humor diante de minha inquietude e angústia frente aos dilemas do processo de pesquisa. Minha dívida é enorme, minha admiração e afeto ainda maiores. Obrigado de coração.

À Eliana Corrêa Contiero muito abrigado pela prontidão na resolução de todos os tipo de assuntos.

Gratidão enorme à minha mãe, Ivani Corrêa Maia, pelo apoio que sempre me deu, sem você não seria nada, sou eternamente grato e devedor de todo seu esforço, dedicação e amor.

Também tenho imenso agradecimento a minha esposa, Alessandra Aparecida Socoloviski Maia, pelo esforço hercúlo da vida cotidiana ao meu lado, reconheço seu empenho e amor que dedica a nossa família, te amo muito.

Agradeço as minhas filhas Maria Júlia Socoloviski Maia e Maria Clara Socoloviski Maia pela poesia do convívio diário, vocês são os seres de maior importância na minha vida.

E finalmente, à Deus.

*Que estranha cena descreves e que
estranhos prisioneiros. São iguais a nós.*

Platão, *República*, Livro VII

RESUMO

Esta dissertação tem a proposta de analisar a relação entre o espaço e a cultura, pela lente da ciência geográfica voltada para um grupo de agricultores oriundos do norte do Estado de Minas Gerais, mais particularmente, do município de Monte Azul, que migraram para o interior paulista, o município de Rio Claro. Nesse contexto, a análise está focada na construção do espaço urbano pelo grupo, tendo como hipótese a afirmativa de que a cultura do local de origem dos migrantes norte mineiros se constitui num dos elementos estruturadores da construção do referido espaço. Através do desenvolvimento de um caminho teórico-metodológico relacionado com a empiria apresentada, obtivemos a comprovação de que os elementos culturais presentes no espaço norte mineiro como o parentesco, o compadrio, a hierarquia familiar e as dinâmicas do trabalho são transportados para o espaço citadino. Desta forma temos que o espaço mineiro, que gera uma espacialidade singular, vai ser trasladado conjuntamente com o migrante para o “novo” espaço urbano, constituindo-se num elemento central na estruturação da sua construção.

Palavras-chave: Espaço, cultura, migração, norte de Minas.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze the relation between space and culture through the lenses of Geographic Science considering a group of agriculturists from the north part of the state of Minas Gerais, particularly from the city of Monte Azul, that have migrated to Rio Claro, a city in the state of São Paulo. In this context, the analysis is focused on the construction of the urban space by the group, considering the hypothesis that the local culture of the original place of origin of the migrants from the north of Minas Gerais is one of the structural elements of construction of the referred space. Through the development of a theoretical-methodological way related to the presented empiricism, it was possible to prove that the cultural elements that occur in the north part of Minas Gerais like the parenthood, the compaternity, the family hierarchy and the job dynamics are transported to the urban space. In this way, it is assumed that the space from Minas, which generates a singular spaciality, is carried by the migrant to the “new” urban space, what constitutes a central element in the base of its construction.

Keywords: Space, culture, migration, north of Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Esquema 1 – A divisão do trabalho científico nas humanidades	24
Esquema 2 - A divisão tripartite do espaço proposta por David Harvey	37
Esquema 3 – O movimento do espaço	41
Esquema 4 – A dialética do ser	43
Esquema 5 – A dialética da espacialidade	45
Esquema 6 - A relação entre a construção abstrata e a construção empírica	47
Esquema 7 - As relações entre o espaço geográfico e a espacialidade	47
Esquema 8 - Esquema para o de trabalho de campo em Geografia	54
Esquema 9 – Síntese do trabalho de campo em Geografia – a etnografia geográfica	56
Esquema 10 – Síntese do trabalho de campo de nossa pesquisa	57
Esquema 11 – Elementos econômicos e sociais presentes no espaço de origem dos migrantes norte mineiros	69
Esquema 12- Grupos identitários presentes no espaço da região do norte de Minas	72
Esquema 13 – Mobilidade do migrante no espaço norte mineiro	77
Esquema 14 – Croqui modelo do sítio norte mineiro	81
Esquema 15 – O espaço construído pelo parentesco	83
Esquema 16 – O espaço construído pelo compadrio	84
Esquema 17 – O espaço construído pelo parentesco e compadrio	85
Esquema 18 – O papel do empreiteiro no processo migratório	118
Figura 1 – Municípios estudados do norte do estado de Minas Gerais	62
Figura 2 – Biomas brasileiro e a área estudada	70
Figura 3 – Localização dos povoados norte mineiros de origem dos migrantes	76

Figura 4 – Deslocamento no processo de migração	99
Figura 5 – Localização de Rio Claro (SP)	104
Gráficos 1 – Evolução da população nos municípios norte mineiros estudados	66
Organograma 1 – Estrutura do trabalho na zona rural de Monte Azul	80
Organograma 2 – Ocupação em uma turma de construção civil	120
Organograma 3 – Relação pai-empregado	122

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Proposta de categorias para uma análise geográfica da relação espaço-cultura	35

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 – Áreas dos municípios norte mineiros estudados	64
Tabela 2 – Populações dos municípios norte mineiros estudados	65
Tabela 3 – Ocupação dos municípios norte mineiros estudados	67
Tabela 4 – Arrecadação dos municípios norte mineiros estudados	67
Tabela 5 – Distribuição fundiária nos municípios norte mineiros estudados	68
Tabela 6 – Evolução populacional de Rio Claro (SP)	105
Tabela 7 – Rendimentos diários e mensais	120

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	16
1 - CAPÍTULO UM: ESPAÇO, CULTURA E TRABALHO DE CAMPO: DISCUSSÕES TEÓRICO–METODOLÓGICAS	22
1.1 - A interdisciplinaridade: As relações entre o espaço e a cultura	23
1.2 - O espaço geográfico	32
1.3 – A matriz espacial	35
1.4 - O movimento do espaço geográfico	40
1.5 - Cultura como conceito na/para geografia	49
1.6 - Metodologia de trabalho de campo	53
2 - CAPÍTULO DOIS: ESPAÇO E CULTURA EM MONTE AZUL	61
2.1 – Historicidade e sociabilidade: a história, a região administrativa e a economia local	63
2.2 - Catingueiros e nordestinos	69
2.3 – Espacialidades e sociabilidades entre os agricultores/migrantes norte mineiros	74
3 - CAPÍTULO TRÊS: MIGRAÇÃO - TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS	88
3.1 - Migração: fundamentos e contexto global	90
3.2 - O contexto local	93
3.3 - A saída: A motivação	95
3.4 - A chegada	99
4 - CAPÍTULO QUATRO: ESPAÇO E CULTURA EM RIO CLARO	103
4.1 - Rio Claro, o município, sua historia e sua condição socioeconômica	103
4.2 - Rio Claro e o grupo de migrantes norte mineiros	106

4.3 - Os migrantes no espaço de Rio Claro: O trabalho	108
4.4 - A espacialidade no trabalho do migrante caatingueiro: a interação entre espaços	121
5 - CAPÍTULO CINCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
5.1 - Da hipótese à tese	128
5.2 - Dinâmica cultural e construção do espaço	130
5.3 - O espaço como a dialética entre o rural e o urbano	131
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE	142
APÊNDICE A - A historicidade da região de Monte Azul	143
APÊNDICE B - A aproximação e a convivência com grupo	146
ANEXOS	151
ANEXOS A - Perfil do migrante mineiro	152
ANEXOS B - Perfil do agricultor e da propriedade	155
ÍNDICE	164

INTRODUÇÃO

Os ensaios reunidos neste livro foram escritos em condições variadas ao longo de um caminho progressivo, e por isso representam a história de um ponto de vista em evolução.

David Harvey, 1980, p. 2

Esta passagem extraída do livro *A justiça social e a cidade* do geógrafo David Harvey (1980) expressa totalmente a forma e a estrutura na qual trabalhamos para a confecção¹ desta dissertação.

O trabalho a ser apresentado tem na sua essência a proposta de analisar a relação entre o espaço e a cultura pela lente da ciência geográfica, voltada para um grupo de migrantes do norte do Estado de Minas Gerais que reside atualmente no interior do estado de São Paulo, enfatizando que a investigação do fenômeno espacial decorrente da situação apresentada abre perspectivas para a inter-relação entre a Geografia e as outras ciências sociais.

Entretanto, o caminho que objetivamos trilhar no decorrer do desenvolvimento do trabalho não consiste apenas na transposição de categorias das outras ciências sociais² para a Geografia, ou um trajeto inverso, mas sim, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, (re)pensar a capacidade da Geografia de analisar os fenômenos culturais a que se propõe. Trata-se, primordialmente de uma busca do entendimento da relação homem-meio, o que significa (re)pensar a posição do

¹ Aqui consideramos à confecção no sentido de artesanato, seria o artesanato intelectual ao qual Mills (1975) se refere.

² No caso o conceito de cultura.

homem e da cultura dentro da Geografia e, conseqüentemente, o seu significado para o entendimento do espaço geográfico.

Balizado nessa perspectiva, o trabalho tenciona trazer algumas contribuições ao debate sobre a teoria espacial e sua relação com o conceito de cultura, buscando transpor a idéia de que o espaço seja apenas um receptáculo para uma encenação cultural³, mostrando a sua inter-relação com a cultura no cotidiano do ser humano.

Na Geografia contemporânea, encontramos várias maneiras pelas quais podemos pensar a relação entre o espaço e a cultura⁴, mas acreditamos que para a compreensão do fenômeno espacial e da sociedade em geral, torna-se de extrema importância o desenvolvimento (formulação, definição, delimitação) de concepções singulares para os conceitos de espaço geográfico⁵ e de cultura. Partimos desse pensamento para desenvolvermos o nosso trabalho de pesquisa.

Assim, para um estudo teórico-empírico, da relação entre o espaço e a cultura, focaremos a análise na construção do espaço urbano por um grupo de migrantes do mundo rural norte mineiro, tendo como hipótese a seguinte afirmativa: a cultura do local de origem do grupo de migrantes é um dos elementos estruturadores da construção desse “novo” espaço cotidiano. Com isso, temos o objetivo de mostrar como a cultura “rural” dos migrantes estudados é um fator decisivo na construção do espaço urbano.

No estudo proposto vamos analisar um grupo de migrantes, oriundos especificamente da região circundante ao município de Monte Azul, localizado no norte do estado de Minas Gerais e que migraram para a cidade de Rio Claro, município situado no interior do estado de São Paulo, onde trabalham ligados à construção civil.

Nosso desenvolvimento teórico deve concentrar-se, principalmente, sobre as seguintes questões:

- a) A questão interdisciplinar: a integração entre uma imaginação geográfica e uma imaginação sociológica; a relação entre espaço e cultura;
- b) A teoria espacial: a adoção específica de uma matriz espacial;
- c) A questão antropológica: a delimitação do conceito de cultura;

³ Em nossa opinião a Geografia, principalmente a Geografia Cultural, é a visão predominante nos trabalhos realizados.

⁴ Principalmente por causa das variadas definições de espaço (Corrêa, 1995) e de cultura (Cuche, 2002).

⁵ Como colocado em Harvey (1980, p. 4).

d) A empiria: a discussão sobre a prática do trabalho de campo na pesquisa geográfica.

A partir da discussão desses pontos, pretendemos analisar a nossa hipótese de trabalho. Assim, esperamos que este trabalho contribua para o debate sobre os estudos da cultura no espaço geográfico, abrindo novas perspectivas para um fértil debate.

O tema e o problema

O real não está nem na saída nem na chegada; ele se dispõe para gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa

O tema do nosso trabalho de pesquisa – a construção do espaço - originou-se da intersecção, de um lado das preocupações com a realidade empírica advinda da vida cotidiana, e de outro, das questões referentes às reflexões sobre a problemática cultural através de uma análise geográfica (espacial).

Quando nos referimos à realidade empírica advinda da vida cotidiana, aludimos à “descoberta” do tema da pesquisa fazer parte da vida pessoal, fatos que permearam o nosso viver durante vários anos, os quais, também, contribuíram para a construção do nosso ser. O tema trabalhado no decorrer do texto refere-se à vida de pessoas com as quais convivemos por longo período, acompanhando seus momentos de felicidades, de conquistas; mas também de tristezas e angústias.

Por outro lado, essa realidade empírica vai se confrontar com as leituras acadêmicas, tanto da área geográfica, como das ciências sociais e humanas. Consequência desse movimento, a escrita do trabalho vai consistir na expressão, até o ponto que chegaram nossas reflexões, sobre a questão da relação entre o espaço e a cultura, e empiricamente, sua relação projetada no grupo estudado.

A motivação de nossa pesquisa é buscar respostas para o tema em questão, mas sempre procurando a articulação entre dois pólos: o teórico - o modo pelo qual a Geografia analisa a relação entre o espaço e a cultura - e o empírico - o desenvolvimento do fenômeno espacial tendo como ponto de partida a conexão entre um fato específico, a construção do espaço urbano por esses migrantes mineiros.

Esta busca, teleologicamente, se expressa concretamente na tentativa de entendimento da relação homem-meio a partir da expressão de interseção entre o espaço e a cultura.

Em nossa concepção de ciência, a Geografia, enquanto ramo do conhecimento, tem como tarefa principal a compreensão da relação homem-meio pela lente do espaço. Partindo dessa consideração, torna-se fundamental o questionamento sobre o modo no qual a análise espacial contribui para o entendimento da sociedade, implicando conseqüentemente na discussão do papel explicativo da Geografia. Assim, é instituída dentro do nosso trabalho uma discussão aprofundada sobre o modo de análise do espaço geográfico.

Portanto, o direcionamento analítico da dissertação apresenta a busca de um entendimento do fenômeno em questão, a partir do ponto de vista da Geografia, isto é, da espacialidade, da dimensão espacial da realidade sócio-cultural, da atribuição do espaço na construção da vida humana. Assim, a compreensão do fenômeno o qual pretendemos mostrar deve emergir de uma reflexão dos dados postos pela vida cotidiana, a partir da elaboração de um modo de análise singular do espaço.

Conseqüência desse contexto emerge a necessidade de se entender, em sua totalidade, a essência desse espaço, tendo como base a relação homem-meio através do espaço constructo e construído pelo homem. Desse modo, através do entendimento da sociedade, em suas questões emergentes do cotidiano como seu modo de vida, de pensar, de morar, de agir e etc. vamos buscar a matéria para o entendimento das perspectivas de realização do homem, que constroem um espaço para sua morada.

Em torno da idéia central

O processo de produção e reprodução da sociedade é ao mesmo tempo o processo de produção e reprodução do espaço geográfico na medida em que a produção da vida da sociedade, não é só produção de bens para satisfação de necessidades. Tal afirmativa envolve discutir a articulação entre as leis gerais da produção social.

Ana Fani Alexandri Carlos, 1986, p. 18

Uma questão básica e primordial vai percorrer todo o trabalho de pesquisa: existe uma relação necessária entre espaço e cultura? Espaço e cultura são

instâncias da realização com o mesmo peso? Ou o espaço seria a materialização das relações sócio-culturais num determinado momento histórico?

As respostas para essas indagações vão direcionar todo o trabalho de desenvolvimento teórico-metodológico, sempre referenciando a necessidade de entender como uma determinada parcela do espaço citadino é (re)construída e se a cultura proveniente de “outro” espaço exerce algum comando sobre este processo.

Na edificação particular do tema, temos como ponto de partida, a análise da construção do espaço urbano na cidade de Rio Claro pelo nosso grupo de migrantes, através de uma reflexão sobre os dados das suas vidas cotidianas, incluindo-se os percalços da pesquisa de campo, as indagações, as alegrias da descoberta, a sensação da impotência diante dos problemas, o contato com as pessoas, o silêncio dos olhares perplexos, o riso largo ou a indignação – que direta ou indiretamente auxiliam a realização deste trabalho.

Como colocado anteriormente, o principal fio condutor da investigação reside na hipótese que a cultura do espaço de origem (norte mineiro) é um dos principais elementos estruturadores da construção do espaço (e da vida) urbano (Rio Claro), mas considerando a grande relevância do fenômeno migratório e sua dinâmica como outro importante elemento estruturador desse processo de construção do espaço.

A migração proporciona um novo cenário (urbano) para o homem norte mineiro, constituindo não apenas uma simples mudança de “palco”, mas correspondendo a um ato que proporciona um (re)arranjo em todas as suas categorias de entendimento da realidade.

Assim, na medida de sua extensão no tempo e através do espaço, e além mesmo da extrema diversidade de situações às quais esta extensão o expõe, o fenômeno migratório, ao longo de todo a sua história – que se confunde com a própria história de nosso sistema econômico e sua realização – inscreve-se numa mesma lógica, governada, desde seus primórdios até seu estágio atual, tanto pelos determinismos econômicos, (isto é, pelos imperativos próprios à nossa economia), como também pelas categorias de nosso entendimento político que é, inclusive, um entendimento indistintamente social, econômico, cultural, moral, político (no caso específico, entendimento nacional, e mesmo nacionalista) e mental. (SAYAD, 2000, p. 9)

Com a finalidade de integrar a prática e a teoria, primeiramente, da questão espacial (ponto central da análise geográfica), fundamentada na relação homem-

natureza, efetuamos um desenvolvimento teórico da conceituação de espaço geográfico, com a intenção de possibilitar a captura da realidade empírica que nos é apresentada.

1- CAPÍTULO UM - ESPAÇO, CULTURA E TRABALHO DE CAMPO: DISCUSSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Isso pode parecer desencorajante, mas não podemos resolver dificuldades pretendendo que elas não existam.

David Harvey, 1980, p. 32

No conjunto dos trabalhos circunscrito à ciências geográficas, as questões sobre as teorias espaciais e suas relações com conceitos interdisciplinares e com a empiria sempre foram pouco tratadas. Em nosso caso de investigação, a construção do espaço urbano por um grupo de migrantes oriundos do espaço rural, encontramos a necessidade de realizar um desenvolvimento teórico que relacione o espaço, a cultura e a empiria devido a vários elementos temáticos encontrados no caso estudado.

A partir disso, pretendemos expor um capítulo que discuta as questões teórico-metodológicas calcados numa relação próxima entre a Geografia e as outras ciências sociais. Assim, inicialmente vamos buscar uma relação interdisciplinar, seguindo, intentamos trazer uma discussão sobre o conceito de espaço, desde sua definição abstrata até sua relação com a empiria. Em seguida delimitaremos o conceito de cultura. E, para finalizar discutiremos o papel do trabalho de campo em/para nosso contato com a empiria.

Neste capítulo não temos a pretensão de apresentar um sumário exaustivo de toda a literatura sobre o assunto, mas buscaremos aquela considerada pertinente e importante para esclarecer os conceitos e categorias utilizadas durante o trabalho.

Por uma questão de organização da explanação, o capítulo está dividido em quatro partes. A primeira, tratando de uma introdução à temática da relação interdisciplinar entre o espaço geográfico e a cultura, a interação entre o imaginário geográfico e o imaginário sociológico. Na sequência será desenvolvido um caminho teórico que expresse a conceituação das categorias geográficas, como o espaço e a espacialidade. Na terceira parte, a delimitação do conceito de cultura dentro do nosso trabalho é o principal elemento a ser explorado. E, na última parte, vamos discutir a questão da prática do trabalho de campo em nossa pesquisa.

1.1 - A interdisciplinaridade: As relações entre o espaço e a cultura

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?

Paul Claval, 2001, p. 40

Na verdade, o princípio de interdisciplinaridade é geral a todas as ciências. Foi Jaques Boudeville quem escreveu que “toda ciência se desenvolve nas fronteiras de outras disciplinas e com elas se integra em uma filosofia”. A geografia, a sociologia, a economia, são interpretações complementares da realidade humana.

Milton Santos, 1978, p. 102

As análises da ciência geográfica que focam seus objetos de estudo dentro de uma correlação com a cultura, essencialmente, estão buscando o entendimento das relações entre o homem e o meio através das expressões culturais no espaço geográfico, ou em outras palavras, tencionam entender como a cultura influencia e é influenciada na relação entre a vida natural e a vida em sociedade no espaço.

Ao realizarmos esse movimento analítico, temos em mente que o espaço se constitui no principal meio pelo qual o homem apreende o mundo da natureza e o mundo da cultura, portanto o espaço corresponderia a um veículo da cultura, que por sua vez, é a intermediação entre o homem e a natureza, assim o espaço seria uma expressão, um meio e uma condição para a relação entre a cultura e a natureza.

A questão da relação entre homem (cultura) e natureza é uma das discussões na filosofia e nas humanidades que têm uma longa história estabelecida e problematizada. Pode-se dizer que esta relação é a base do conjunto de disciplinas nascentes que, a partir do final do século XIX, viria a ficar conhecido como Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia, Ciência Políticas e também da Geografia⁶) (Esquema 1).

DIMENSÕES		DISCIPLINAS	
Social	_____	Sociologia	
Temporal	_____	História	
Política	_____	Ciência Política	
Cultural	_____	Antropologia	
Econômica	_____	Economia	
Espacial	_____	Geografia	
Psíquica	_____	Psicologia	
Outras	_____	demais Disc.	

Esquema 1 – A divisão do trabalho científico nas Humanidades
 Fonte: ABLER; ADAMS; GOULD, 1973, p. 55
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Consideramos a título de exemplo, a célebre conceituação de fato social oferecida por Émily Durkheim:

Aqui está, portanto, um tipo de fato que apresenta características especiais: consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, e dotadas de um poder coercivo em virtude do qual se lhe impõem. Por conseguinte, não poderiam ser confundidos com fenômenos orgânicos, visto consistirem em representações e ações; nem com os fenômenos psíquicos, por estes só existirem na consciência dos indivíduos, e devido a ela. Constituem, pois, uma espécie nova de fatos, aos quais deve atribuir-se e reservar-se a qualificação de sociais. Tal qualificação convém-lhes, pois, não tendo o indivíduo por substrato, não dispõem de outro para além da sociedade (...). (DURKHEIM, 1978, p. 88)

A partir dessa colocação, infere-se que a vida em sociedade pressupõe, decerto, uma existência puramente orgânica, por assim dizer animal, mas dela

⁶ Normalmente quando os geógrafos refletem sobre o relacionamento de sua disciplina com as demais, utilizam um modelo conceitual da divisão do trabalho científico que surgiu com a Nova Geografia Quantitativa. O esquema de segmentação do fenômeno humano entre as Ciências Sociais de Abler, Adams e Gould (1973, p. 55) é típico.

prescindiria como categoria explicativa na medida em que o fato social se realiza num plano superior, tecido pelas determinações de uma substância diversa, supra-individual, mas ainda assim constituída de maneiras de agir, pensar e sentir: representações e ações, a *cultura*.

Em contrapartida, com esta independência do objeto das ciências sociais, abre-se um caminho para a reserva do domínio do natural a um ramo diverso de investigação, apropriadamente designado como ciências *naturais*.

Ribeiro (2003) resume esta compartimentação dos objetos, objetivos e métodos da seguinte forma:

(...) as ciências naturais terão, como conceito-chave, o de natureza (*physis*) – algo que se pretende descobrir, controlar, manipular. E as ciências humanas se concentrarão no conceito de cultura ou de educação, entendendo-se que o ser humano é formado, construído, em vez de estar pronto ou dado. (RIBEIRO, 2003, p. 18)

Assim, na referida divisão de trabalho, dentro do campo científico⁷, a Geografia se posicionou desde sua sistematização, como uma disciplina na intersecção das Ciências Sociais e das Ciências Naturais. Resultado disso, o pensamento geográfico apresenta uma forte complexidade quanto à sua definição conceitual e metodológica, além de encontrar a dificuldade de possuir um objeto de estudo bem delimitado e definido, devido a ele reunir uma série de objetos comuns a outras ciências (CAPEL, 2007; MENDONÇA, 1998; 2001).

Desse modo, a Geografia adotou como característica teórico-metodológica toda esta complexidade, na medida em que se propôs a ser uma ciência ponte (“ciência de síntese”) entre os aspectos da natureza e os aspectos da sociedade, ou entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas.

Portanto, resultado da sistematização teórico-metodológico da disciplina, a *episteme* geográfica se caracterizou ao longo da sua história, como tendo por objeto de estudo as relações entre o homem e o meio (natureza), se concentrando assim no estudo do espaço geográfico (SUERTEGARAY, 2001; SANTOS, 1978, 1997, 2008;

⁷ A sociedade, que deve ser, finalmente, a preocupação fundamental de todo e qualquer ramo do saber humano, é uma sociedade total. Cada ciência particular se ocupa de um dos seus aspectos. O fato de a sociedade ser global consagra o princípio da unidade da ciência. O fato de essa realidade total que é a sociedade, não se apresentar a cada um de nós, em cada momento e em cada lugar, senão sob um ou alguns dos seus aspectos, justifica a existência de disciplinas particulares. Isso não desdiz o princípio da unidade da ciência, apenas entroniza outro princípio fundamental, que é o da divisão do trabalho científico. (SANTOS, 1978, p. 115)

MAIA, 2009). Para a epistemologia geográfica o tratamento dos aspectos sociais e naturais, dentro de suas fronteiras como disciplina única, constitui-se em um dos seus grandes problemas, desde sua origem. A dificuldade de análise ou do trabalho conjunto destes dois elementos caracterizou todo o desenvolvimento da Geografia e, contrariamente à sua evolução, quando se poderia imaginar que tal divisão seria superada, ficou cada vez mais evidente, e se configurou como um dos mais fortes problemas para a unicidade da ciência geográfica⁸.

Como consequência de toda esta discussão epistemológica sobre a evolução do pensamento geográfico e a questão da unidade na explicação da relação homem-natureza, temos a convicção da necessidade de um esforço teórico-metodológico para a realização de uma análise que não contemple somente o espaço (imaginação espacial) ou a cultura (imaginação sociológica), mas que permita uma verdadeira integração entre ambos.

Para isso, tencionamos seguir um caminho que metodologicamente objetive conciliar estas duas formas de pensamento - a forma geográfica (o espaço como meio) e a forma sociológica (a cultura), sendo que, os termos cultura e espaço, geralmente, são trabalhados metodologicamente de modos diferenciados, em muitos casos sem nenhuma correlação teórica-analítica.

A necessidade dessa integração se constitui em um ponto central para as análises decorrentes da nossa problemática, pois a explicação da construção espacial urbana estruturada pela cultura norte mineira vai perpassar pela interação desses dois tipos de imaginações. Como exemplo dessa necessidade temos as instituições culturais do parentesco e do compadrio, os quais são constituídos no espaço norte mineiro e serão elementos centrais para o conjunto de relações espaciais presentes na construção do espaço urbano rioclarense pelo grupo estudado de migrantes.

As discussões da relação entre o espaço e a cultura, dentro da ciência geográfica, em nosso entendimento perpassam necessariamente pelo debate sobre a conexão entre os processos sociais e os processos espaciais, que são na maioria das vezes, distintos nas concepções acadêmicas.

Com o intuito de evitar a ausência dessa correlação, muito importante para as análises em nossa pesquisa sobre a relação do homem norte mineiro com seu

⁸ Para ver um melhor desenvolvimento dessa situação, ver artigos sobre a abordagem Simétrica (MAIA, 2008a, 2008b, 2008c).

espaço circundante, no caminho a ser traçado torna-se fundamental a procura de uma conciliação dessa aparente ruptura, do que aparentam serem duas modalidades irreconciliáveis de análise.

O debate sobre as interações entre a imaginação geográfica e a imaginação sociológica, dentro da episteme geográfica, tem sua origem no momento em que o geógrafo vai buscar mais profundamente o entendimento do significado do espaço em sua relação com os processos e os comportamentos da vida social contemporânea. No debate sobre a integração de imaginações, temos como ponto referencial Harvey (1980), que parte da definição da imaginação geográfica como uma

(...) imaginação [*que*] habilita o indivíduo a reconhecer o papel do espaço e do lugar em sua própria bibliografia; a relacionar-se aos espaços que ele vê ao seu redor, e a reconhecer como as transações entre os indivíduos e entre as organizações são afetadas pelo espaço que os separa. Isto conduz a reconhecer o relacionamento que existe entre ele e sua vizinhança, seu território ou, para usar a linguagem dos grupos de rua, seu “pedaço”. (...). Isto o conduz também, a escalar e a usar, criativamente, o espaço, e a apreciar o significado das formas espaciais criadas pelos outros. (HARVEY, 1980, p. 14-15)

Harvey (1980) utiliza a definição para vincular um contraste com a expressão utilizada pelo sociólogo norte-americano Wright Mills (1975), a *imaginação sociológica* (“sociological imagination”), que a define como sendo uma consciência específica sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade. Essa consciência consiste no elemento que permite a compreensão das ligações existentes entre o nosso ambiente social, pessoal imediato e o mundo social, impessoal que nos circunda e que colabora para nos moldar. Com isso, a *imaginação sociológica* permite olhar para além de uma compreensão limitada do comportamento humano, ver o mundo e as pessoas de uma forma nova, através de uma lente mais potente que o nosso olhar habitual (MILLS, 1975, p. 38)⁹.

⁹ As definições de Harvey e de Wright Mills, como podemos observar, não estão confinadas dentro das fronteiras das suas próprias disciplinas (Geografia e Sociologia), sendo que, conceitualizam as imaginações sempre relacionados aos *hábitos da mente* ou, mais formalmente, em discursos que transcendem as disciplinas particulares.

Partindo dessas vinculações, Harvey apresenta uma tentativa de construir uma ponte entre as imaginações sociológicas e as geográficas¹⁰, colocando que esta representa um grande avanço teórico-metodológico¹¹, constituindo, assim, uma “única estrutura conceitual” (HARVEY, 1980, p. 17)¹² que integre elementos geográficos e sociológicos.

Quando nos deparamos com nossas questões empíricas, observamos que a distinção entre as imaginações geográfica e sociológica são artificiais, sendo que confrontamos com indagações complexas, onde as relações entre a cultura e o espaço geográfico se interrelacionam, produzindo e sendo produtos da vida humana em sociedade. Este fato pode ser constatado em nosso trabalho a partir do momento em que analisamos a organização espacial dos sítios pertencentes aos agricultores/migrante norte mineiros, onde as relações de gênero, hierarquia, parentesco e compadrio vão refletir e serem reflexo nessas configurações espaciais específicas.

Dessa forma, constitui peça fundamental para a construção do corpo teórico da nossa pesquisa a tentativa de conciliação entre a imaginação sociológica e a imaginação geográfica. Para isso, um dos pontos centrais em nosso desenvolvimento teórico está na consideração das formas espaciais, não como objetos inanimados dentro dos quais os processos sociais se desenvolvem, mas como coisas que “contém” os processos sociais, considerando, assim, os processos sociais como espaciais.

Retratar bem a interpretação do processo social e da forma espacial, que nasce da prática humana, é um problema implícito a ela, a ser superado por ela mais do que um problema que se ligue às propriedades da realidade em si. (HARVEY, 1980, p. 2-3).

Assim, o ponto de partida para a construção de um corpus teórico-metodológico que objetive a integração dos referidos imaginários, deve consistir na idealização de uma estrutura conceitual adequada para o entendimento da relação

¹⁰ Este constitui um dos objetivos implícitos do livro *A justiça social e a cidade*.

¹¹ Comentando sobre o ponto central nas análises sobre questões relacionadas às cidades.

¹² Temos que o caminho para uma análise integrada do homem com o meio está na busca da integração das imaginações sociológicas e geográficas. Armando Corrêa da Silva na introdução do livro *A justiça social e a cidade* coloca que a preocupação central de D. Harvey é a da unidade do social e do natural.

entre o espaço e a cultura, constituída pelas interações entre as imaginações sociológica e geográfica, como colocado por Harvey¹³:

Devemos relacionar o comportamento social, de acordo com a geografia e a forma espacial que a cidade assume. Devemos reconhecer que uma vez criada uma forma espacial particular, ela tende a institucionalizar e, em alguns aspectos, a determinar o futuro desenvolvimento do processo social. Precisamos, sobretudo, formular conceitos que nos orientem a harmonizar e integrar estratégias capazes de lidar com as complexidades do processo social e os elementos da forma espacial. (HARVEY, 1980, p. 17)

Para isso, a articulação de uma conceituação de espaço geográfico (imaginação geográfica) e a delimitação de um conceito de cultura (imaginação sociológica) são elementos essenciais para o entendimento da forma espacial como resultante da relação entre o espaço e a cultura. Para isso buscamos referências em alguns trabalhos que tentam essa inter-relação.

Um bom exemplo consiste no trabalho de Lévi-Strauss (1963), que mostra como a configuração espacial de uma aldeia indígena, numa cultura primitiva, pode refletir em detalhes a mitologia da população e as relações sociais que existem entre seus grupos internos.

Outro exemplo é o trabalho de Woortmann sobre o sítio camponês (WOORTMANN, 1981; WOORTMANN & WOORTMANN, 1997), no qual expõe ao longo das evidências empíricas a clara integração das imaginações sociológica e geográfica:

(...) procuramos focalizar o sítio camponês enquanto um sistema de espaços diversificados, complementares e articulados entre si, sistema esse que se reorganiza através do tempo como resposta ao processo histórico de expansão da propriedade pecuarista. (WOORTMANN, 1981, p. 165)

Os referidos trabalhos vão mostrar como o sítio é um sistema de espaços articulados, física e socialmente, entre si. Em etnografias com camponeses da região do agreste e sertão de Sergipe, temos indicado como o espaço é pensado e construído pelos sítiantes, como um todo, na qual as partes se interligam.

¹³ Em relação à questão urbana.

Esse trabalho se aproxima muito da situação encontrada nas propriedades dos agricultores/migrantes norte mineiro por nós estudados, onde os espaços presentes nos sítios vão dimensionar as relações sociais presentes naquele local. Dentro das propriedades familiares os espaços singulares e suas articulações vão expor a composição da organização social da família para o trabalho e para a vida cotidiana. Outro elemento importante, que diz respeito com a questão do sistema de espaços articulados, estão relacionados à vizinhança, que é um dos elementos fundadores do parentesco e do compadrio, instituições culturais de extrema importância para a sociabilidade e espacialidade locais.

Assim, através da integração das imaginações espaciais e sociológicas objetivamos mostrar como esses “sistemas de espaços diversificados” não são elementos “dados”, mas um conjunto complexo constituído ao longo da vivência espacial. Por isso, a importância do entendimento dos espaços vividos pelos migrantes norte mineiros, permitirá uma análise do complexo espacial no qual são refletidas as relações de reprodução social – o parentesco (herança, venda, troca), o compadrio e as estratégias migratórias (recursos trazidos de São Paulo, produtos do trabalho assalariado e da contenção de despesas) – presentes no grupo estudado.

Também podemos encontrar este esforço de integração das imaginações no trabalho de Bourdieu (1999) quando aborda os “efeitos de lugar” (BOURDIEU, 1999, p. 159-66) sobre os subúrbios e guetos com sérios “problemas sociais” em Paris. Bourdieu coloca a importância da consideração dos elementos espaciais como um importante item dentro da configuração do processo.

Não se pode romper com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos *lugares* a não ser com a condição de proceder a uma análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico. (BOURDIEU, 1999, p. 159)

Dentro desse quadro, revela que a conceituação de espaço é um dos componentes responsáveis para a naturalização de distinções sociais

As grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico (por exemplo, capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de

apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não-chique, etc.). (BOURDIEU, 1999, p. 162)

Com esta discussão metodológica, Bourdieu vai concluir que as questões e problemas relacionadas com os subúrbios e os guetos estão nas relações entre o espaço social e o espaço físico

O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não tem em comum senão sua comum excomunhão. (BOURDIEU, 1999, p. 166)

Outro ponto referencial a ser considerado, são as considerações teórico-metodológicas de Massey (1984, 1994, 2008), que em suas reflexões sobre o modo de pensar o espaço procura realizar a ponte entre as imaginações geográficas e sociológicas.

(...) o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele molda nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros. E isso é ao mesmo tempo um prazer e um desafio. (MASSEY, 2008, p. 17)

Inspirados nos exemplos anteriores, o caminho teórico metodológico que objetivamos traçar perpassa o estabelecimento de um entendimento particular do espaço, que só ganha significado em termos de “relacionamentos significativos” com a cultura, que não pode ser determinado independentemente do estado cognitivo dos indivíduos que o compõem, e do contexto no qual eles se encontram. Assim, o espaço geográfico, em nosso pensamento teórico, é visto como um complexo de elementos culturais que constroem sua estrutura, mas também como um algo que é a condição e o meio para a reprodução desses mesmos elementos culturais.

Portanto, a compreensão do espaço pertencente ao grupo estudado (tanto o espaço de Monte Azul (MG) como o espaço citadino em Rio Claro (SP)) é complexa, e se tencionamos estudar sua construção, necessitamos considerar, além do caráter físico, seus significados culturais, que orientam o comportamento do homem norte mineiro.

O desenvolvimento desse ponto de vista sobre o espaço geográfico específico, possibilita uma profícua integração das imaginações geográficas e sociológicas, devido à necessidade da compreensão apropriada dos processos sociais e espaciais em toda sua complexidade.

Para o desenvolvimento teórico da integração das referidas imaginações temos que explorarmos o conceito de espaço geográfico. Em nosso entendimento, devido às necessidades oriundas das análises empíricas presentes, temos a convicção da busca de um caminho teórico-metodológico que permita um instrumental para o entendimento da dinâmica entre a cultura e a construção dos espaços vivenciados pelo grupo estudado. Para isso temos que caminhar para uma conceituação singular de espaço geográfico e cultura que possibilitem um movimento de integração de imaginários.

1.2 - O espaço geográfico

Visando o desenvolvimento teórico-metodológico, que objetive uma integração entre as referidas imaginações geográfica e sociológica, partiremos das discussões sobre os elementos que dão suporte conceitual à ciência geográfica, seus conceitos e suas categorias.

A definição de espaço geográfico como a categoria central da Geografia, permite o desenvolvimento de uma base teórica que sustente as análises geográficas, isto é, a determinação de ferramentas que busquem capturar/apreender a relação da categoria principal com a realidade empírica (MOREIRA, 2007).

Com isso, para uma 'interpretação' do espaço geográfico; a sua gênese, a sua dinâmica e a sua evolução; necessitamos inicialmente, conceitualizá-lo, para posteriormente delimitarmos as suas categorias analíticas. Sem este procedimento estaríamos impossibilitados de desmembrar o todo através de um processo de análise, para reconstruí-lo depois através de um processo de síntese.

Desse modo, em nosso entendimento, toda análise feita dentro da disciplina geográfica parte de uma formulação do conceito de espaço geográfico, sendo a categoria principal e definidora do campo de atuação da particular área da ciência. A importância deste fato é destacada por Harvey, afirmando que “(...) naturalmente a própria consideração do espaço e espaço-tempo tem crucial efeito sobre as teorias e entendimentos que particularmente se desenvolvem” (HARVEY, 2006, p. 129).

Assim, a partir da categoria de espaço a episteme geográfica vai desenvolver um arcabouço de categorias analíticas, para a realização de leituras do espaço geográfico, ou seja, as categorias analíticas serão as perspectivas balizadoras da Geografia.

Ao longo do desenvolvimento da história do pensamento geográfico, o conceito de espaço encontrou várias definições (CORRÊA, 1995), conseqüentemente, várias categorias analíticas foram desenvolvidas com a intenção de auxiliar seu entendimento. Cada conjunção hierárquica (níveis ou camadas) dessas categorias analíticas em relação ao conceito de espaço adotado, expressa uma possibilidade de leitura do espaço geográfico. A partir disso, vários caminhos metodológicos, dentro do pensamento geográfico, foram trilhados; todos objetivando desenvolvimentos que procurem capturar a relação do espaço com a sociedade; a relação homem e meio através do espaço geográfico.

A partir da análise e debate dos caminhos metodológicos (SANTOS, 1978, 2008, MOREIRA, 2007; SUERTEGARAY, 2001; MARTINS, 2007) na literatura geográfica (MAIA, 2009a; MAIA; ALVES, 2009; ALVES; MAIA, 2009), compreendemos que a busca das categorias metodológicas constitui um importante elemento dentro de nosso estudo, sendo que (e somente assim) podemos almejar uma integração de imaginários (geográfico e sociológico).

Desse modo, torna-se importante a definição das categorias, conceitos e caminhos metodológicos que estruturam nossa base teórico-metodológica. Dessas definições devemos nos pautar por alguns pontos-chaves, para que seja priorizada a integração de imaginários dentro de nossa análise geográfica¹⁴ dos objetos de estudo. Estes pontos, em nosso entendimento (MAIA, 2009), são:

- 1) a definição de que a Geografia se caracteriza como tendo por objeto de estudo as relações entre o homem e o meio (natureza), se concentrando

¹⁴ Quando nos referimos a uma análise geográfica intencionamos indicar um tipo específico de análise que parte das categorias da Geografia.

assim no estudo do espaço geográfico, categoria central da ciência geográfica;

- 2) a definição conceitual de espaço geográfico (categoria central) é de vital importância para o desenvolvimento das categorias operacionais (analíticas);
- 3) as categorias analíticas são as categorias que assumiremos para “captura” desse espaço;
- 4) a definição de um apropriado caminho metodológico que faz a transposição entre a categoria de espaço as outras categorias (analíticas e ‘auxiliares’¹⁵);
- 5) a definição-delimitação das categorias auxiliares.

Após a discussão sobre a importância das definições sobre as categorias dentro da episteme geográfica, objetivamos vislumbrar um caminho metodológico que permita uma aproximação com a realidade, permitindo uma análise geográfica da relação entre o espaço e a cultura.

Partimos da seguinte proposição: *para fazermos uma análise geográfica da relação entre o espaço e a cultura temos que investigar como se dá a relação homem-meio no espaço geográfico. Como o espaço geográfico é uma categoria que expressa à articulação da natureza com a sociedade, e é a categoria central da geografia, temos que capturá-la, em sua unicidade de objeto e na sua multiplicidade de elementos caracterizadores.*

Para a construção de um caminho metodológico que perpasses a preposição colocada temos a necessidade de definição de alguns pontos-chaves:

- 1) a definição conceitual de espaço geográfico;
- 2) a definição da categoria analítica que assumiremos para a “captura” desse espaço;
- 3) o caminho metodológico que faz a transposição entre a abstração e o empírico;
- 4) qual a definição (delimitação) das categorias auxiliares.

¹⁵ Chamamos de categorias auxiliares as categorias que não são geográficas.

Dentro desse quadro, para o estudo dos migrantes mineiros e suas espacialidades¹⁶, vamos empregar para uma análise geográfica da relação entre o espaço e a cultura. Propomos a utilização do conceito de espaço geográfico como concebido por Harvey (2006), com a espacialidade como uma categoria analítica e a cultura num sentido antropológico tendo a função de “categoria auxiliar” (conforme o Quadro 1), mas, sempre lembrando que para utilização conjunta, as categorias geográficas e auxiliares terão que estar dentro de um paradigma de integração entre a imaginação geográfica e a imaginação sociológica.

Quadro 1 – Proposta de categorias para uma análise geográfica da relação espaço-cultura

Categoria principal	Espaço geográfico
Categoria operatória	Espacialidade
Categoria “auxiliar”	Cultura

Organização: Adriano Corrêa Maia

Como consequência desse desenvolvimento tencionamos um embasamento teórico-metodológico para as análises das interações entre o espaço geográfico e a cultura.

1.3 - A matriz espacial

Em realidade, para ter sucesso é, antes de tudo, preciso partir do próprio objeto de nossa disciplina, o espaço, tal como ele se apresenta, como um produto histórico, e não das disciplinas julgadas capazes de apresentar elementos para sua adequada interpretação.

Milton Santos, 1978, p. 111

Conforme colocado anteriormente, o espaço é o principal elemento teórico dentro de uma análise geográfico. Desse modo, para a nossa definição (delimitação)

¹⁶ No espaço de origem na “região de Monte Azul (MG) e no espaço de destino em Rio Claro (SP).

da categoria espaço inicialmente, vamos nos referenciar nas reflexões de Harvey (1969, 1979, 1980, 1996, 2006).

Harvey, como sempre fez questão de ressaltar, coloca que seus apontamentos sobre o espaço sempre partem do “ponto de vista do geógrafo” (HARVEY, 2006), uma vez que o espaço é um conceito discutido por várias outras disciplinas científicas. Harvey (1980) também aponta a importância de se refletir sobre a natureza filosófica do conceito de espaço dentro da Geografia, sendo que, somente e a partir destas reflexões consolidadas temos ferramentas para um “possível” entendimento dos processos espaciais.¹⁷

Partindo de algumas reflexões sobre o espaço realizadas em *Explanation in Geography* (HARVEY, 1969), em *Justiça Social e a Cidade*, Harvey (1980) propõe sua concepção de espaço, uma divisão tripartite para o modo de entendimento do conceito de espaço:

Se tomarmos o espaço como absoluto ele se torna uma “coisa em si mesma” com uma existência independente da matéria. Ele possui então uma estrutura que podemos utilizar para clarificar ou para individualizar fenômenos. A característica de um espaço relativo propõe que ele deve ser entendido como uma relação entre objetos, a qual existe somente porque os objetos existem e se relacionam. Há outra aceção segundo a qual o espaço pode ser tomado como relativo, e proponho chamá-lo espaço relacional – espaço tomado, à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto existe somente na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações com outros objetos. (HARVEY, 1980, p. 4-5).

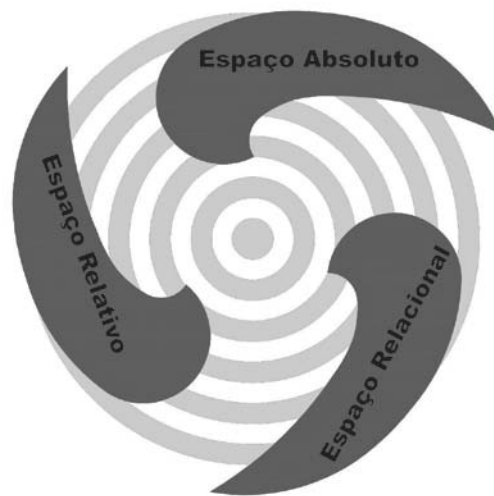
Assim, Harvey concebe o espaço geográfico constituído por três elementos conceituais distintos, uma divisão tripartite composto pelos espaços absoluto, relativo e relacional (cf. esquema 02).

1.3.1 - O espaço absoluto

¹⁷ No caso, o objetivo de David Harvey é uma tentativa de compreensão do fenômeno do processo urbano sobre o efeito do capitalismo.

A acepção de espaço absoluto, colocada por Harvey, está relacionada com o espaço fixo, o palco para o desenrolar da vida cotidiana, no qual construímos nossas ações dentro de sua estrutura.

Este espaço, na filosofia moderna, é o espaço cartesiano e newtoniano, sendo representado como algo *a priori*, constituído por eixos imaginários imobilizados responsáveis por padronizar as suas medidas e permitindo, com isso, seu cálculo matemático (HARVEY, 2006).



Esquema 2 - A divisão tripartite do espaço proposta por David Harvey
Adaptada: HARVEY (1980, 2006); SOJA (1996, 2000)
Organização: Adriano Corrêa Maia

Geometricamente é o espaço euclidiano e, portanto, o espaço que possibilita procedimentos de cadastramento e mapeamento, além da instalação de práticas de engenharia. Este é o primeiro espaço de individualização – *res extensa*¹⁸ como colocado por Descartes – sendo presente em todos os fenômenos que incluem as pessoas individualmente (DONATELLI, 2008). Socialmente, é o espaço da propriedade privada e outros territórios delimitados (o estado-nação, as unidades administrativas estaduais e municipais). Assim, quando Descartes buscou um entendimento do espaço, o mundo como um sentido de materialidade, este era o mundo do espaço absoluto (e tempo) no qual todas as incertezas e ambiguidades

¹⁸ *Res extensa* na filosofia de Descartes significa coisa extensa (matéria), a qual se opõe o *res cogitans* (o sujeito pensante).

poderiam, a princípio, serem suprimidas e na qual a matemática inevitavelmente poderia buscar seu controle.

Com relação ao nosso caso de estudo, o espaço absoluto circunscrito aos migrantes corresponderia a sua localização absoluta, podendo ser constituído por suas casas em Rio Claro, sua localização no momento em que estão trabalhando na construção civil, a localização da casa de um “compadre” ou quando estão no norte mineiro, na feira de Monte Azul ou no sítio onde nasceram.

1.3.2 - O espaço relativo

O espaço relativo, dentro da matriz harveniana, tem seu entendimento ligado às relações entre diferentes objetos, vendo o espaço por distintas posições, mas sendo, ainda, um receptáculo, já que é indiferente ao que lá acontece (JESSOP, 2006).

A noção de espaço relativo está associada, principalmente, a Einstein e à geometria não-euclidiana¹⁹, sendo constituído por múltiplas geometrias, na qual a estrutura espacial é definida sempre a partir de um ponto de referência. Einstein mostrou que todas as formas de mensuração dependem de uma estrutura de referência, do observador, assim, desbancando a ideia de simultaneidade no universo físico. Deste modo, Einstein demonstra a impossibilidade de entendimento do espaço independentemente da sua relação com o tempo, com isso alterando toda concepção dicotômica de espaço e tempo, que passa a ser denominada de espaço-tempo ou relativo á espaço-temporalidade (CRAIG, 2008).

Deste modo para a conceituação espacial dentro da disciplina geográfica, espaço relativo diferencia-se do absoluto por não ser uma extensão preexistente, mas algo constituído pelas coisas: o valor de cada elemento se dá na relação com um observador (localização, distância). Conseqüentemente, a partir da noção de espaço relativo, torna possível pensar em um espaço construído, em um espaço humano.

¹⁹ A qual foi sistematizada a partir do século XIX.

A principal decorrência dessa elaboração conceitual, é que o espaço geográfico torna-se o espaço construído pelas sociedades e, portanto, o espaço social, onde o ponto de vista do observador disputa um papel crítico²⁰.

Dentro de toda esta relativização referencial do conceito de espaço, é importante observar, que não houve necessariamente uma redução ou uma eliminação da capacidade de cálculo matemático, planejamento ou de práticas de engenharia, mas sim a indicação do papel que as leis espaciais possuem em relação aos fenômenos particulares (CORRÊA, 1996).

Com relação ao nosso caso de estudo, o espaço relativo referente aos migrantes mineiros corresponde à sua posição temporal relacionada à sua localização absoluta (distância). Corresponde à distância entre sua casa e o trabalho na construção civil, à distância entre a cidade de Rio Claro (SP) e o espaço norte mineiro, à distância relacionada à sua vizinhança, entre outras.

1.3.3 - O espaço relacional

Na concepção relacional de espaço, os processos não ocorrem *in* espaço, mas definem suas próprias redes, assim o conceito de espaço é interno ao processo. Esta formulação implica, como na noção de espaço relativo, a impossibilidade de desembaraçar a relação do espaço com o tempo. Conseqüentemente, na consideração do espaço relativo devemos, primordialmente, levar em consideração a relacionalidade do espaço-tempo, antes que um espaço isolado.

O conceito relacional de espaço é associado à filosofia de Leibniz²¹ que, em sua famosa série de cartas para Clarke (LEIBNIZ, 1988), buscou uma conceituação que refutasse as formulações de espaço e tempo absolutos da teoria de Newton²².

²⁰ Um exemplo disso temos na diferença de compreensão da relação espaço-temporal do ritmo de acumulação de capital, a qual utilizamos uma estrutura de entendimento bastante diferente da requerida para entendimento da dinâmica das mudanças climáticas (condições meteorológicas) global.

²¹ A conceituação de espaço de Leibniz está ligada ao seu desenvolvimento sobre concepção de mônoda.

²² O objetivo principal de Leibniz era teológico, uma vez que, as formulações de Newton colocavam até Deus como parte interna do espaço e tempo absolutos, antes de uma ordem de espaço-temporalidade. Assim, a visão relacional de espaço definida por Leibniz assegura que Deus está na parte de fora dos processos que definem o espaço e tempo.

A noção relacional²³ de espaço-tempo implica na idéia de relações internas; influências externas são internalizadas em processos específicos ou coisas dentro do tempo. Um evento ou alguma coisa em um ponto no espaço não pode ser entendido somente pelos elementos existentes naquele ponto, depende também, do que está em sua volta. Para a definição da natureza de um ponto no espaço, temos então, uma grande variedade de influências desiguais sobre ele (o passado, presente e futuro concentrados e congelados em certo ponto) (HARVEY, 2006).

Com relação ao nosso caso de estudo, o espaço relacional é o espaço do migrante no qual sua posição atual é influenciada por outras experiências espaciais, é o espaço do seu trabalho que é influenciado pelo trabalho que realizava em Minas, é o espaço do cotidiano que é influenciado por sua condição de migrante (mobilidade, saudade). O espaço relacional vai conectar os espaços de origem e o espaço presente vivenciado por esses migrantes, sendo que a origem sempre vai estar presente na construção dos seus espaços cotidianos, uma vez que a cultura vai ser carregada por esses espaços conjuntamente com o “ser” do migrante.

1.4 - O movimento do espaço geográfico

Através da matriz espacial proposta por Harvey, temos definido o retrato teórico do conceito de espaço geográfico como uma divisão tripartida: o espaço absoluto, o espaço relativo e o espaço relacional.

A partir desse ponto, temos o surgimento de importantes indagações dentro do nosso desenvolvimento teórico-metodológico. Como é dada a utilização dessa matriz? Qual método de aproximação espaço-tempo é mais profícuo para análise da nossa realidade empírica? Qual e como devemos utilizar esta conceituação de espaço? Devemos utilizar relacionalmente o conceito de espaço absoluto, relativo ou

²³ A partir dessa conceituação de espaço, o terreno relacional sobre o espaço ganha possibilidades de leitura dentro da ciência geográfica. O terreno relacional tem sido trabalhado por muitos pensadores da filosofia moderna e contemporânea, que durante anos, tem aplicado esforços para refletirem sobre as possibilidades de “relações de pensamento”. São exemplos os filósofos Alfred North Whitehead (1993), que proporcionou um avanço neste campo, e Gilles Deleuze, que da mesma forma expressou estas idéias, principalmente quando desenvolveu suas reflexões sobre Leibniz (com reflexões sobre arquitetura barroca e a matemática) e Spinoza (DELEUZE 1991; 2002).

relacional, então, qual a posição hierárquica em que se encontram? São questões que se apresentam²⁴.

A resposta para as indagações anteriormente colocadas, inspirada em um modo relacional de pensamento, está dentro do nosso contexto empírico, o qual direcionará a conceituação de espaço proposta, traçando uma “rede”²⁵ entre os espaços absoluto, relativo e relacional.

Desse modo, temos que o movimento do espaço é constituído por uma inter-relação entre seus elementos formadores: o espaço absoluto, o espaço relativo, o espaço relacional (cf. esquema 03).



Esquema 3 – O movimento do espaço
Adaptada: HARVEY (1980, 2006); SOJA (1996, 2000)

²⁴ O caminho epistemológico, para Harvey (1980, p. 4-5) está pautado na discussão sobre a natureza do espaço, que nega o caráter ontológico do espaço, abrindo, desse modo, possibilidades para se trabalhar a relação e o movimento dos elementos internos da conceituação adotada : “ (...) espaço é nem absoluto, relativo ou relacional nele mesmo, mas ele pode torna-se um ou todos simultaneamente dependendo das circunstâncias. O problema de propor uma conceitualização do espaço está resolvida dentro da prática humana com respeito a ela. Em outras palavras, onde são não filosóficas perguntas para filosóficas questões que levantam-se sobre a natureza do espaço – a questão morreu na prática humana. A questão “o que é espaço?” é conseqüentemente substituída pela questão “como é que diferentes práticas humanas criam e fazem uso das diferentes conceitualizações de espaço?” a propriedade de relação, por exemplo, criação de espaços absolutos dentro o qual controle monopólio pode operar. O movimento de pessoas, bens, serviços, e informações pegam lugar no espaço relativo porque eles pegam dinheiro, tempo, energia, e como para superar a fricção da distância. Parcelas de terra também capturam benefícios porque contêm relações com outras parcelas na forma de aluguel de relação espaço vindo dentro dele próprio como um importante aspecto de prática social humana.” (HARVEY, 1980, p. 5).

²⁵ Rede no sentido dado por Latour (1994; 2005), como uma lógica de conexões e não de superfícies, assim, definidas por seus agenciamentos internos e não por seus limites externos.

Organização: Adriano Corrêa Maia

Sintetizando, temos que a utilização da concepção de espaço proposta está conectada com a natureza do fenômeno investigado, sendo interessante a princípio que os três elementos formadores do conceito (absoluto, relativo e relacional) estejam em constante tensão e movimento.

Neste ponto, para a continuidade da apuração conceitual de espaço geográfico, em seu movimento e sua relação com a empiria, vamos recorrer ao desenvolvimento teórico proposto por Soja (1996; 2000)²⁶.

So what I want to do instead is intervene in Soja's dialectical flow, try to pin him down a little bit, freeze-frame his notion of the "trialectic", turn the engine off just for a while and unpierce his machine, bit by bit, byte by byte, to determine its constitutive nature. (MERRIFIELD, 1999)²⁷

Para as questões relacionadas às dinâmicas dos elementos internos presentes no conceito de espaço, Soja (1996, p. 60-70) apresenta o termo trialética com o objetivo de buscar "um modo de raciocínio que é mais inerentemente espacial que a convencional definição temporal de dialética de Marx ou Hegel" (SOJA, 1996, p. 10). Assim, contrastando com a dialética, Soja identifica três momentos (não dois), nos quais um termo é admitido contendo os outros. O objetivo da proposição de Soja é insistir na importância do "terceiro termo" da ordem, defendendo as relações internas de qualquer redução ou totalização binária.

A partir da trialética proposta, Soja realiza um exercício de lógica²⁸, que traça um caminho metodológico de mão dupla que relaciona o conceito de espaço (o abstrato) com a constituição do ser (a realidade empírica) para explicar a sua concepção do movimento do espaço. Em seu desenvolvimento teórico-epistemológico, propõe dois conjuntos de trialética para se chegar a uma explicação da trialética espacial.

²⁶ O desenvolvimento teórico proposto por Soja (1996; 2000) parte da concepção espacial de Lefebvre (1991) proposta no livro *A produção do espaço*.

²⁷ Deste modo o que desejo fazer é estender-se sobre o fluxo dialético de Soja, experimentando se fixar um pouco baixo, pausando sobre a sua noção de trialética, fazendo uma volta com o motor parado apenas por um tempo para não danificar sua máquina, unidade por unidade, byte por byte, para determinar a sua natureza constitutiva (MERRIFIELD, 1999) – TRADUÇÃO NOSSA.

²⁸ Embora o raciocínio de sua argumentação tenha elevado nível de abstração.

A primeira dialética proposta por Soja (1996, p. 71-3), concebida como ontológica, é descrita como uma “dialética do ser”, na qual a *construção do ser* está relacionada e é resultado do movimento e da interação entre a sociedade, a historicidade e a espacialidade conforme o esquema 04 ²⁹.



Esquema 04 – A dialética do ser
 Fonte: Soja (1996, 2000)
 Organização: Adriano Corrêa Maia

Este diagrama constitui-se em uma representação simplificada da natureza do ser social, da existência humana; construindo assim um modelo de entendimento e conhecimento sobre as práticas do ser, além da procura por práticas de conhecimento e entendimento.

The three moments of the ontological trialectic thus contain each other; they cannot successfully be understood in isolation or epistemologically privileged separately, although they are all too frequently studied and conceptualized this way, in compartmentalized disciplines and discourses. Here again, however, the third term, Spatiality, obtains a strategic positioning to defend against any form

²⁹ Embora, primariamente como uma asserção ontológica, a dialética da espacialidade, historicidade e sociabilidade (termos sumários da produção social do Espaço, Tempo, e Ser-no-mundo) aplicado para todo nível de formação de conhecimento, da ontologia para a epistemologia, construção teórica, análises empíricas, e práticas sociais. Em todos esses níveis, entretanto, onde tem sido uma persistente tendência durante ao menos o século passado para sobre-privilegio, em uma outra “dupla ilusão”, a dinâmica relação entre o “fazendo” historicamente” e a “constituição” de práticas sociais ou sociabilidade. Construído dentro do argumento de *The production of space* como tinha escavado então é uma crítica *Thirthing-as-Othering* que envolve a ressurreição da espacialidade em oposição a esta pronunciada tendência na filosofia, ciência, historiografia e teoria social ocidental (incluindo suas variações mais críticas) que focalizaram sobre a interação da historicidade e sociabilidade do ser (SOJA, p. 48).

of binary reduction or totalization. The assertion of Spatiality opens the Historicity and Sociality of human lifeworlds to interpretations and knowledge that many of its most disciplined observers never imagined, while simultaneity maintaining the rich insights they provide for understanding the production of lived space. (SOJA, 1996, p. 72)
³⁰

Assim, o ser norte mineiro, agricultor e migrante pertencente ao grupo estudado vai possuir na sua constituição uma singular interação entre as suas sociabilidades, historicidades e espacialidades. Como nossa hipótese de trabalho está relacionada com os espaços e as espacialidades presentes na vida desses indivíduos vamos, seguindo o desenvolvimento dado por Soja, “entender” a constituição da referida espacialidade.

Partindo da “trialética do ser”, Soja caminha para uma segunda trialética, concebendo-a como epistemológica (Soja, 1996b, p. 73-82)

He the emphasis shifts from an existential ontology (statements about what the world must be like in order for us to exist as social beings) to a more specific discussion of the epistemology of space (how we can obtain accurate and practicable knowledge of our existencial spatiality). (SOJA, 1996, p. 73)
³¹

E, voltada para a espacialidade³².

The central argument Thirdspace was that there is another way of thinking about the social production of human spatiality that incorporates both Firstspace and Secundspace perspectives while at

³⁰ Os três momentos da trialectica ontológica, portanto, contém o outra, não podendo ser entendida com sucesso de forma isolada ou epistemologicamente privilegiada separadamente, embora sejam muito freqüentemente estudadas e conceituadas desta forma, em disciplinas e discursos compartimentados . Aqui novamente, entretanto, o terceiro termo, Espacialidade, obtém um posicionamento estratégico para a defesa contra qualquer forma de redução ou totalização binária. A asserção da Espacialidade abre a Historicidade e a Sociabilidade dos modos de vida humana para interpretações e conhecimentos que muitos de seus observadores mais disciplinados nunca imaginaram, enquanto mantendo a simultaneidade de informações valiosas que eles fornecem para a compreensão da produção do espaço vivido. (SOJA, 1996, p. 72) – TRADUÇÃO NOSSA

³¹ Ele muda a ênfase de uma ontologia existencial (declarações sobre o que o mundo deve ser assim para podermos existir como seres sociais) para uma discussão mais específica sobre a epistemologia do espaço (como podemos obter um conhecimento preciso e possível da nossa espacialidade existencial). (SOJA, 1996, p. 73) – TRADUÇÃO NOSSA.

³² Derivada da sua leitura da obra de Henri Lefebvre, principalmente, *A produção do espaço* (LEFEBVRE,1991), argumentando que a maior parte dos discursos sobre a espacialidade tem sido confirmado no domínio de um ou de outro, coloca os três espaços propostos por Lefebvre e relacionados entre si.

the same time opening up the scope and complexity of the geographical or spatial imagination. In this alternative or “third” perspective, the spatial specificity of urbanism is investigated as fully *lived space*, a simultaneously real-and-imagined, actual-and-virtual, locus of structured individual and collective experience and agency. Understanding lived space can be compared to writing a biography, an interpretation of the lived time of an individual; or more generally to historiography, the attempt to describe and understand the lived time of human collectivities or societies. In all these “life stories”, perfect or complete knowledge is impossible. There is too much that lies beneath the surface, unknown and perhaps unknowable, for a complete story to be told. The best we can do is selectively explore, in the most insightful ways we can find, the infinitive complexity of life through its intrinsic spatial, social, and historical dimensions, its interrelated spatiality, sociality, and historicity. (SOJA, 2000, p. 11-12) ³³

Soja, estruturou sua dialética da espacialidade pensando nos três espaços propostos por Lefebvre (L’*espace perçu*³⁴, L’*espace conçu*³⁵ e L’*espace vécu*³⁶). Em nossa proposta concebemos a espacialidade como o resultado empírico e singular do conceito de espaço colocado anteriormente: a dialética dos espaços absoluto, relativo e relacional (cf. esquema 05).

³³ O argumento central de *Thirdspace* era que aí é outro caminho de pensamento sobre a produção social da espacialidade humana que incorporava ambas as perspectivas, do Primeiro-Espaço e do Segundo Espaço enquanto que algumas vezes abrindo para extensão e complexidade da imaginação geográfica ou espacial. E nesta alternativa ou “terceira” perspectiva, a especificidade espacial do urbanismo é investigada como inteiramente o espaço vivido, uma simultaneidade real-e-imaginada, atual-e-virtual, locus da experiência coletiva estruturada individual e coletiva. O entendimento do espaço vivido pode se comparado com a escrita de uma biografia, uma interpretação do tempo de vida de um indivíduo; ou geralmente para a historiografia, a tentativa de descrever e entender o tempo vivido da coletividade ou sociedade humana. Em todas estas “estórias de vida”, o perfeito ou completo conhecimento é impossível. Há muito que jaz abaixo da superfície, desconhecido e talvez irreconhecíveis, para uma história completa ser contada. O melhor que pode fazer é seletivamente explorar, em um mais caminho criterioso que nós possamos encontrar, a infinita complexidade da vida dentro de sua intrínseca dimensão espacial, social e histórica, suas inter-relacionadas espacialidade, sociabilidade e historicidade. (SOJA, 2000, p. 11-12) – TRADUÇÃO NOSSA.

³⁴ O espaço percebido de práticas espaciais materiais.

³⁵ O espaço concebido, as representações do espaço.

³⁶ O espaço vivido ou os espaços de representação.



Esquema 5 – A tríade da espacialidade
 Adaptação: Harvey (1980, 2006); Soja (1996, 2000)
 Organização: Adriano Corrêa Maia

Como exemplo da tríade da espacialidade, temos as construções das espacialidades (um espaço empírico e singular) do ser migrante norte mineiro, tanto em seu local de origem (região de Monte Azul) com determinadas características, resultado de uma localização plena (espaço absoluto) de um conjunto de distâncias (espaço relativo) e de uma série de experiências espaciais (espaço relacional) que irão conformar uma determinada espacialidade.

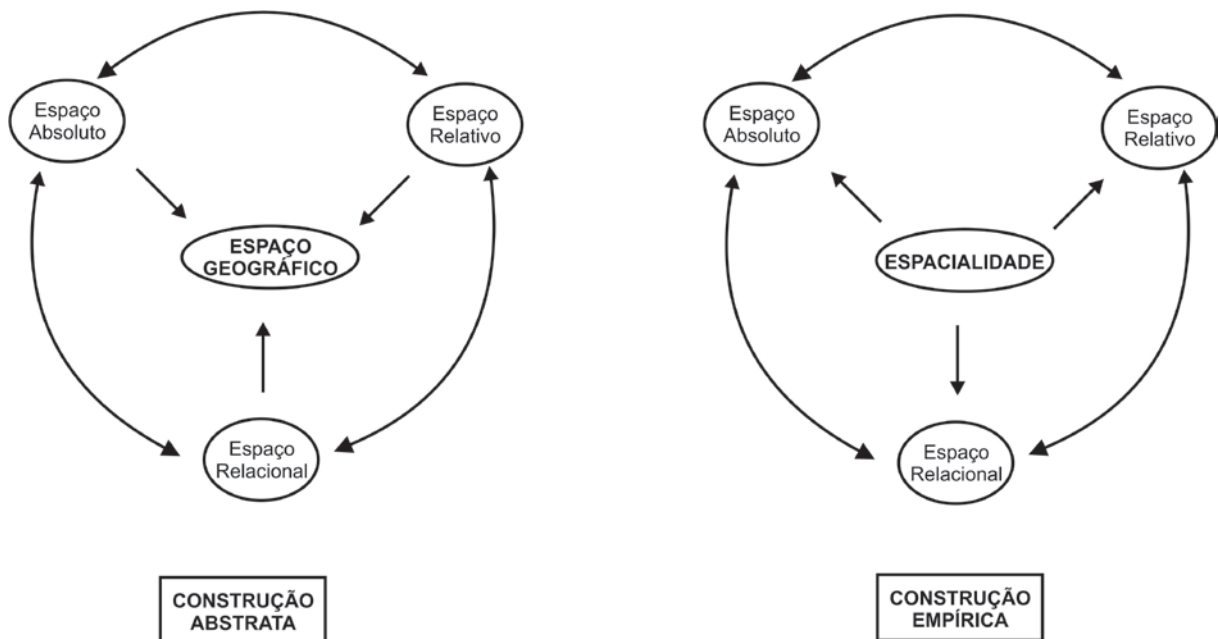
A partir do desenvolvimento anterior temos um modelo teórico-metodológico para analisar as questões presentes em nossa pesquisa. Assim temos uma concepção de espaço, de seu movimento e de sua relação com o real. Podemos, então, partir da expressão do empírico (a espacialidade), construído pelo migrante fazermos uma abstração dessa realidade.

Desse modo, podemos concluir (conjuntamente com Harvey e Soja) que, através da relação entre o real e a abstração, o espaço vai adquirir as “permanências” da forma física, através do espaço absoluto; mas também estará sempre aberto para a reconceitualização dos significados de sua forma material, a partir do momento que as pessoas experienciam a sua diferencialidade, através dos espaços relativo e relacional.

Partindo desse desenvolvimento também podemos inferir que as espacialidades do grupo de migrante mineiro sempre vão ser construídas em um espaço e tempo absoluto, que vai portar seu próprio peso e autoridade (MICHELL, 2003), sendo que os significados (cultura) não são elementos desconectados desses espaços e tempos absolutos, mas somente dependentes, pois os espaços relativos e relacionais também fazem parte da constituição da dialética.

Portanto, como resultado do modelo teórico-metodológico de análise proposto, observamos um salto sobre a liminaridade do espaço, uma vez que, estamos situados dentro de três estruturas simultaneamente, o espaço absoluto, relativo e relacional, tanto relacionada com o empírico como com o abstrato (cf. esquema 06).

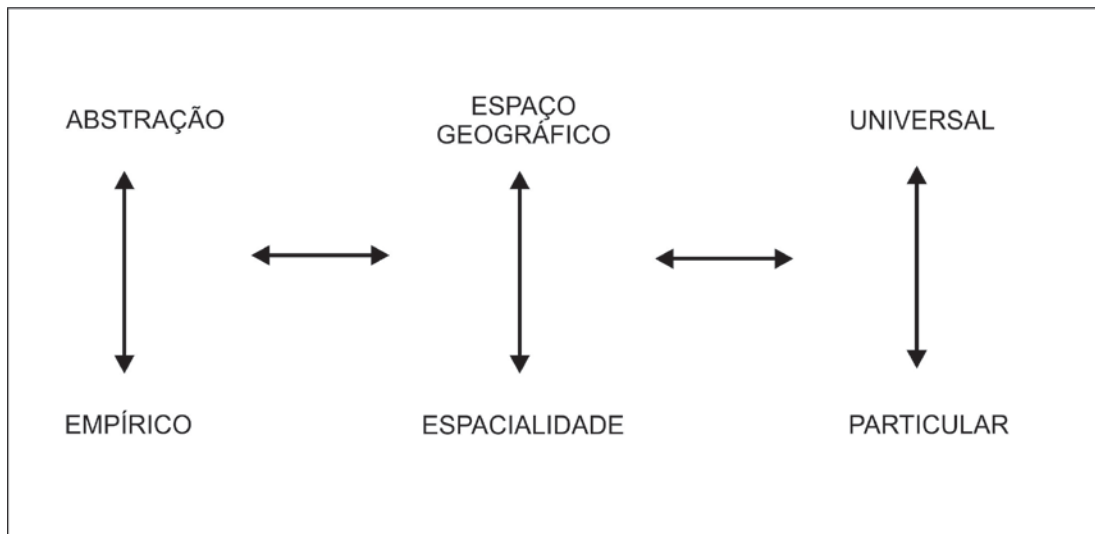
Dentro dessa conceituação, que é relacional em sua essência, não temos uma concepção favorecida *a priori*, e sim, temos, com base em atos práticos, a possibilidade de definir as prioridades conceituais.



Esquema 6 - A relação entre a construção abstrata e a construção empírica
Organização: Adriano Corrêa Maia

Portanto, a partir da matriz espacial de Harvey em sua relação dialética, temos como resultado a espacialidade humana, que vai construir um espaço uno e singular.

Decorrente disso, temos a transposição da categoria principal, o espaço geográfico, para uma categoria operatória, a espacialidade (cf. esquema 07).



Esquema 07 - As relações entre o espaço geográfico e a espacialidade
Organização: Adriano Corrêa Maia

Sendo a espacialidade constituidora do ser, conjuntamente com a sociabilidade e a historicidade, temos também alcançado nosso objetivo inicial, a integração da imaginação sociológica com a geográfica.

Deste modo, em nossa análise, a espacialidade vai estar anexada a estes dois esquemas conceituais (trialética do ser e trialética da espacialidade). Isso, objetivando a busca de um sentido de espaço singular mais relacional, que expresse a particularidade dos espaços dentro das nossas análises.

Portanto, as espacialidades são as expressões espaciais de redes de relações sociais, movimentos e comunicações cujas relações recíprocas são construídas em escalas muito maior do que aquelas definidas para aquele determinado espaço-tempo. Estas relações, como um sistema amplo não são apenas abstratas mas relações reais com conteúdos econômicos, políticos e culturais reais.

Assim, através da relação do conceito de espaço (como a trialética dos espaços absoluto, relativo e relacional) refletido na espacialidade, podemos obter uma averiguação da compreensão profunda e multifacetada da realidade empírica (a construção do espaço dos migrantes mineiros). Resultantes disso, os espaços absolutos, relativo e relacionais vão estar trialeticamente incorporados; produzindo um espaço singular, a espacialidade (rural – região de Monte Azul ou urbana – Rio

Claro). Conseqüentemente, a espacialidade vai ser a expressão material e simbólica do espaço, da cultura e da relação entre eles.

Então, para se compreender a espacialidade do ser migrante em seu espaço de origem e de destino, necessariamente temos que compreender as relações possíveis entre as questões políticas, econômicas, culturais e vivências expressas localmente, sem perder de vista suas relações estruturais globais, ou as novas relações espaciais determinadas por um mundo em constante mutação.

A partir desse ponto, encontramos a necessidade, em nosso desenvolvimento, de uma maior exploração (e delimitação) de dois elementos importantes para a compreensão dos espaços singulares presentes em nossa pesquisa, a questão do conceito de cultura e o problema do trabalho de campo na Geografia para a “captura” dessas espacialidades. Assim, primeiramente vamos nos concentrar no conceito de cultura.

1.5 - Cultura como conceito na/para Geografia

Qualquer que seja o preconceito [sobre o conceito de cultura] que eu tenha trazido para esse projeto, fiz o melhor que pude para respeitar tanto os argumentos como as evidências.

Adam Kuper, 2002, p. 17

Dentro do desenvolvimento teórico-metodológico proposto, já temos delimitadas as categorias geográficas. Agora, como indicado anteriormente, temos a necessidade de discutir a delimitação de uma conceituação de cultura, para o nosso trabalho, isso, essencialmente é gerado pela polissemia presente no histórico do conceito (MAIA, 2008)³⁷.

Para a respectiva tarefa, iniciaremos contextualizando a relação entre a disciplina geográfica e o conceito de cultura, principalmente a partir da virada cultural (“cultural turn”) na Geografia (BARNETT, 1998; CRANG, 1998), a qual impulsionou a importância de se estudar e apropriar do conceito de cultura, decorrente da necessidade do geógrafo em analisar as questões simbólicas que perpassam o espaço geográfico.

³⁷ “Há assim algumas palavras-cilada (como a palavra “cultura”), noções - anteparo que nos impedem de pensar a realidade dos processos em questão” (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

[...] a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, (...) toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. (CORRÊA, 2007, p. 4)

Deste modo, a natureza espacial da cultura, entendida enquanto um conjunto de signos e significados, proporcionou um grande avanço nas análises geográficas³⁸, reafirmando com isso a importância de análise da espacialidade da cultura (CORRÊA, 2007, p. 5-6).

A partir desse paradigma, a Geografia voltada para a análise de elementos culturais, passou a ter como foco principal a interpretação das representações que diferentes grupos sociais construíram do espaço geográfico, a partir de suas próprias experiências e práticas. Assim, o geógrafo passa a considerar o espaço como um elemento vivenciado pelo agente estudado (espaço vivido), no âmbito do qual se estabelecem práticas, percepções, afetividades e distanciamento ao que é estranho. O geógrafo depara-se com significados distintos, segundo cada grupo cultural, face à natureza e ao espaço social³⁹.

Derivado do quadro anterior, uma abordagem geográfica que busque um entendimento da relação entre o espaço e a cultura estará precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro.

Assim, para o direcionamento teórico que imprimimos ao trabalho, estamos convictos da importância de delimitar um conceito de cultura singular, uma vez que, temos o conhecimento da sua polissemia, e teórico-metodologicamente, que em muitos casos, encobre o que tem por finalidade mostrar. A saída para esta questão, a nosso ver, é uma “delimitação do conceito”, lembrando, sempre, o mesmo deve que ser trabalhado interdisciplinarmente, objetivando um ganho conceitual dentro da ciência geográfica.

³⁸ Como exemplo desse desenvolvimento temos o grupo de Birmingham que trabalha a relação entre significados e espaço através dos “mapas de significados” (JACKSON, 1989).

³⁹ Um exemplo desse tipo de análise é apresentada por Gallais (1977), que mostra a diversidade ecológica e cultural do delta interior do Níger, apontando para as noções de distância estrutural, distância ecológica e distância efetiva entre os habitantes da área.

Cultura constitui-se em termo dotado de diversas acepções, sendo um termo empregado no senso comum e inteligível no âmbito das idéias em discussão. No âmbito das ciências sociais a polissemia é ampla e os debates em torno do conceito são numerosos. (CORRÊA, 2007, p. 2).

Dentro da ciência geográfica, principalmente na sua linhagem cultural, sempre ocorreu um intenso debate sobre o conceito de *cultura*⁴⁰. Como consequência, temos presente uma diversidade de teorias de cultura no arcabouço teórico da Geografia encontrando, assim, uma ausência no direcionamento em sua utilização, e em muitos casos uma combinação de definições, que prejudicam o caráter explicativo do conceito. Assim, se torna de grande importância a sugestão de Corrêa (2007) sobre o conceito de cultura

Por mais simplificado que seja este enquadramento, ele permite encaminhar as diferentes essências, com base no conceito de cultura, entre as duas visões mais importantes a respeito da geografia cultural. A implicação dessa distinção reside no caminho que será dado pelo pesquisador. E não há, a priori, um caminho melhor que o outro, mas caminhos a serem consistentemente seguidos. (CORRÊA, 2007, p. 2)

Decorrente da discussão sobre o conceito de cultura dentro da Geografia, concluímos a importância de uma definição nítida do sentido no qual trabalharemos, para não cometermos o erro de buscar elementos contraditórios, e assim prejudicar o poder de análise do conceito em tela.

Como nossa hipótese de trabalho está calcada na ideia de que a cultura de origem dos migrantes constitui-se em um dos elementos estruturadores da construção do espaço no local de destino, dirigimo-nos para uma conceituação de caráter antropológico de cultura relacionada à um sistema de significados (LARAIA, 2006; KEESING, 1974), que expoe em sua definição um “conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computador chamam programa) para governar o comportamento” (GEERTZ, 1989, p. 37) do ser agricultor/migrante.

Desse modo, temos uma conceituação de cultura que fornece ferramentas para a reflexão e operacionalidade dentro da temática proposta, esperando que seja

⁴⁰ Como exemplo dessa discussão temos: Cosgrove (1996), Duncan;Duncan (1996); Jackson (1996) e Mitchell (1995;1996).

delimitado, frente à sua amplitude de definições, e que fundamentalmente se coadune com os outros conceitos, principalmente o conceito de espaço geográfico.

O conceito de cultura delimitado dentro do nosso desenvolvimento teórico-metodológico concentra-se na proposta de Geertz (1989), que define a cultura baseada na definição de homem (o ser migrante), considerando-a como um sistema de elementos simbólicos que governam as ações humanas, em nosso caso de estudo sobre o espaço (GEERTZ, 1989; KUPER, 2002).

Para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura. Esta formulação permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só” (GEERTZ, 1989, p. 36).

Assim sendo, Geertz apresenta as seguintes definições para o conceito de cultura: “um sistema ordenado de significados e símbolos (...) em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem seus julgamentos”; “um padrão de significados, transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela”; “um conjunto de dispositivos simbólicos para o controle do comportamento, fontes extra-somáticas de informações” (GEERTZ, 1989, p. 245, 89, 52).

Dentro da definição proposta, os símbolos e significados internos ao conceito de cultura são partilhados pelos atores (os membros do sistema cultural); entre eles, mas não dentro deles, sendo públicos e não privados. Então, estudar a cultura é estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

A partir disso podemos relacionar esta definição conceitual de cultura com o espaço geográfico. Em nosso caso de estudo, através do entendimento dos símbolos e significados presentes e transmitidos dentro da cultura singular do grupo de migrantes norte mineiros, podemos ter uma compreensão das dinâmicas relacionadas com as instituições culturais locais - como o patriarcado, o parentesco e o compadrio – que constituem a base para a formação de suas espacialidades, como a configuração espacial do sítio pertencente ao migrante, o círculo de vizinhança constituído pelas propriedades próximas e as relações de compadrio presentes entre as diferentes comunidades estudadas.

Em consequência da definição adotada, temos que a cultura representa um sistema simbólico, no qual os processos culturais devem ser lidos, traduzidos e interpretados. Acreditando que o homem é um animal suspenso por teias de significado que ele mesmo teceu, Geertz (1989) considera a cultura sendo essas teias, e sua análise, corresponde à uma procura (interpretativa) de significados. Desse modo os símbolos que constituem uma cultura são veículos de concepções, e é a cultura que fornece o ingrediente intelectual do processo social, portanto, também do processo espacial.

Portanto, através dos elementos simbólicos presentes na dinâmica social do grupo estudado temos algumas proposições culturais, que fazem mais do que articular como é o mundo para o agricultor norte mineiro, também oferecem diretrizes sobre como agir nele⁴¹. Estas proposições vão fornecer os modelos que asseguram representar a realidade como padrões de comportamento espacial (as espacialidades) para os componentes do grupo estudado.

O nosso desenvolvimento teórico-metodológico, até o momento, objetivou estruturar ferramentas para pensar o espaço geográfico como algo dinâmico e mutável; reflexo, meio e condição para o desenvolvimento da cultura do ser. Para o complemento da trilha proposta, é de grande importância a busca por uma metodologia de trabalho de campo que permita a captura e a interpretação deste movimento presente no espaço geográfico.

1.6 - Metodologia de trabalho de campo

Decorrente das demandas para a apreensão dos conceitos apresentados anteriormente – espaço geográfico, espacialidade e cultura -, observamos a necessidade de uma apuração teórica para a questão⁴².

Assim, dentro do estudo e das análises desenvolvidas em nossa pesquisa a questão do trabalho de campo se constitui em uma peça fundamental, uma vez que representa um elemento fundamental para a captura do movimento entre a cultura e

⁴¹ Como agir no espaço, como construir o espaço.

⁴² As metodologias de trabalho de campo utilizadas nos trabalhos da ciência geográfica são pouco discutidas (MAIA, 1997), além de apresentarem a ausência de uma maior sistematização.

o espaço geográfico nas duas localidades trabalhadas. Isso é evidenciado pela necessidade de capturar na realidade empírica uma gama variada de elementos:

- a historicidade e a sociabilidade do espaço da região de Monte Azul (MG);
- a espacialidade do agricultor norte mineiro em seu espaço de origem (as configurações espaciais, as relações espaciais projetadas e reflexo das relações culturais e sociais);
- a historicidade e a sociabilidade do espaço citadino de Rio Claro (SP);
- a espacialidade do migrante norte mineiro no espaço urbano, principalmente em seu local de trabalho – a obra (os arranjos espaciais, as relações culturais e sociais projetadas e reflexo das relações culturais e sociais);

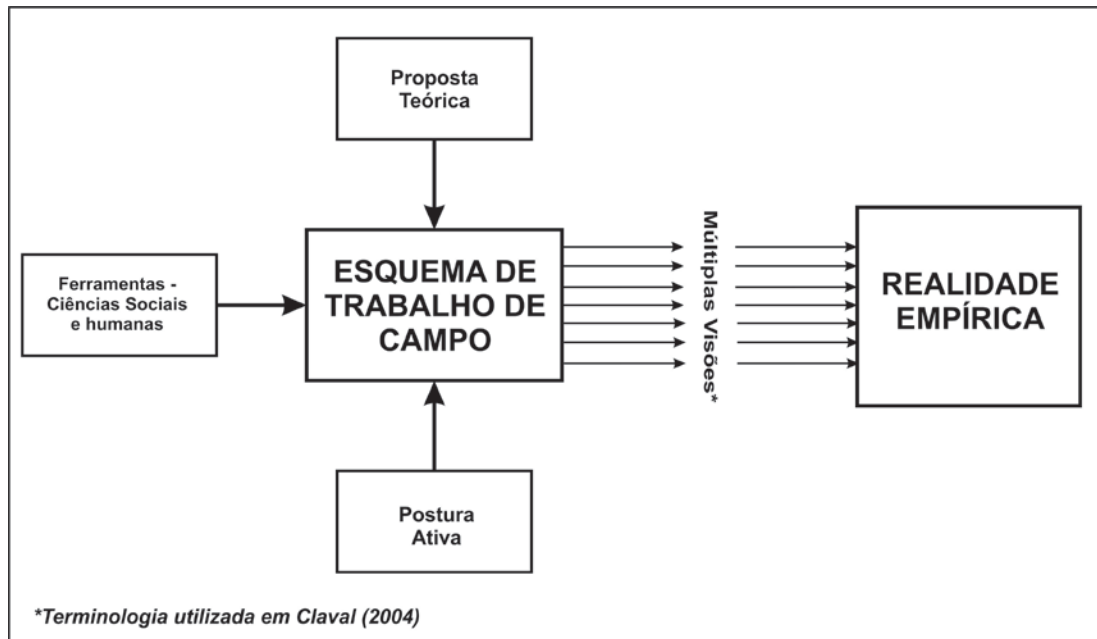
Em função das necessidades apresentadas pelos elementos em tela, observamos que as metodologias de trabalho de campo usualmente adotadas pela ciência geográfica não satisfazem as exigências necessárias, uma vez que priorizam um certo tipo de observação sobre o espaço, aquilo que Claval (2004) chama de visão vertical⁴³, perdendo, assim, uma parcela da captura do movimento da totalidade espacial.

Desse modo, em nosso trabalho de campo buscamos a elaboração de um *esquema de trabalho de campo* que evite as simplificações do olhar vertical, trabalhando a um só tempo com os múltiplos olhares sobre o espaço geográfico. É, a partir das múltiplas visões, que objetivamos deter uma nova visão sobre os espaços analisadas em nosso estudo.

Para dar conta disso compomos um *esquema de trabalho de campo* (cf. Esquema 08) que contemple uma multiplicação de pontos de vista sobre o espaço, sempre conectado com o desenvolvimento teórico espacial e cultural proposto anteriormente⁴⁴, além de abrir frentes de análises que permitam uma postura “ativa” sobre o objeto estudado.

⁴³ O próprio Claval (2004) mostra claramente que na análise da paisagem urbana, na maioria das vezes, o geógrafo enxerga somente verticalmente e não horizontalmente. “A passagem para a percepção vertical – que permite as generalizações evidencia a estrutura das distribuições e permite a leitura dos reagrupamentos regionais – não ocorre sem perigo para o geógrafo: ela às vezes leva a esquecer os objetos que realmente importam na vida das pessoas, que são substituídos por outros (...) a preocupação de não se reduzir a paisagem apenas à sua dimensão vertical demanda correções. É o que se aprende educando o “olho” do geógrafo” (CLAVAL, 2004, p. 25).

⁴⁴ Porém, o trabalho de campo jamais avança sem teoria. As teorias de seu tempo direcionam a busca (...), mas o que é observado no campo pode revelar dificuldades dessas teorias e levar a novas formulações. (WOLF, 2003, p. 358)



Esquema 8 - Esquema para o de trabalho de campo em Geografia
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Desse modo, reconhecendo as limitações de uma leitura funcional do espaço geográfico apenas por metodologias quantitativas ou descritivas, temos que os procedimentos metodológicos de trabalho de campo adotados dentro de nosso caso estudado, que aborde as relações do espaço com a cultura, irão abarcar os elementos que nem sempre vão estar visíveis ao olhar de uma simples descrição geográfica. Claval (2004) coloca que “as paisagens [*categoria operatória que utiliza em suas análises*] e os mapas podem levar o pesquisador à distorções de entendimentos”, e para evitar este engano temos que admitir a “realidade objetiva” como apenas uma parte retentora da nossa atenção, sendo que a outra porção se concentra em como essa realidade fala aos sentidos do sujeito que observa e pesquisa. Para isso, é preciso reconhecer o espaço geográfico enquanto convivência, explorando seus “fios cruzados e suas trocas recíprocas” (CLAVAL, 2004, p. 49).⁴⁵

Assim, para o entendimento das espacialidades presentes na trajetória do migrante mineiro, desde o seu espaço de origem, a região de Monte Azul (MG) - com sua historicidade e sociabilidades singulares -, passando para o espaço citadino de destino em Rio Claro (SP), com outras especificidades, temos que recorrer a

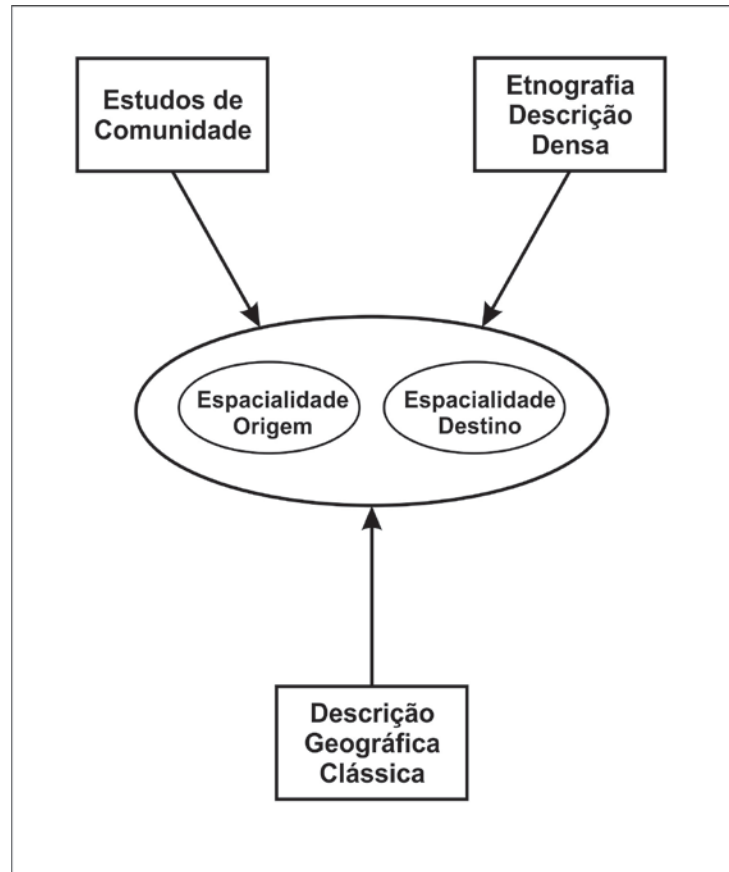
⁴⁵ Analisado dessa maneira, o espaço geográfico e sua relação com a cultura é, como coloca Berque (1998), marca e matriz, já que, ao que parece, “as sociedades organizam seus ambientes em função da percepção que elas têm deles e, reciprocamente, parece que elas os percebem em função da organização que dão a elas” (CLAVAL, 2004, p. 50).

vários procedimentos de trabalho de campo disponíveis nas ciências sociais e humanas.

Partindo desse foco, dentro da nossa pesquisa sobre a análise da influência da cultura na construção espacial feita pelos migrantes norte mineiros no contexto urbano, realizamos uma imersão na experiência e no conhecimento “deles” (os migrantes), embora não nos concentrando somente nisso.

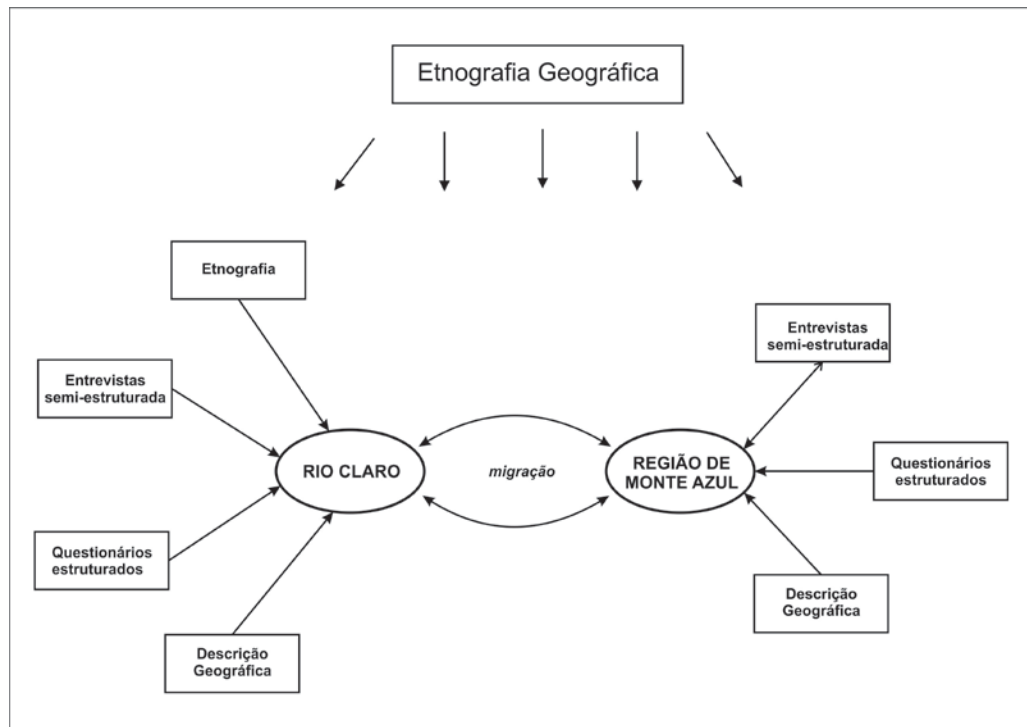
Para esta imersão dentro dos objetivos presentes no esquema de trabalho de campo (esquema 08), propomos uma metodologia que permita a captura do movimento do espaço, a qual denominamos de *etnografia geográfica*. Esta metodologia objetiva agregar contribuições da etnografia antropológica (GOMES, 2008, OLIVEIRA, 1998, PEIRANO, 1995) - a “descrição densa” geertziana (GEERZ, 1989) -, do trabalho descritivo da Geografia Empirista Clássica (GOTTMAMM, 1949; KELLER, 1959a, 1959b; PEREIRA, 1945, 1957) e dos estudos sociológicos de comunidade (CASTRO, 2001; PIERSON, 1966), para termos como resultado uma metodologia que atenda às necessidades para um profícuo entendimento da influência da cultura no espaço geográfico (cf. Esquema 09).

Da etnografia antropológica temos que “(...) o trabalho altamente descritivo, sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas apresenta um material provocativo e estimulante para repensar a realidade social” (DURHAN, 2004, p. 361). Da geografia clássica temos a descrição do espaço geográfico em seus princípios lógicos (MOREIRA, 2007) e dos estudos de comunidade a descrição do maior número de aspectos para um entendimento da totalidade da sociedade (ALTENFELDER SILVA, 1961). Na confluência dessas três perspectivas, temos o que denominaremos de uma *etnografia geográfica*.



Esquema 9 – Síntese do trabalho de campo em Geografia – a etnografia geográfica
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Dentro do modelo estabelecido para o trabalho de campo, a etnografia geográfica, temos em nossa realidade empírica uma segmentação dentro da execução das coletas de dados, devido, principalmente, à pesquisa possuir dois momentos espaços-temporais, que apesar de interligados, constituem duas realidades separadas (cf. esquema 10).



Esquema 10 – Síntese do trabalho de campo de nossa pesquisa
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Assim, dentro do nosso campo de estudo, objetivando abarcar os elementos propostos pelo desenvolvimento teórico-metodológico, para realizarmos uma etnografia geográfica, temos a conformação de várias ferramentas para a coleta de dados (cf. esquema 10).

Rio Claro

O trabalho de campo em Rio Claro foi efetuado através da convivência diária com o grupo de migrantes em seu espaço de trabalho – as obras de construção civil (APÊNDICE II). Também, com um intuito de obter um perfil mais quantitativo do grupo foi aplicado um questionário estruturado entre os integrantes do grupo (ANEXO I). Para a complementação do nosso trabalho de pesquisa no meio urbano, também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com os elementos mais representativos do grupo, para um maior conhecimento dos espaços norte mineiro gravados na memória do migrante, e, como forma de conhecer a trajetória de migração do grupo da região de Monte Azul até Rio Claro.

Etnografia: em Rio Claro foi executada uma etnografia com o grupo estudado. Esta atividade foi realizada durante nove meses de convivência diária com indivíduos do grupo. O local da pesquisa consistia em uma reforma de um apartamento de alto padrão. Conforme a metodologia indicada participamos de todas as atividades do grupo, sempre realizando uma “descrição densa” dos acontecimentos. Todas as observações foram anotadas em cadernos de campo.

Entrevistas semi-estruturadas: realizou-se, com 15 integrantes da “turma do Agostinho e Domingos”, entrevistas semi-estruturadas. Os locais das referidas entrevistas foram variados, sempre de acordo com as preferências do entrevistado; algumas aconteceram em suas residências com a participação da família, sendo que outras na casa do migrante Domingos, sem a participação da sua respectiva família.

As questões que pautaram as entrevista relacionados ao espaço de Monte Azul:

- como era sua vida na “roça” (na região de Monte Azul);
- como se constituía a unidade de produção, o sítio;
- como se dava o modo de produção no sítio;
- o modo de organização dos grupos de vizinhança;
- os padrões e as técnicas de trabalho;
- a possibilidade de acesso à terra;
- o processo de migração (a saída e a chegada);
- a relação com os residentes no norte de Minas Gerais.

As questões que pautaram as entrevistas relacionadas ao espaço de Rio Claro:

- a vida no meio urbano de Rio Claro;
- o processo de trabalho (aprendizagem e adaptação);
- o grupo de migrantes em Rio Claro;
- as relações de parentesco e compadrio no meio urbano.

Questionários estruturados: foi aplicado um questionário estruturado (ANEXO I) para os 22 integrantes do grupo estudado, objetivando traçar um perfil do grupo, além de coletar dados para a visita ao local de origem.

Descrição geográfica: dentro das análises, sempre foram recolhidos dados sobre as relações de distância, localização entre outros elementos espaciais sobre os migrantes, sendo recolhidos dados para a execução de croquis que representem o deslocamento espacial do referido grupo no ambiente urbano.

Região de Monte Azul

O trabalho de campo em Monte Azul consistiu na visita às propriedades pertencentes aos migrantes norte mineiros, ou de parentes próximos, os quais possuem uma relação muito próxima. Assim, visitamos 15 propriedades nas quais aplicamos questionários estruturados. Além disso convivemos mais profundamente em 6 propriedades, as quais representavam os indivíduos com maior influência sobre o grupo estudado, sendo realizadas entrevistas semi-estruturadas. Além disso, nessas seis fazendas realizamos descrições geográficas como o croqui da propriedade, sua localização, seu círculo de vizinhança e sua distância para o núcleo urbano.

Entrevistas semi-estruturadas: realizou-se, com 7 agricultores ligados através de laços de parentesco ou compadrio à integrantes da “turma do Agostinho e Domingos”, entrevistas semi-estruturadas. A propriedade do morador na área rural da região estudada foi o local da entrevista.

As questões que pautaram as entrevista foram:

- como é sua vida na “roça”;
- como se constitui a unidade de produção, o sítio;
- como se dá o modo de produção no sítio;
- o modo de organização dos grupos de vizinhança;
- os padrões e as técnicas de trabalho;
- a possibilidade de acesso à terra;
- o processo de migração (a saída);
- a relação com os residentes em Rio Claro.

Questionários estruturados: foi aplicado um questionário estruturado (ANEXO II) para o 15 agricultores ligados aos integrantes do grupo estudado, objetivando traçar um perfil do grupo e das propriedades dos referidos indivíduos.

Descrição geográfica: dentro das análises, foram recolhidos dados sobre as relações de distância e localização entre outros elementos espaciais presentes no espaço norte mineiro relativo ao grupo de migrantes estudados, sendo recolhidos dados para a execução de croquis que representem os deslocamentos espaciais e os sítios do referido grupo no ambiente rural.

A partir desses dados recolhidos em campo, vamos realizar o trabalho de contextualização das espacialidades nos espaços norte mineiro e de Rio Claro, reconstruindo, assim, as trajetórias do grupo estudado.

2 - CAPÍTULO DOIS: ESPAÇO E CULTURA EM MONTE AZUL

Contudo, nem os recursos, nem os instrumentos e os homens existem socialmente sem a cultura. É o saber que permite usá-los e é a cultura que lhes dá significado, inclusive para mais além da materialidade ou da instrumentalidade prática do trabalho.

Ellen Woortman & Klass Woortman, 1997, p. 10

Neste capítulo, iniciaremos nossa construção empírica para a situação proposta, a partir do conjunto de elementos presentes no espaço de origem dos migrantes norte mineiros. Tencionando realizar uma integração da imaginação geográfica com a imaginação sociológica, examinaremos a relação entre o espaço e a cultura no lócus de procedência do grupo estudado. Para o entendimento desse entrelaçamento, de acordo com o arcabouço teórico desenvolvido, vamos buscar a compreensão das espacialidades presentes nos espaços vividos da “região de Monte Azul”⁴⁶.

Inicialmente, apresentaremos um breve histórico da formação jurídico-administrativa dos municípios norte mineiros - Gameleiras, Mamonas, Monte Azul, Catuti e Mato Verde (figura 1) – que compreende o espaço de origem dos migrantes estudados, “a região de Monte Azul”. Esta parte tem como objetivo demonstrar como as divisões políticas não vão estabelecer limites espaciais nem determinar espaços centrais para o referido grupo.

Na sequência, será realizada uma caracterização socioeconômica da área, apresentando os aspectos e atividades econômicas, o desenvolvimento demográfico

⁴⁶ Como é denominada a área pelos migrantes o seu espaço de origem.

e a distribuição fundiária da região abordada. A exposição desses elementos possui a finalidade de mostrar o panorama socioeconômico da região, o qual vai constituir um cenário incentivador dos projetos de migração inter-estadual, principalmente, para o estado de São Paulo e não uma migração local, da zona rural para a zona urbana.

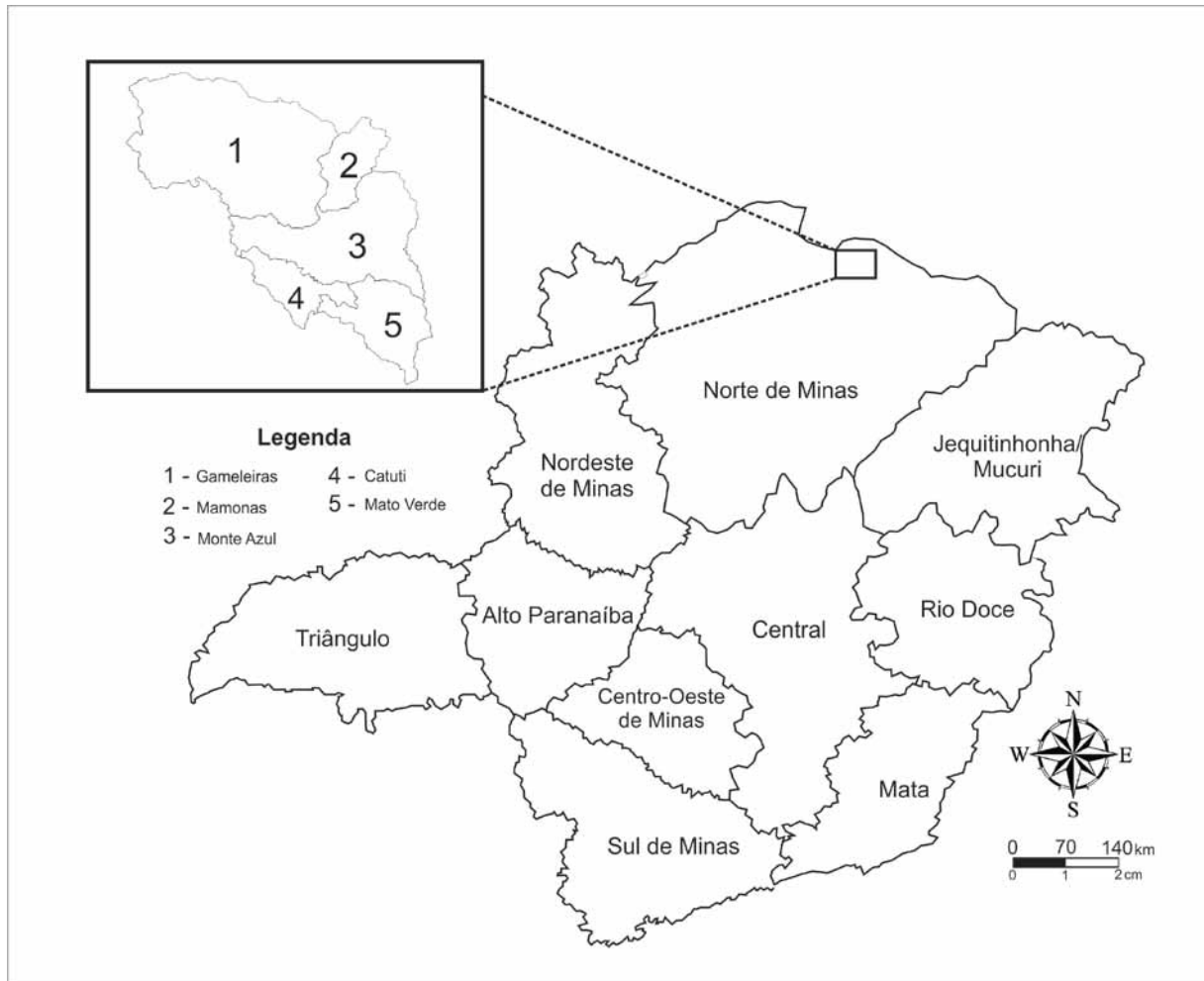


Figura 1 – Municípios estudados do norte do estado de Minas Gerais

Fonte: FONTE: IBGE - BASE CARTOGRÁFICA: ITCG (2010)

Organização: Adriano Corrêa Maia.

Em seguida, vamos apresentar brevemente as identidades presentes na porção norte do estado de Minas Gerais, com a motivação de caracterizar e diferenciar a presente região estudada. Isso, devido ao espaço norte mineiro (figura 1) compreender uma extensa área, com a presença de uma heterogeneidade de elementos naturais e sociais que possibilitam uma grande multiplicidade de relações entre sociedade e natureza. Inicialmente, nos fundamentamos nas exposições sobre as classificações identitárias das populações presentes no norte do estado, para chegarmos na desejada particularidade, a região de Monte Azul (MG).

Para finalizar vamos fazer uma caracterização do espaço específico do migrante. A sua base ecológica, a sua localização e a sua dinâmica no espaço de Monte Azul. Posteriormente será realizada uma discussão sobre a sociabilidade do ser migrante, principalmente sobre as instituições culturais do parentesco e do compadrio. Concluiremos com a realização de uma “descrição” da espacialidade e do ser migrante no seu espaço de origem, o sítio.

2.1 – Historicidade e sociabilidade: A história, a região administrativa e a economia local

O espaço de origem do grupo de migrantes estudado está compreendido em torno do município de Monte Azul, localizado na região norte do estado de Minas Gerais (figura 1) onde os processos de divisões jurídico-administrativas, ao longo do tempo conformaram a atual configuração dos municípios presentes na área (FELICIANO, 2006).

Esta fragmentação imposta pelo poder público não refletiu na compartimentação do espaço vivido dos migrantes, que sempre privilegiaram os laços de parentesco e compadrio na construção de seus espaços de vivência, em detrimento das questões jurídico-administrativas.

Então, para um entendimento mais aprofundado das espacialidades presentes no espaço de origem dos migrantes norte mineiros, iniciaremos com um breve histórico da formação do município de Monte Azul, que demonstra exemplarmente os processos de segmentação administrativa da região.

Inicialmente, as terras que formam a “região de Monte Azul”, eram domínios concedidos pela coroa portuguesa a duas casas: A Casa do Conde da Ponte e a Casa da Torre, sendo denominadas de Tremendal (BANDEIRA, 2007).

Com a venda de terras a moradores locais, temos o surgimento, nos meados século XIX, de uma aglomeração de casas em torno de uma pequena igreja, que também passou a ser denominado Tremendal, e que posteriormente se tornou um distrito do município de Formiga (MG). A partir disso, várias divisões jurídico-administrativas foram realizadas, compartimentando a área, conformando a região nos municípios atuais (ver APÊNDICE I).

Deste modo, decorrente de todo o histórico de formação do município de Monte Azul e seus adjacentes, temos presente no discurso dos migrantes uma unidade espacial específica quando se referem ao espaço de origem: “viemos do norte de Minas” ou da “região de Monte Azul”⁴⁷. Assim, o grupo está se referindo a um espaço absoluto (área física) que compreende uma parcela particular do norte do estado de Minas Gerais, que compreende os municípios de: Monte Azul, Mamonas, Mato Verde, Gameleiras e Catuti. Esse espaço corresponde a uma área de 3.775,69 km², 0,65 % da área do estado de Minas Gerais, que está distribuída entre os municípios conforme a tabela 1.

Município	Area (km²)
Catuti	285,99
Gameleiras	1733,40
Mamonas	290,28
Mato Verde	474,45
Monte Azul	991,57
Total	3775,69

Tabela 1 – Áreas dos municípios norte mineiros estudados
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

No conjunto de municípios da região, a cidade de Monte Azul exerce a maior centralidade, sobre os demais, apresentando alguns importantes aparelhos urbanos que a distingue, como a rodoviária, o mercado central e o Banco do Brasil, além da estação ferroviária ⁴⁸.

No *Quadro da rede urbana – Matriz de regiões de influência* elaborado pelo IBGE (2008) os referidos municípios são caracterizados como *centros locais* (menor hierarquia na rede) e estão conectadas com Janaúba (MG), *Centro Sub-regional B*, que por outro lado está sobre a zona de influência da cidade de Montes Claros (MG), *Capital regional B*. Empiricamente, para o conjunto dos pesquisados, constatamos ser superficial estas indicações, sendo que o município de Janaúba (MG) apresenta quase nenhuma importância econômica e administrativa para o conjunto de

⁴⁷ Fala nativa.

⁴⁸ Em 1947 é inaugurada a Agência da E.F.C.B. (Estrada de Ferro Central do Brasil) que ligava Monte Azul a Belo Horizonte, logo depois houve a chegada da E.F.L.B (Estrada de Ferro Leste Brasileiro) ligando Monte Azul a Salvador, fazendo o entroncamento das duas vias férreas. Em 1957, com a unificação de todas as vias férreas ficou denominada como R.F.F.S.A (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), que privatizada em 1996, hoje, com o nome de F.C.A (Ferrovia Centro Atlântica).

municípios analisados, e Montes Claros (MG) apesar de ser a cidade central de toda região norte mineira, também não apresenta um papel importante para o referido espaço.

O histórico de migração presente nesse espaço, concebe uma relação de dependência desses municípios com o estado de São Paulo. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado no caso dos migrantes que buscam atendimento médico especializado na região de Rio Claro.

Quando meu pai ficou doente de câncer, mandamos ele para Rio Claro, pois lá tinha certeza que teria um atendimento decente, com médico capaz de resolver o problema. Lá, ele ficou internado por um mês mais ou menos e aí transferiram para Campinas e depois para Jaú. (GERALDO, agricultor, 47 anos)

A referida “região de Monte Azul” situa-se numa área do estado mineiro onde temos compreendida uma população total de 51.887 habitantes (segundo censo de 2000), com 0,25 % da população total do estado de Minas Gerais. Estes habitantes se dividem, na referida região, em 37% de população urbana e 63% de população rural (ver por município tabela 2). Estes dados caracterizam a região como predominantemente rural, onde a urbanização é ainda muito precária (WANDERLEY, 2001).

Município	1970		1980		1991		2000		2007	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural
	Total		Total		Total		Total		Total	
Catuti	----	----	----	----	----	----	2.900	2.438	----	----
	-- --		-- --		-- --		5.338		5.303	
Gameleiras	----	----	----	----	----	----	855	4.417	----	----
	-- --		-- --		-- --		5.272		5.226	
Mamonas	----	----	----	----	----	----	1.784	4.346	----	----
	-- --		-- --		-- --		6.130		6.247	
Mato Verde	4.035	9.938	5.736	11.174	8.811	11.129	3.834	13.158	----	----
	13.973		16.910		19.940		16.992		12.664	
Monte Azul	6.170	21.274	12716	22153	17979	19727	11.467	12.260	----	----
	27.444		34869		37706		23.727		22437	
Total	10.205	31.212	18.452	33.327	26.790	30.856	15.301	25.418	----	----
	41.417		51.779		57.646		40.719		----	

Tabela 2 – População dos municípios norte mineiros estudados
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Já a dinâmica populacional presente na região pode ser observado no gráfico 1, onde estão apresentados os números relativos à população total, rural e urbana. Através da análise do gráfico, notamos um pico do evento migratório durante os anos de 1990, período no qual fatores endógenos - como a crise na lavoura de algodão (COSTA, 2005) - e exógenos - período de recessão da economia brasileira (CARNEIRO, 2002) - incentivam uma migração mais intensa para a região sudeste do país.

O histórico de migração do grupo estudado se enquadra perfeitamente nesse processo, de acordo com o questionário aplicado aos migrantes moradores em Rio Claro (SP) temos que 68% migraram no período, os anos 1990⁴⁹. Ainda no mesmo questionário, argumentam como motivo principal para a migração a crise na agricultura da região nessa época, principalmente com o declínio no cultivo de algodão, em razão da invasão do bicudo⁵⁰ no ano de 1993, destruindo quase toda a lavoura da região. Assim, a busca por novos horizontes tornou-se mais intensa na região, influenciando a saída do morador rural da região.

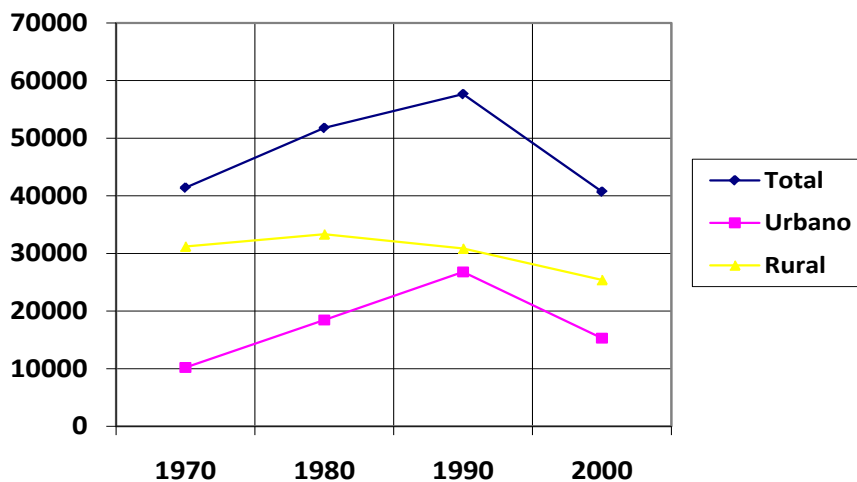


Gráfico 1 – Evolução da população dos municípios norte mineiros estudados

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Organização: Adriano Corrêa Maia.

⁴⁹ Também temos que 23% migrou anos 2000 e 9% nos anos 1980.

⁵⁰ O **Bicudo-do-algodoeiro** (*Anthonomus grandis*) é um besouro da família dos curculionídeos, originário da América Central, de coloração cinzenta ou castanha e mandíbulas afiadas, utilizadas para perfurar o botão floral e a maçã dos algodoeiros.

Na questão ocupacional, podemos observar através da tabela 3 que a principal atividade empregadora presente na região é a agropecuária que ocupa 10.630 pessoas (54% do total). Já o trabalho industrial, que se concentra em pequenas empresas que abastecem o mercado local, empregam somente 2.009 pessoas, 10% do universo total, dados semelhantes aos dos estabelecimentos comerciais do pequeno comércio com 2066 pessoas ocupadas, 11% do total. O setor de serviços ocupa 4898 pessoas, representando um universo de 25%. Através da análise dos dados da tabela 3 temos a comprovação do caráter de subsistência da região, onde o setor industrial e comercial subexistem somente para suprir o pequeno mercado local.

Ocupação	Catuti	Gameleiras	Mamonas	Mato Verde	Monte Azul	Total
Agropecuária	1.923	1.281	1.589	1.552	4.285	10.630
Indústria	102	123	351	585	848	2.009
Comércio	94	31	175	687	1079	2.066
Serviço	353	339	377	1.533	2296	4.898

Tabela 3 – Ocupação nos municípios norte mineiros estudados
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – ano 2000
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Em razão dessa inexpressividade da indústria e do comércio local temos, uma arrecadação muito baixa dos referidos municípios, R\$ 2.991.235, 80 (conforme tabela 4), se comparada, por exemplo, com o município de destino dos migrantes estudados, Rio Claro R\$ 34.490.850⁵¹.

Município	ICMS	Outros	Total
Catuti	R\$ 7.851,00	R\$ 54.431,00	R\$ 62.282,00
Gameleiras	R\$ 20.574,27	R\$ 81.300,49	R\$ 101.874,76
Mamonas	R\$ 19.529,50	R\$ 113.792,01	R\$ 133.321,51
Mato Verde	R\$ 276.091,60	R\$ 761.748,08	R\$ 1.037.839,68
Monte Azul	R\$ 584.440,07	R\$ 1.071.477,78	R\$ 1.655.917,85

Tabela 4 – Arrecadação nos municípios norte mineiros estudados
 Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda - SEF/MG
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

⁵¹ Dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Fazenda - SEF/SP.

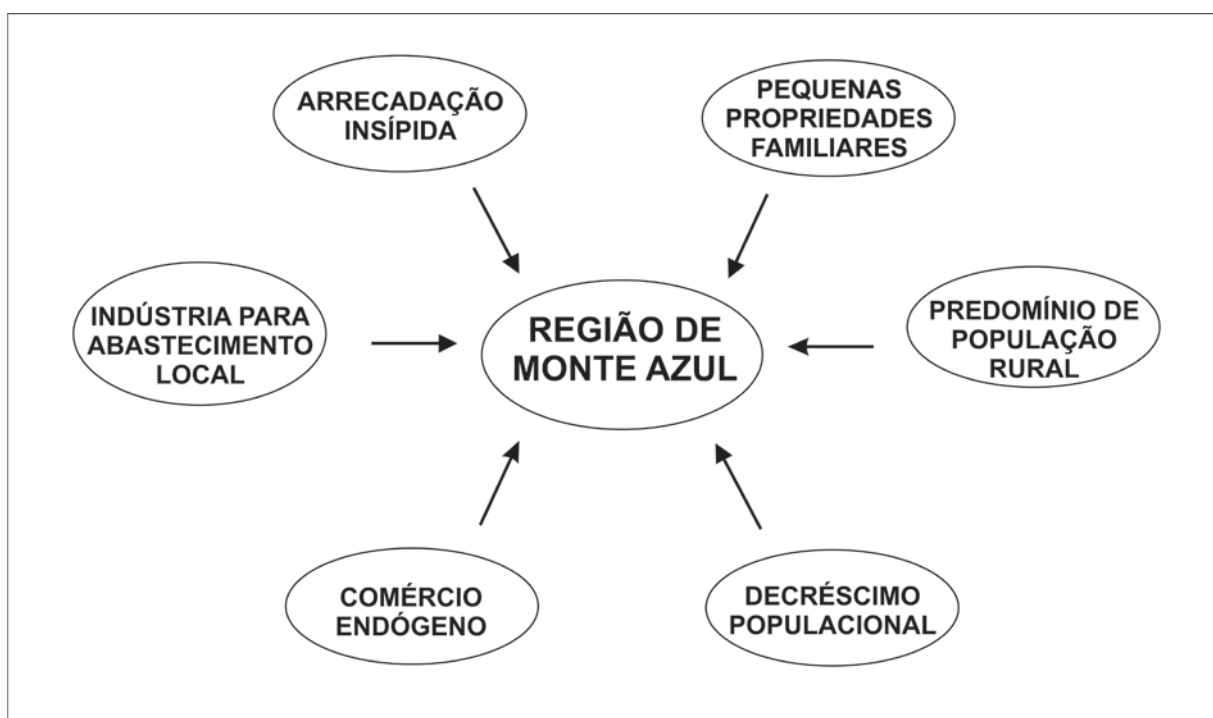
A partir de uma análise conjunta dos dados apresentados anteriormente, podemos concluir que os municípios da “região de Monte Azul”, constituem um espaço, que economicamente é dependente do setor agropecuário ou da agricultura de subsistência, com um padrão de urbanização muito precário, onde a indústria e o comércio possuem um papel ínfimo na sua composição econômica, apenas voltados para o abastecimento da população local.

Outro elemento importante na caracterização do referido espaço está na conformação da estrutura fundiária (cf. tabela 5). Pelos dados do INCRA observamos um predomínio da propriedade familiar, onde aproximadamente três quartos da área rural dos referidos municípios são constituídos por pequenos estabelecimentos familiares. Os indivíduos do grupo estudado são uma amostra desse padrão encontrado, já que um número elevado de migrantes (73% dos entrevistados) possuem (ou possuíam) uma pequena propriedade no norte mineiro.

Município	Categoria	Nº Estabelecimentos	Área (%)	Valor Bruto da Produção (%)
Catuti	Familiar	681	50,1	67,9
	Patronal	32	49,9	31,9
	Outras	---	---	---
Gameleiras	Familiar	463	10,6	20,6
	Patronal	53	89,4	79,4
	Outras	---	---	---
Mamonas	Familiar	1091	90	91,8
	Patronal	17	10	8,2
	Outras	---	---	---
Mato Verde	Familiar	966	66,5	68,1
	Patronal	60	33,5	31,8
	Outras	3	---	---
Monte Azul	Familiar	2530	79	82,3
	Patronal	72	21	17,6
	Outras	8	---	0,1
Total	Familiar	5731	59,24	66,14
	Patronal	234	40,76	33,78
	Outras	11	---	0,08

Tabela 5 – Distribuição fundiária nos municípios norte mineiros estudados
 Fonte: Fundação INCRA – IBGE – Senso Agropecuário 2006
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Diante do que foi exposto até o momento pode-se inferir que o espaço de origem dos migrantes mineiros apresenta um predomínio do “mundo rural”, sendo caracterizado por uma urbanização frágil e dependente do campo, que praticamente sobrevive da subsistência. Assim, este conjunto de características vão se constituir na base dos elementos estruturadores do espaço norte mineiro, propiciando e oferecendo condições que incentivem fluxos migratórios para outras regiões que apresentem uma maior gama de oportunidades. O esquema 11 resume os principais elementos econômicos e sociais do espaço de origem dos migrantes estudados.



Esquema 11 – Elementos econômicos e sociais presentes no espaço de origem dos migrantes norte mineiros
Organização: Adriano Corrêa Maia.

2.2 – Caatingueiros e nordestinos

É pela cultura que estas populações [do norte de Minas] fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território.

Maria Geralda de Almeida, 2008, p. 317

Para iniciarmos nossos exames sobre a relação entre o espaço e a cultura na “região de Monte Azul”, vamos observar as análises e classificações identitárias realizadas anteriormente sobre a relação sociedade e natureza para a região norte

do estado de Minas Gerais (ALMEIDA 2005a, 2005b, 2008; COSTA, 2005; DYRRELL, 1991, 2000). Este procedimento objetiva compreender as singularidades presentes no espaço de origem do migrante mineiro, uma vez que, a área estudada corresponde a uma particularidade dentro da pluralidade de elementos físicos e humanos presentes no espaço norte mineiro. Mais adiante, completaremos a observação com estudos sobre a região do nordeste brasileiro (ANDRADE, 1986, OLIVEIRA, 1977), sendo que a “região de Monte Azul” se localiza no bioma da caatinga, se constituindo uma área de transição, característica que a diferencia do restante do norte mineiro que se situa no bioma do cerrado (ver figura 2).



Figura 2 – Biomas brasileiro e a área estudada
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Essa localização traz à região de Monte Azul uma identidade própria, se diferenciando bastante do conjunto de áreas pertencentes ao norte mineiro. Assim,

os estudos já realizados fornecerão parâmetros para a classificação do grupo de migrantes analisados com relação ao restante da região norte de Minas.

Desse modo, as classificações identitárias vão constituir um elemento balizador para nosso ponto de partida, sendo que, a partir deles encaminharemos a continuidade das nossas análises sobre o espaço circunscrito dos migrantes estudados em relação a sua vizinhança (região norte de Minas).

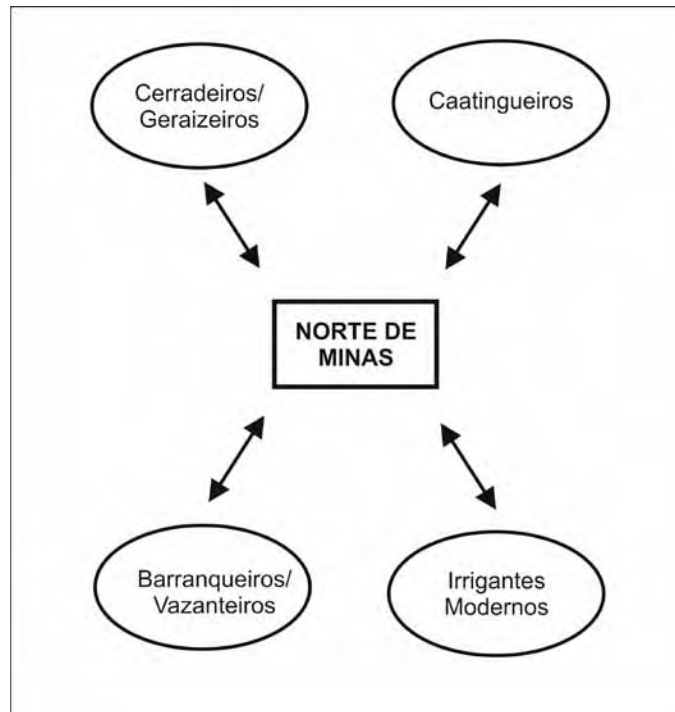
Para o exame de uma classificação identitária da população da “região de Monte Azul”, inicialmente atentaremos para o significado da natureza e para a compreensão das identidades presentes em todo espaço norte mineiro. Assim, pela compreensão do uso e das representações criadas sobre a natureza obteremos as expressões culturais designadoras de uma interação homem-meio particular e, conseqüentemente, uma identidade expressa pelo seu espaço geográfico.

Haesbaert (2007) afirma que uma identidade se realiza a partir do momento que se torna um elemento central para a identificação e ação política de um grupo social específico e que este, de alguma maneira, passa a se reconhecer como participante de um espaço e uma sociedade comum. A preocupação com a identidade é também discutida por Penna (1992, p.56), ao interrogar sobre “o que faz ser nordestino?”⁵². A autora discute possíveis hipóteses na configuração dessa identidade como a naturalidade, a vivência e a cultura ou ainda a auto-atribuição do indivíduo. Ela reforça que “deve se abandonar qualquer enfoque da identidade que a conceba necessariamente como monolítica, única ou estável, ou ainda como dotada de existência própria” (PENNA, 1992, p. 56).

Partindo destas compreensões, podemos inferir que as identidades se manifestam na convivência dentro de um espaço geográfico comum. Todavia, os significados desses laços identitários criados não são marcados pela unicidade e sim pela multiplicidade de percepções. Desse modo, diversas identidades espaciais vão estar presentes na região norte mineira; os migrantes estudados correspondem a apenas uma delas. Em estudos anteriores (COSTA, 2005) foram esboçados perfis que identificam grupos específicos em suas relações com a natureza, identificando assim quatro principais grupos identitários presentes na região norte de Minas

⁵² Ab´Saber (1974) estabelece como sertão uma tipologia com base em variações climáticas e fisionômicas distinguindo “sertão bravo” (áreas mais secas), “altos sertões” (áreas semi-áridas rústicas e típicas, existindo nas depressões colinosas), “caatinga agrestadas” ou “agrestes regionais”.

Gerais⁵³: os cerradeiros e/ou geraizeiros, os caatingueiros, os barranqueiros e/ou vazanteiros e irrigantes modernos (cf. Esquema 12).



Esquema 12- Grupos identitários presentes no espaço da região do norte de Minas.

Fonte: Costa (2005)

Organização: Adriano Corrêa Maia.

Na classificação apresentada, os migrantes estudados são referenciados como caatingueiros, pois se encontravam na pequena área da região semi-árida presente no estado mineiro⁵⁴.

Os caatingueiros se encontram situados no sopé da Serra Geral que corta longitudinalmente o território do norte de Minas. Seu signo identitário vincula-os à caatinga e lhes foi auferido pelas populações tradicionais diferenciada com que mantém relações. A Serra Geral é

⁵³ Para Dayrell (1991, p.5), o sertão no norte de Minas Gerais corresponde à área de ocorrência do cerrado nas suas especificidades: "cerradão, cerrado, campo-Cerrado e altimontano, incluindo, ainda, as veredas, a floresta caducifólia ou subcaducifólia, a catinga de várzea e a caatinga com a faixa com formações de transição entre cerrado, a floresta e a caatinga". Essa terminologia contempla as classificações botânicas e aquelas feitas localmente pela população. As populações daquela região classificam os diversos ambientes dos cerrados norte-mineiros, ainda conforme Dayrell (1991), em cerradão, gerais (categoria que contém as diversas formas de cerrado classificadas pelos botânicos), vazante (florestas galerias), veredas, barrancos (as matas das margens dos rios) e caatinga. Apesar de o Norte de Minas Gerais ser a transição entre o bioma cerrado e o bioma caatinga, a população norte-mineira não compreende os dois como bioma distinto. Para os norte-mineiros, cerrado e caatinga ali são como parte de uma totalidade ambiental, assim como a sociedade regional é compreendida como uma totalidade (COSTA, 2005).

⁵⁴ Esta área pertence a uma vasta área de caatinga, que ocupa a região Nordeste brasileira, desde o Piauí até o sopé da Serra Geral e que corta longitudinalmente o território do norte de Minas Gerais.

uma formação rochosa que chega a atingir em seu ponto mais elevado a altura de 1.490 metros, serve de divisor de ambientes bem distintos: de um lado os platôs e chapadas em seu cimo e de outro a depressão sanfranciscana que lambe os sopés da serra e se espraia como imensa planície até a calha do rio São Francisco. (COSTA, 2005, p. 305)

Primeiramente com descendentes de migrantes portugueses e índios que se instalaram na região desde o início do povoamento regional, e após conjuntamente com os italianos, que a partir de fins do século XIX também passam a ocupar a área, temos a constituição de uma identidade local, a dos caatingueiros.

Inicialmente, a principal atividade econômica da região era a criação de gado, seguido pelo desenvolvimento de uma agricultura diversificada praticada por brancos de origem européia, desenvolvendo, a partir daí, a agricultura caatingueira. Tradicionalmente cultivando para abastecimento familiar, os caatingueiros incorporaram a cultura algodoeira com seu caráter nitidamente comercial no século XVIII, influenciados, como no restante do sertão nordestino, pelo aumento da demanda provocada pela mecanização do processo manufatureiro da indústria têxtil européia e a substituição da lã pelo algodão; bem como pela escassez de produto devido à guerra de secessão norte-americana. Uma característica marcante da produção do algodão na região consistia na realização da atividade agrícola principalmente por agricultores familiares.

No caso do referido espaço, tradicionalmente, Costa (2005) descreve períodos de relativa importância da cultura de algodão, beneficiando os milhares de agricultores familiares ali localizados, mas enfatiza também que tais agricultores nunca abandonaram seus sistemas tradicionais diversos, destinados à produção de fibras, alimentação e criação de animais.

No início da década de 1970, uma crise assolou o cultivo de algodão, assim restando poucas alternativas aos agricultores locais. Alguns que possuíam glebas de terra um pouco maior, passaram a se dedicar à pecuária, enquanto que a maior parte acabou praticando uma agricultura de subsistência.

Esta classificação, como caatingueiros, torna-se de extrema importância metodológica dentro do nosso trabalho, uma vez que, nos dá a permissão de “consultar” e “comparar” dados obtidos no campo com outros trabalhos sobre o tema. Aproveitando-se desse recurso podemos colocar os migrantes mineiros estudados, seguindo Durham (1973), como possuidores de algumas características

que estão relacionadas com a homogeneidade dos agricultores familiares do semi-árido brasileiro:

(...), são as relações de trabalho e a organização da vida social vigentes nas áreas tradicionais, sobretudo aquelas ainda presas a uma economia fechada, que caracterizam o equipamento cultural de grande parte desses migrantes. Este fato nos ajuda a compreender a grande uniformidade que encontramos nos dados sobre as condições de vida na zona rural (DURHAM, 2004, p. 133)

A partir do referencial classificatório e comparativo elaborado, temos a possibilidade de explorar a específica relação do espaço com a cultura dos migrantes estudados na “região de Monte Azul”, que constroem um espaço particular (resultado de uma dialética dos espaços absoluto, relativo e relacional), a espacialidade de origem dos migrantes norte mineiros.

2.3 – Espacialidades e sociabilidades entre os agricultores/migrantes norte mineiros

Anticonsumo

*Como vai longe o dia, Maninho,
em que a gente podia ser comum*

*Entre ervas burras, folhas molhadas de mamona
e salsa
a gente podia ser
simplesmente
nossas mãos nossos pés nossos cabelos
e o que queimava dentro
no escuro*

*Como vai longe o tempo como as águas
batendo na amurada
alegremente
como os peixes
vivendo no seu músculo
o mistério do mundo*

Ferreira Gular, Poemas escolhidos, pg. 76

Considerada como uma cultura característica da região do semi-árido de Minas Gerais - os caatingueiros - são estruturados e estruturadores desse espaço específico, “a região de Monte Azul”, uma singularidade dentro da unidade cultural.

Segundo as concepções teóricas adotadas, a cultura dos migrantes norte mineiros estudados, dentro desta singularidade caatingueira, possuem particularidades culturais que apresentam sua fundamentação na sua terra de nascimento, a “região de Monte Azul”, onde foi passado, ao longo da vivência de cada ser do grupo, os elementos de “um sistema ordenado de significados e símbolos... em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revela seus achados e fazem seus julgamentos”; “um padrão de significados, transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela”; “um conjunto de dispositivos simbólicos para o controle do comportamento, fontes extra-somáticas de informações” (GEERTZ, 1989, p. 245; 89; 52).

Assim, para o entendimento desse espaço singular vamos partir de uma “descrição densa” dos principais elementos físicos, humanos e das relações sociais presentes nas espacialidades do agricultor/migrante norte mineiro em seu espaço de origem, os quais dão uma particular formatação sócio-cultural a esse grupo, e que serão de extrema importância para a construção do espaço na cidade de Rio Claro.

2.3.1 - A base ecológica, localização e a locomoção

Basicamente, o conjunto de migrantes pertencentes ao grupo estudado são provenientes de pequenas propriedades rurais que estão localizadas nos arredores de dois povoados, o de Barrinhas no município de Monte Azul e o de Cipoal no município de Gameleiras (cf. indicado na figura 3).

Trata-se de uma área semi-árida e transicional com altitudes variando de 500 a 600m, em que as matas exprimem a mudança ecológica para o domínio da caatinga, estando relacionadas à presença de solos oriundos de decomposição de calcários existentes nas citadas depressões (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1975). Já o clima da região é seco, com chuvas no verão, com precipitações anuais sempre inferiores a 1000 mm (ANTUNES, 1986).

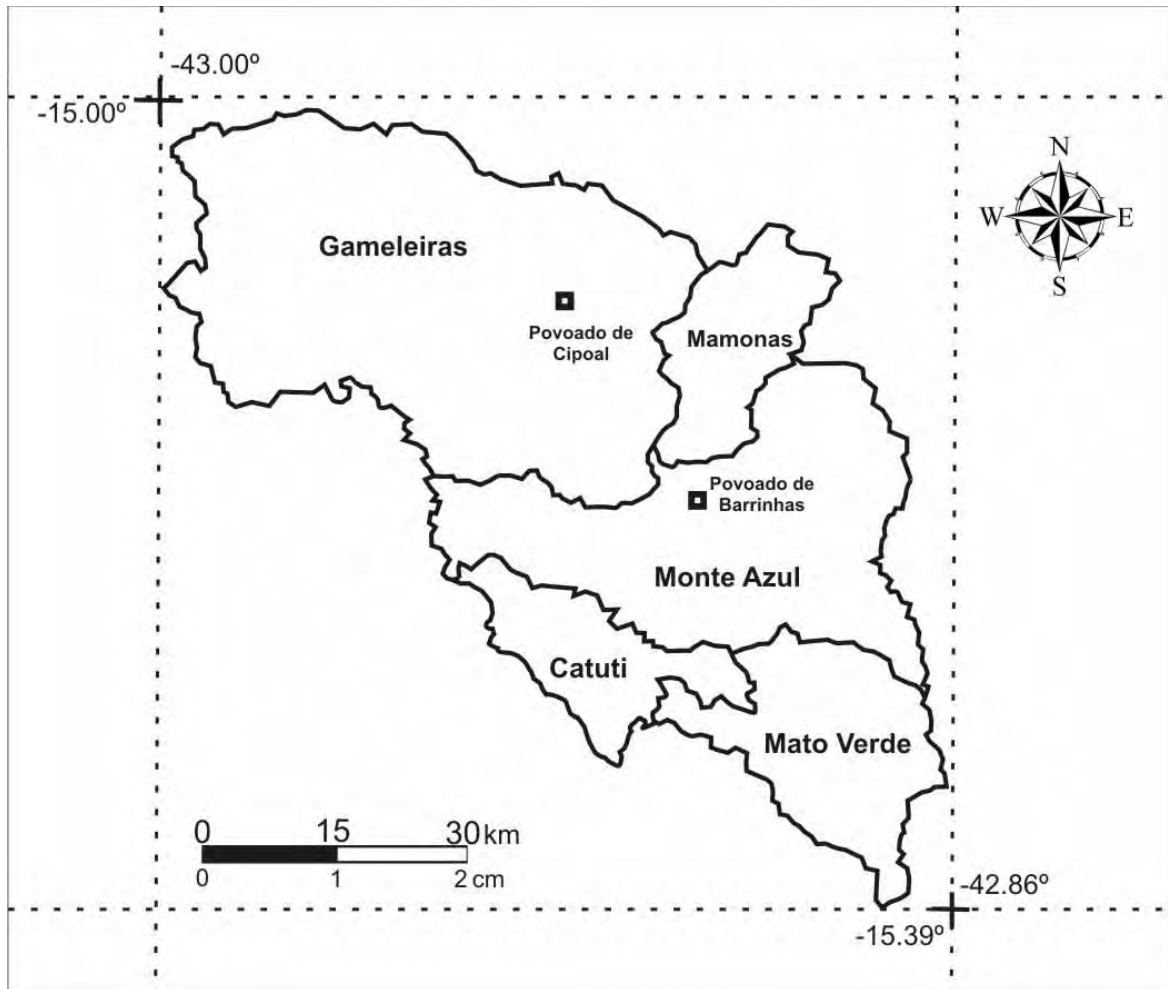


Figura 3 – Localização dos povoados norte mineiros de origem dos migrantes
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Essas duas áreas da “região de Monte Azul” condizem com o espaço de procedência da totalidade de indivíduos do grupo estudado. No questionário aplicado, 17 pessoas eram residentes nessas áreas antes da migração, e as 5 que vieram de outras localidades da região⁵⁵ possuíam um grande vínculo com o referido espaço.

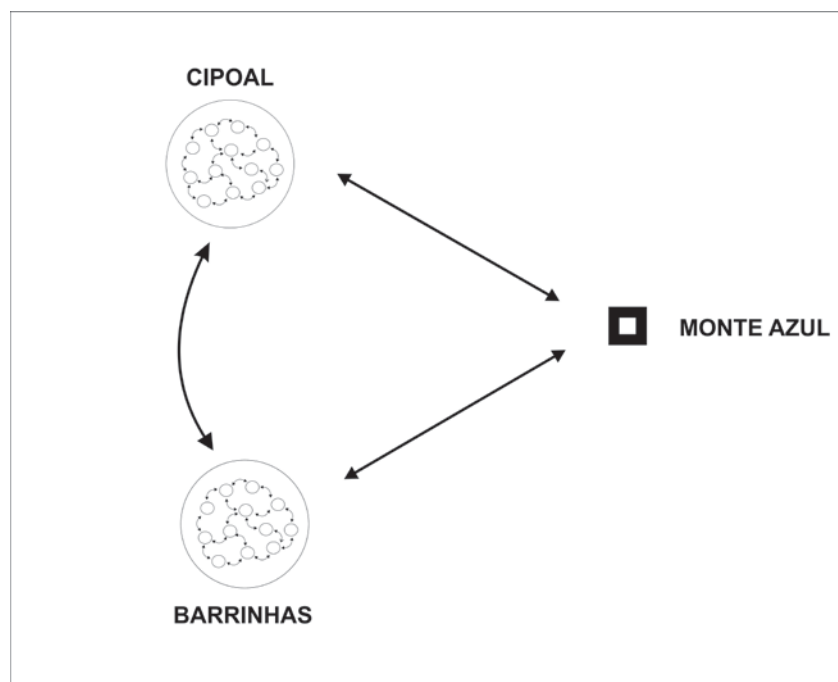
Fundamentalmente, as referidas áreas possuem características físicas (espaço absoluto) idênticas, causadas principalmente pelo fator proximidade (30 Km).

Estes elementos físicos (o espaço absoluto) compreendem um importante referencial para a formação da cultura do migrante, pois são os componentes que

⁵⁵ Todos se mudaram da região motivados pelo casamento com mulheres de outras localidades. Dos 5 indivíduos citados 2 moram em Mamonas, 2 e Catuti e 1 em Mato Verde.

direcionam a relação do homem com a terra (meio), possibilitando a criação de técnicas específicas de usos determinados, tipos de culturas a serem plantadas e de sociabilidades singulares para o referido espaço. Esta base ecológica específica será um dos elementos estruturadores de toda a organização sócio-espacial do espaço do migrante norte mineiro.

Já, a mobilidade apresentada pelos habitantes dentro do espaço físico da “região de Monte Azul” é bastante limitada (cf. esquema 13). O seu deslocamento se concentra basicamente em visitas diárias às propriedades vizinhas de parentes e compadres com a finalidade de lazer ou trabalho. Geralmente duas a três vezes por semana ou em “momentos de necessidade” encaminham-se ao seu respectivo povoado para comprar alguns suprimentos em falta na propriedade. A ligação desses moradores rurais com o urbano está centrada na cidade de Monte Azul, onde a locomoção ocorre somente por conta da necessidade de recorrer a alguns serviços básicos, como atendimento bancário e de saúde, ou para participar da importante feira que acontece todo sábado, quando vários sítiantes encaminham-se para o mercado municipal para vender alguns produtos que cultivam e comprar outros, que não produzem em suas propriedades. A locomoção da zona rural para a cidade de Monte Azul e seu retorno é feita geralmente de “pau de arara”, meio de transporte bastante utilizado na região.



Esquema 13 – Mobilidade do migrante no espaço norte mineiro
Organização: Adriano Corrêa Maia.

1.3.2 - A espacialidade: O sítio

O sítio constitui-se no principal elemento espacial para o migrante norte mineiro em seu local de origem, onde se concentra toda sua vida cotidiana. Quando nos referimos ao sítio, como um espaço, temos a compreensão das três dimensões espaciais sugeridas pelo desenvolvimento teórico proposto (o espaço absoluto, relativo e relacional). Assim, o sítio para o migrante, vai corresponder ao espaço onde a sua espacialidade será expressa e estruturada.

Nos dois agrupamentos estudados, as propriedades pertencentes aos migrantes estudados são de pequeno porte, com uma média de 7 (sete) alqueires (cf. questionário). Esta dimensão está relacionada à fragmentação da terra, segundo os moradores locais este processo é proveniente de um histórico de divisão das terras através das seguidas heranças⁵⁶. Desse modo, a conformação das propriedades atuais são resultantes de divisões sucessivas entre os herdeiros dos antigos proprietários.

A estrutura interna constituinte dos sítios do espaço de origem do grupo de migrantes estudados é formada basicamente por um núcleo familiar, que fundamenta toda a organização e a atividade produtiva: a família.

Internamente, a família dos sítiantes estrutura-se de modo muito simples. Geralmente é composta pelo pai, a mãe, irmãos e irmãs, além de agregados (idosos ou filhos adotivos). Em termos hierárquicos, observamos a subordinação das mulheres aos homens e dos mais jovens aos mais velhos. A característica fundamental do grupo conjugal formado nos sítios estudados no norte mineiro é, portanto, a dominação paterna⁵⁷.

No espaço do sítio, existe uma divisão de trabalho relativamente rígida, que atribui ao grupo masculino (pai, filhos e agregados) a obrigação da execução das tarefas extras domésticas, nos espaços direcionados à agricultura e pecuária, e

⁵⁶ Todos os indivíduos do grupo responderam no questionário aplicado que receberam suas propriedades através de heranças familiares.

⁵⁷ A preparação da terra não é iniciada de forma ou em local aleatórios. Elas seguem sempre uma direção definida, chamada na região de "direção de produção", que vai das proximidades da casa para o mato. A direção do processo é determinada pelo pai de família, detentor do governo do trabalho. É ele que "dá a direção". O fato de ser o homem quem define a direção do deslocamento espacial indica que ele também detém o controle do processo como um todo.

tende a confinar os trabalhos femininos no âmbito da casa, das hortas e dos pomares.

Lá em Minas não tem esse negócio de mulher dar parpíte, quem manda é o homem, e filho é mesma coisa até ele formar família. Aqui, já é um pouco diferente, a mulher trabalha e quer palpitar também, às vezes dá briga, mas quem continua mandando lá em casa ainda é eu, apesar da minha mulher ganhar mais... (CLAUDINHO, servente pedreiro, 53 anos)

Lá em Minas, quando morava com o pai no sítio, era assim, o pai é que mandava em tudo, ele que comandava a roça, o que nós ia plantar. Eu e meus dois irmão mais novo ia com a pai para a roça. Só no tempo da colheita, que tinha muito trabalho minha irmã e às vezes minha mãe ia também. (BUGRÃO, servente geral, 42 anos)

Eu lembro da cozinha e do quintal do sítio do meu pai, era um brinco. Minha mãe levava aquilo nos trinquês, as panelas areadas o chão limpinho, limpinho. Na cozinha ela que mandava, meu pai não metia o bedelho não, se não ela se ofendia. Já o quintal era bem cuidado. A mãe plantava flor, tinha um hortinha que era uma beleza. Quando era pequeno lembro de ajudar ela mexer na horta. (JOSÉ, pedreiro, 34 anos)

Portanto, o processo de trabalho ⁵⁸ vai configurar o espaço da unidade familiar, o sítio, reflete os espaços sociais do homem e da mulher: o que o homem faz está restrito ao espaço da produção e das relações externas; o que a mulher faz está referido ao espaço da casa e do consumo. O que o homem faz tem uma finalidade diversificada: tanto pode ser insumo interno para a produção, como pode se tornar mercadoria. O que a mulher faz tem apenas valor de uso no âmbito doméstico.

A hierarquia patriarcal também está presente e refletida no conhecimento técnico do trabalho que se realiza na unidade produtiva. Assim, observamos que o saber para o trabalho na propriedade se faz no próprio trabalho – pois o saber é um saber-fazer, que é parte e um dos pilares da hierarquia familiar – sempre

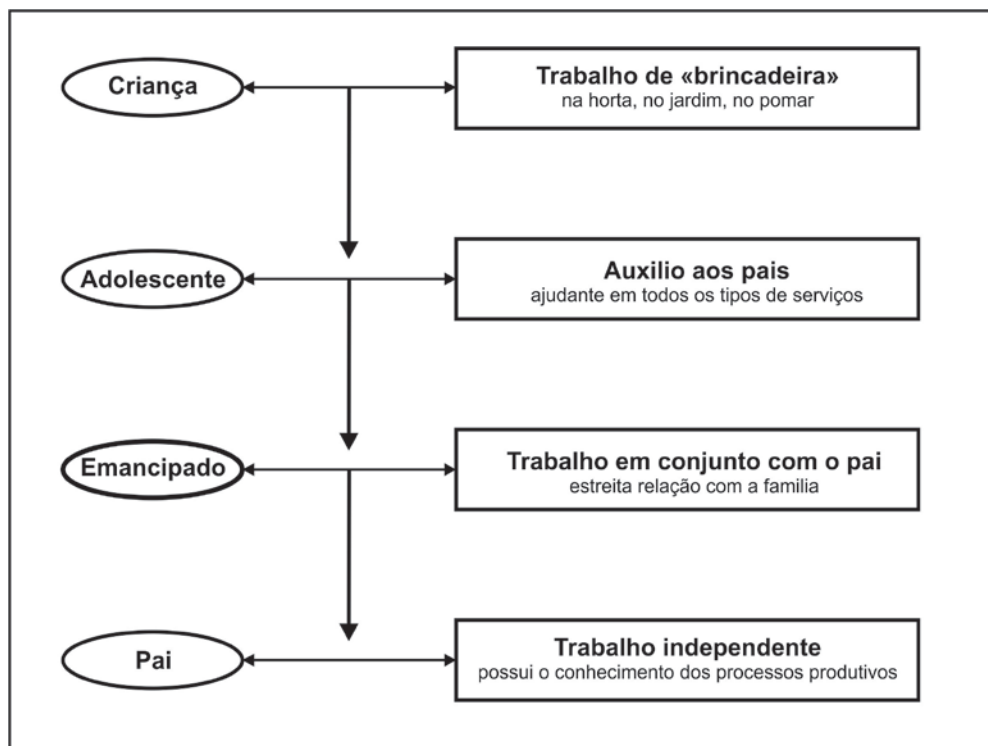
⁵⁸ Aqui cabe uma observação que foi constatada em todo trabalho de campo, a ênfase que o migrante dá ao trabalho. Na realidade, sua vida na cultura rural gira em torno do trabalho, ao falar sobre o trabalho, o migrante acaba se expressando também sobre muitas outras coisas, para eles, partes componentes do trabalho. Falavam, por exemplo, do parentesco, de homens e mulheres, da comida, de Deus e dos homens. Para nós como pesquisadores, há sempre a necessidade de se fazer cortes temáticos para um enquadramento científico do objeto, mas isso não ocorre para o grupo, na realidade, para os migrantes, trabalho, terra e família são indissociáveis e falar de um é falar dos outros.

subordinado ao chefe da família. É este quem comanda o modo pelo qual se realiza o trabalho, como dizem os migrantes,

Tudo que eu sei da roça foi meu pai que ensinou, ele vai passando pra gente. Na verdade ele aprendeu com meu avó, o pai dele, e assim por diante. Então, devagar, e eu também ficava observando como faz, você vai aprendendo a mexer na roça além de outras coisas. (ABELARDO, servente geral, 38 anos)

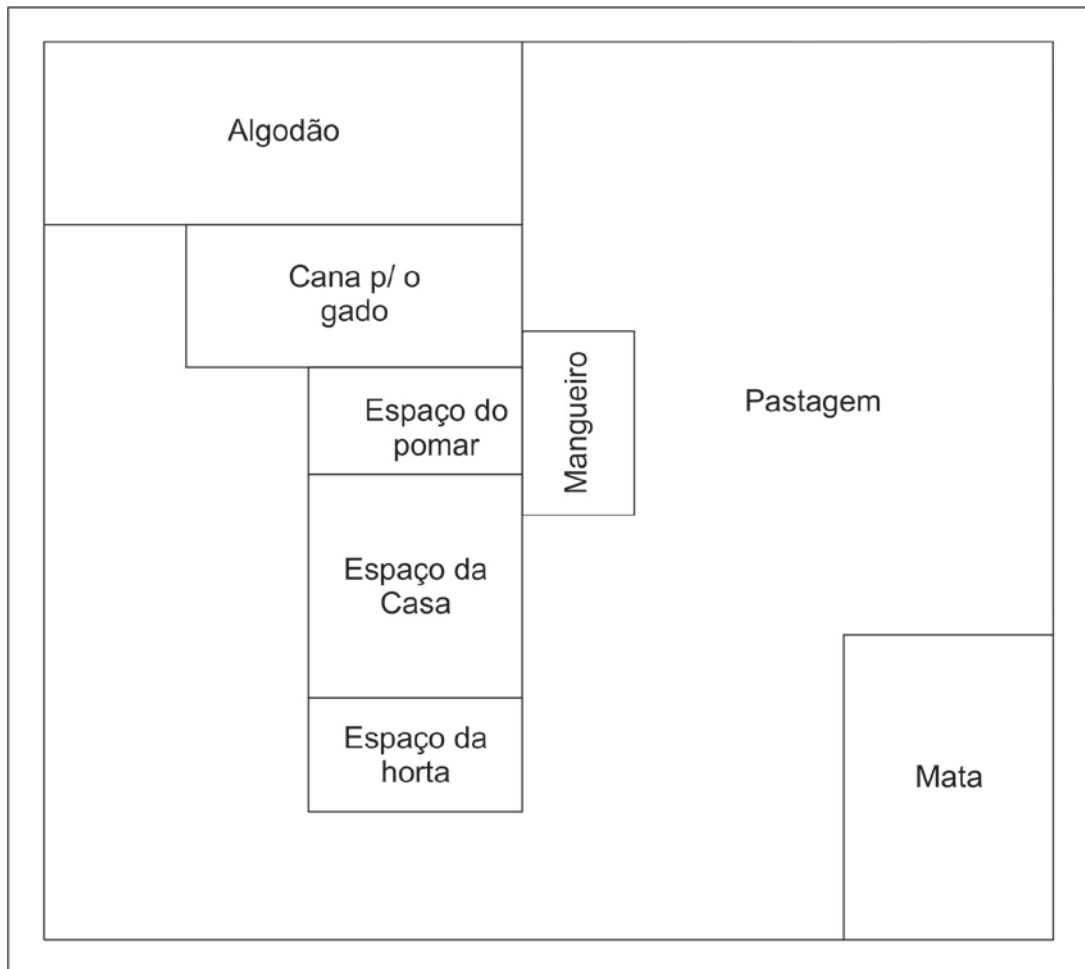
Então, é o chefe familiar, também, quem governa o fazer-aprender. A transmissão do saber é mais do que transmissão de técnicas: ela envolve outros valores; ela envolve a cultura e a construção de papéis sócio-espaciais.

Portanto, dentro da cultura rural, as técnicas com seus símbolos e significados (a cultura) são transmitidas através do trabalho. Isso pode ser observado na evolução do aprendizado do labor; quando menino, o migrante começa aprendendo (brincando) na horta da mãe, para depois sair com o pai, realizando atividades mais simples até alcançar certo conhecimento. Neste momento o menino já se formou homem, abrindo a possibilidade de constituir sua própria família (organograma 1).



Organograma 1 – A evolução da inserção do homem do espaço rural de Monte Azul
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Devido aos processos colocados em tela, o ordenamento espacial característico de um sítio do norte de Minas segue um modelo padrão, em que as espacialidades e sociabilidades são estruturadas e estruturam um espaço singular. Um sítio padrão é compartimento nos seguintes espaços: o espaço da casa, do gado, do pomar, da mata, do algodão, dos itens básicos (cf. Esquema 14).



Esquema 14 – Croqui modelo do sítio norte mineiro
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Assim, a propriedade rural familiar (o sítio; “as terrinhas”⁵⁹) é o espaço vivido do migrante mineiro, sendo resultado de suas historicidade, sociabilidade e espacialidade, pois constitui um espaço construído; um conjunto de espaços articulados entre si, que permite a organização e a vinculação de uma cultura específica.

⁵⁹ Fala nativa.

2.3.3 - O ser migrante – Parentesco e compadrio: a sociabilidade

Decorrente desse processo de formação espacial que conflui na constituição do espaço do sítio, temos a construção de um histórico de convivência, que vai construir duas instituições culturais que fundamentalmente vão sustentar as sociabilidades e as espacialidades do ser migrante mineiro, o parentesco e compadrio.

Aqui nós tem muito respeito pela família e pelos amigos. Pra nós estas duas coisas são tudo, sem elas nós não conseguiria viver. Aqui se a gente precisar de alguma coisa sempre tem alguém para ajudar. Tem muita briga sim, mas sempre se resolve de uma maneira ou de outra. Mas sem parente e amigo aqui ninguém vive (...) pensando bem sem essas coisas que graça a vida teria, viver sozinha pra que?
(JOSE ROBERTO, servente geral, 53 anos)

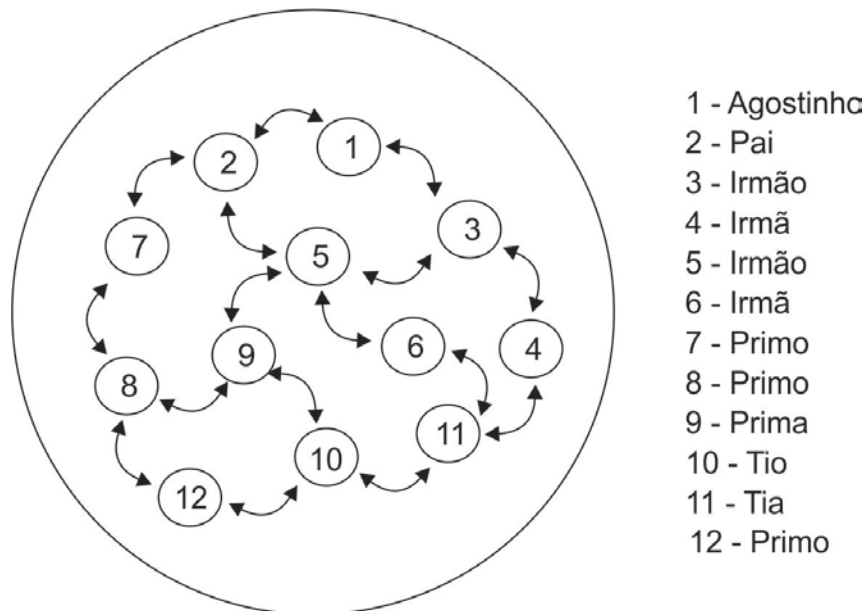
O específico arranjo espacial, presente na área vai propiciar um conjunto limitado de relacionamentos, sendo que, quase todas as relações de trabalho e amizade vão estar confinadas nestes espaços, construindo fortes laços que vão perdurar quase a vida toda e moldar uma cultura específica dentro desses agrupamentos. Decorrente desta configuração, o parentesco e o compadrio são as instituições culturais que vão constituir os princípios norteadores da organização da vida dos grupos de vizinhança estudados.

Dentro dessas instituições, o parentesco se constitui na mais importante, sendo criadora de um conjunto de relações relativamente estáveis, que normalmente são derivadas diretamente da família elementar, isto é, das relações entre pais e filhos e entre irmãos (Esquema 15).

O parentesco em si não define necessariamente o grupo estudado, mas vai estabelecer um círculo de relações pessoais preferenciais (reais ou potenciais), que é mobilizado conforme as necessidades e interesses dos migrantes ao longo da vida (WOORTMANN, 1995, p. 29-93).

Os parentes é a família da gente, é o que nós temos de mais importante. Você pode ver, aqui todos os meus vizinhos são parentes. Se a gente precisar de alguma coisa é só pedir. Parente é

pau para toda obra. Você vê o caso do Agostinho, quando meu filho quis ir para Rio Claro, só falei com ele e tudo acertado. Parente é para isso. (GERALDO, agricultor, 47 anos)



Esquema 15 – O espaço construído pelo parentesco
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

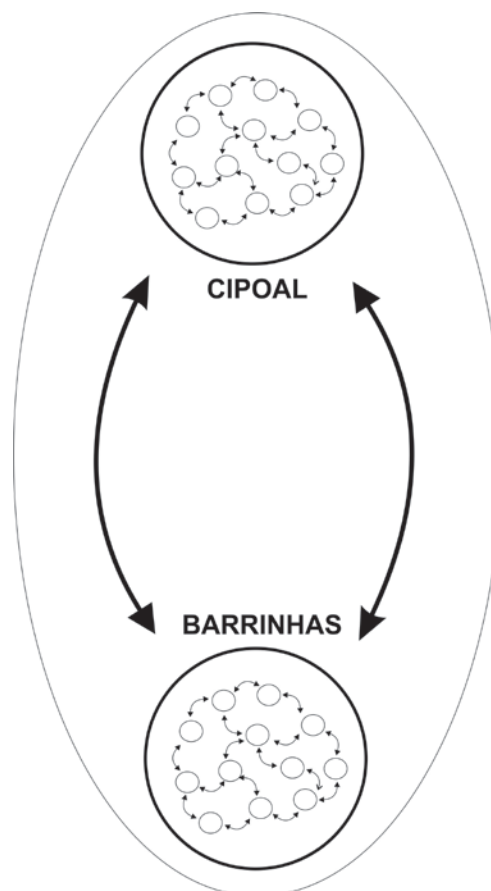
Já o compadrio, também se constitui numa instituição cultural fundamental dentro da dinâmica sócio-espacial do norte de Minas. Estabelecido em base voluntária, geralmente dentro de um espaço delimitado, o compadrio assinala as relações preferenciais entre parentes, além de estender os limites da solidariedade interfamiliar, criando laços de “parentesco ritual” ⁶⁰ (MONTEIRO, 1974, p. 57-77). Essa longa trajetória de ocupação de um mesmo espaço, constituirá um histórico de relações entre espaços específicos que vão propiciar, ao grupo, um conjunto de conexões que criarão as relações de compadrio (Esquema 16).

Concebidas sobre o modelo das relações vigentes na família nuclear, as relações estabelecidas pelo compadrio reproduzem fortes laços de solidariedade dentro do grupo. Esta instituição, como indicado no parentesco sempre é mobilizada conforme as precisões e conveniência dos indivíduos.

Dentro do grupo estudado as relações de compadrio compõem um dos elementos centrais para o posterior entendimento das dinâmicas dos migrantes no

⁶⁰ O “parentesco ritual” refere-se às relações que não são baseadas em laços biológicos.

espaço urbano de Rio Claro, pois vão relacionar os dois povoados que estão espacialmente separados e que formarão uma rede migratória constituída no ambiente citadino. Assim, os dois espaços singulares, localizados no povoado de Cipoal e Barreiras se conectarão através de relações de compadrio estabelecidas por descendentes mais velhos. Este contato propiciado pelas relações de compadrio resultou em um histórico de favores e amizades, estabelecendo fortes laços que perduram até os dias atuais.



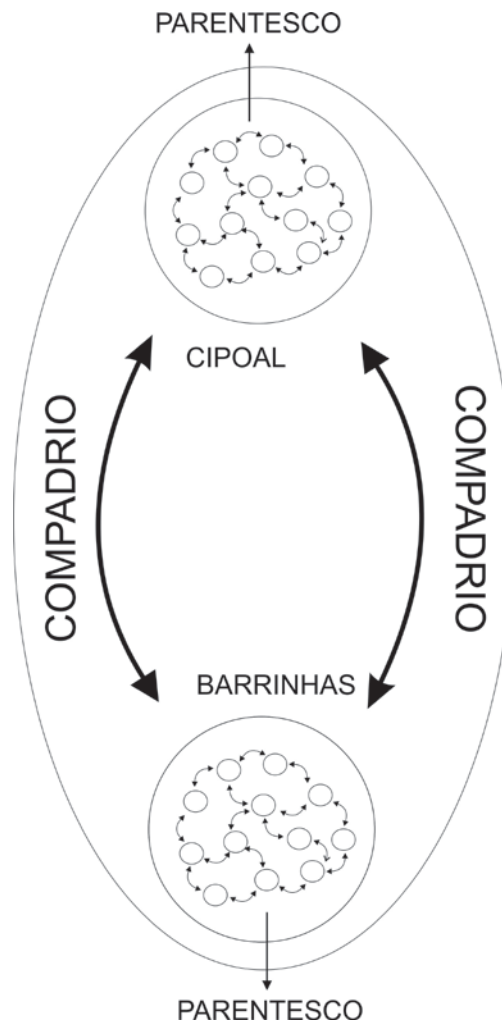
Esquema 16 – O espaço construído pelo compadrio
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Nas análises realizadas posteriormente, temos que o encontro do Agostinho e Domingos, para formar uma equipe de trabalhadores para prestação de serviços na construção civil em Rio Claro, que se constitui na base da rede do grupo de migrantes estudado, se deu devido, basicamente, a esta instituição cultural.

A gente já se conhecia lá de Monte Azul, porque nossos pais eram compadres há muito tempo, parecem que se conheceram na cidade e a partir daí trocavam dias de serviço, ferramentas, além de outras

coisas mais [...]. Então, lembro de ir pequenininho no sítio do Agostinho para ver o meu pai trabalhar ... (DOMINGOS, empreiteiro, 54 anos)

Desse modo, podemos colocar que as relações de parentesco e compadrio vão gerar espacialidades específicas, originando e estruturando espaços, que necessariamente não são contingentes (esquema 17).



Esquema 17 – O espaço construído pelo parentesco e compadrio
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Outro ponto a ser mencionado é que as espacialidades configuradas pelo parentesco e compadrio podem ser reais ou virtuais. Observamos, em nosso trabalho de campo, que estas relações são duradouras, sendo que mesmo com as viagens de migração e as várias mudanças para procura de emprego separando os parentes ou os compadres durante anos, o vínculo permanece fortemente

fundamentado nessas instituições. Poderíamos mesmo dizer que em estado latente, esses laços sócio-espaciais podem ser reativados a qualquer momento e o projeto migratório é o principal deles.

Também observamos, em muitos casos, as relações de parentesco, então, na forma do compadrio, como que “corrigindo” as deficiências de composição do grupo doméstico. O parentesco limita-se a criar uma área de relações preferenciais. O compadrio estabelece apenas vínculos recíprocos entre as pessoas, duas a duas.

Conheço o Domingos desde pequeno, o pai dele era compadre do meu pai, nós fazia tempo que não se via, depois que ele casou passou um tempo colhendo café no sul de Minas, aí nós se encontramos aqui em Rio Claro numa obra que nos fizemos o reboco para o Tonho. Aí foi que ficamos sócio, que começamos pegar umas casas por empreita ... (AGOSTINHO, empreiteiro, 38 anos).

Além desses laços, apenas a proximidade física, a simpatia pessoal e a experiência comum de auxílio recíproco, a familiaridade que brota de convivência, se apresentam como fatores de solidariedade entre o grupo ⁶¹.

2.3.4 - Considerações sobre a cultura dos migrantes

O que podemos inferir sobre os migrantes, em seu espaço de origem é que sobre um patrimônio físico comum (espaço absoluto), o grupo construiu ao longo do tempo instituições culturais indispensáveis à manutenção de um nível vital gerando com isso espacialidades produtoras de um espaço singular.

Essa referida sociabilidade se estabelece pelo parentesco e compadrio, que são os principais construtoras das vivências (espaço relativo e relacional) e experiências (espaço relacional) espaciais relacionados à vida cotidiana desses migrantes.

É através das referidas instituições culturais que serão realizadas as tarefas coletivas, necessárias para a manutenção do sítio através do mutirão e troca de dias como formas de cooperação econômica. Esta configuração sócio-espaciais dos

⁶¹ No grupo do Agostinho e do Domingos apenas um pessoa é de fora, é um baiano de Guanambi (BA) que é vizinho do Domingos.

grupos de vizinhança constituem a unidade por excelência da vida social dos “caatingueiros”.

Assim, estas configurações espaciais (o espaço geográfico) e suas espacialidades (conjuntamente com a historicidade e a sociabilidade) vão conformar um espaço singular com uma cultura singular.

Do ponto de vista econômico, esse espaço se apresenta composto por um conjunto de produtores autônomos, sitiantes, que consomem grande parte do que produzem e se inserem marginalmente no mercado. Isso é gerador de uma estrutura sócio-espacial fluida, as quais constituem as características fundamentais da cultura rural desses migrantes. Semelhantes características já apontadas por Durham (1973):

A simplicidade da organização social, baseada num conjunto de relações diádicas, e que se apóia na indiferenciação econômica, manifesta-se no individualismo e igualitarismo que permeiam os padrões culturais. [...] A indiferenciação social e a simplicidade da cultura estabelecem um tipo de cooperação entre iguais, que realizam conjuntamente tarefas semelhantes. [...] A extensão da solidariedade para além da família se manifesta apenas através de uma reciprocidade direta e imediata. (DURHAM, 1973, p. 76).

Outro fato observado é forte laço identitário desses migrantes com o espaço local, um “orgulho” de ser “mineiro”, uma exaltação da identidade do norte de Minas, que na realidade vem a exprimir a solidariedade dos grupos locais, que são, portanto antes consequência que causa da unidade desses grupos. Esta questão identitária, geralmente se desenvolve principalmente por causa da longa ocupação de um mesmo espaço constituindo relações sólidas. Nessas condições, multiplicam-se os laços da rede complexa de relações de parentesco e compadrio, que unem de forma mais coesa a totalidade dos ocupantes do espaço; ao mesmo tempo, a longa história de uma vida comum, a memória de favores prestados e recebidos e a intimidade que nasce da familiaridade propiciam uma vida coletiva solidificada.

No nosso entender esta configuração sócio-espacial que constitui o espaço singular no norte de Minas vai produzir as condições materiais e imateriais para os dois processos que permitem (estruturar) a ida do migrante norte mineiro para o ambiente citadino de Rio Claro: a migração e o trabalho na construção civil.

3 - CAPÍTULO TRÊS: MIGRAÇÃO - TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS

Isso é simples, não precisa nem estudar, tá na cara, se eles mudaram de lá é que lá não estava bom⁶².

A. C., 69 anos, em conversa no dia 05/09/2008

Todo migrante tem uma alma guerreira, luta contra a poesia do ser. Ser, que é o lugar, que é o ser. Lugar, cemitério de placenta, de bois de chuchu, de folhas de mamona e de sonhos com lampião. Lugar, que é o ser, que é o lugar. Ser, que passa a não ser, mas sempre sendo, no lugar do ser. Todo migrante tem uma alma guerreira, luta contra a poesia do lugar.

Adriano Corrêa Maia, 22 de maio de 2009⁶³

A ordem da cidade sempre se alimentou da ordem rural, e a ordem da fábrica (ou do canteiro de obras) sempre se alimentou da ordem dos campos.

Abdelmalek Sayad, 2000, p. 7

Após a realização da discussão sobre os elementos construtivos da espacialidade do migrante norte mineiro em seu espaço de origem, neste capítulo vamos nos ater ao movimento de migração realizado pelo grupo, isto é, descrever o

⁶² Conclusão de A. C. quando, em uma conversa informal, perguntou sobre a temática de nossa pesquisa, e respondendo que investigávamos a migração do estado de Minas Gerais para o interior do estado de São Paulo.

⁶³ Poema realizado num momento de reflexão sobre a condição humana do ser migrante.

processo no qual o migrante decide sair de seu espaço de origem na procura de novas oportunidades para a sua vida.

Inicialmente, deve ser ressaltado que o evento da migração, dentro do grupo de migrantes estudado, consiste em um empreendimento ligado às relações de parentesco e de compadrio. Isso ocorre, principalmente, graças à inadequação do capital sócio-econômico que o indivíduo tradicional norte mineiro possui para manipular relações impessoais e utilizar as instituições burocráticas características do espaço urbano. Consequência desse fator, o migrante vai estar completamente dependente, no início do processo migratório, dos contatos pessoais⁶⁴ possibilitados pelas referidas instituições culturais.

O universo urbano vai constituir um elemento estranho e hostil ao recém imigrado, de curto capital sócio-cultural, e as relações pessoais oriundas do espaço de origem irão constituir no único ponto de apoio para o migrante no início do processo de saída e de ajustamento às novas condições de vida. Em nosso caso estudado, é dentro dessa necessidade inicial que são mobilizadas, previamente, as relações pessoais oriundas da condição sócio-espacial da região de Monte Azul

Revela-se, decorrente desse processo, então, a persistência dos laços interpessoais que caracterizam os grupos primários formados no espaço de origem, sendo isso um dos principais elementos estruturados para a configuração da construção do espaço urbano pelos migrantes norte mineiros.

Parentes que não se viam há anos vão ser requisitados para hospedar, auxiliar e encaminhar indivíduos que pretendem iniciar o processo de migração. Desta forma, com o auxílio da parentela e dos compadres, o migrante vai aprender a se relacionar com o novo espaço, superando as limitações do seu universo sócio-espacial de origem.

Assim, para descrevermos este contexto migratório na sua totalidade, iniciaremos com uma discussão dos fundamentos e do contexto da referida migração num nível global. Na sequência, discorreremos sobre a motivação e as estratégias adotadas para o deslocamento migratório específico do grupo estudado. Com isso, descreveremos a fixação inicial do migrante norte-mineiro no contexto urbano.

⁶⁴ Isto é um padrão em vários casos no qual os migrantes se dirigem para o contexto urbano de uma região industrializada, partindo de um contexto rural (DURHAM, 2004).

3.1 - Migração: fundamentos e contexto global

Como qualquer outro evento social de grande significado na vida das nações, as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas.

PAUL SINGER, 2002, p. 29

O processo de migração estudado, nitidamente está inserido em um contexto global de mudanças, que tem sua origem com o processo de industrialização e urbanização, consistindo não apenas de uma mudança de técnicas de produção e uma diversificação maior de produtos, mas também de uma profunda alteração da divisão social do trabalho (MARX, 1983).

Neste contexto global, as migrações internas são processos que permitem mecanismos de redistribuição espacial da população (CAMARANO; BELTRÃO, 1999), que se adapta, em última análise, ao rearranjo espacial das atividades econômicas.

Em decorrência disso, é preciso considerar o processo migratório analisado dentro de um paradigma que possui na concentração de capital e espacial das atividades produtivas o seu elo sustentador dentro do sistema capitalista. É claro que qualquer processo de industrialização implica uma ampla transferência de atividades (e, portanto de pessoas) do campo às cidades (MARX; ENGELS, 2009, p. 74-5):

A maior divisão do trabalho material e espiritual [geistigen] é a separação da cidade e do campo. A oposição [Gegensatz] entre a cidade e o campo começa com a transição da barbárie para a civilização, do sistema tribal para o estado, da localidade para a nação, e estende-se através de toda a história da civilização até os nossos dias (a Anti-Corn-Low League).

Nos moldes capitalistas, a referida transferência tende a se dar a favor de apenas algumas regiões em cada país, esvaziando as demais (HARVEY, 2006). Tais desequilíbrios regionais são bem conhecidos e se agravam na medida em que as decisões locacionais são tomadas tendo por critério apenas as perspectivas empresariais.

A criação de desigualdades regionais pode ser encarada como a promotora das migrações internas que acompanham a industrialização e a urbanização. Dessa

forma as regiões favorecidas acumulam vantagens, enquanto a população das áreas desfavorecidas sofre, em consequência de um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiarem-se dos seus frutos.

Em regiões pouco desenvolvidas pelo capitalismo, como no caso da “região de Monte Azul”, a economia local se encontra à margem da divisão inter-regional do trabalho, fechando-se sobre si mesma na base da produção para a subsistência, cujo excedente medíocre anima uma débil vida urbana local.

Aqui não é que nem lá, que o pessoal trabalha com máquina, aqui é no braço mesmo (...) é um trabalho que se você for por na ponta do lápis não dá pra você sobreviver dignamente, na verdade não cobre nem as despesas que você faz, quem continua aqui é porque é insistente, não tem indústria para o cabra trabalhar, não tem dinheiro na praça, não tem nada que faça melhorar (...). (BENEDITO, agricultor, 61 anos)

Consequência do processo descrito temos o aparecimento de vários fatores de estagnação regional, que resultam da incapacidade da economia de subsistência do local de origem dos migrantes em sustentar os indivíduos pertencentes ao espaço norte mineiro provocando desse modo, um fluxo maciço de emigração que tem por consequência reduzir o tamanho absoluto da população local.

Portanto, esta área de estagnação, que constitui a região de Monte Azul (MG), se apresenta, como “viveiros de mão-de-obra” para as regiões industrializadas do sudeste brasileiro.

Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e as áreas às quais se destinam. Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, entendida esta não apenas como a gerada pelas empresas industriais, mas também a que resulta da expansão dos serviços, tanto dos que são executados por empresas capitalistas como os que são prestados por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos. De uma forma geral, interpreta-se esta demanda por força de trabalho como proporcionando “oportunidades econômicas”, que constituem um fator de atração na medida em que oferecem uma remuneração mais elevada que a que o migrante poderia perceber na área de onde provem. (SINGER, 2002, p. 35)

Consequentemente, o entendimento do fenômeno migratório estudado tem que ser realizado em seu duplo aspecto, da emigração e da imigração, como um movimento caracterizado de forma genérica ou suficientemente ampla, sempre levando em conta a relação dialética entre o lócus da cidade e do campo, do urbano e do rural, do desenvolvido e do subdesenvolvido ⁶⁵, da região de Monte Azul (MG) e da cidade de Rio Claro (SP).

Este fenômeno, dentro do território brasileiro é denominado de “êxodo rural”, com algumas características universais, ou seja, elementos e fatores constantemente presentes no fenômeno migratório (LINHART, 2002).

Decorrente dos elementos elencados, temos que a relação desigual de forças entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento é ponto central no qual está baseado o fenômeno da migração que estudamos. A busca pelo local de desenvolvimento, a superação do subdesenvolvimento são essenciais para o fomento da aventura migratória entre os pequenos sítios da “região de Monte Azul”.

[...], através do paradigma da cidade que se alimenta do campo, a relação entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido parece reproduzir, *mutantibus mutandis*, a relação inicial, já antiga e talvez universal, entre cidade e campo: o mundo desenvolvido, mundo da imigração e mundo do urbano, alimentar-se-ia do Terceiro Mundo, mundo da ruralidade (ou, mais exatamente, de menor industrialização e urbanização, mesmo se ele está sob um processo de desruralização intensa e anárquica) e mundo da emigração de longo curso, à distância e para além das fronteiras nacionais e não somente da emigração interna em direção às cidades locais, proveniente do êxodo rural (ou concomitantemente a esta emigração local e a este êxodo). (SAYAD, 2000, p. 9)

Desse modo, o processo migratório estudado se enquadra dentro do panorama resultante do fenômeno da migração interna aliado ao êxodo rural, que constitui atualmente, sem dúvida, um indicador seguro do desenvolvimento espacial desigual no Brasil, que separa as regiões de imigração das de emigração, assim como da assimetria flagrante das relações de força (as materiais e, grosso modo, econômicas, e as simbólicas, isto é, de prestígio) que opõem as duas categorias de regiões, as dominantes e as dominadas.

⁶⁵ Aqui entendendo o subdesenvolvimento do campo como um projeto (discurso) da modernidade.

3.2 – O contexto local

Nois vem lá do sertão Minas, lá a gente plantava batata, feijão, mexia com uns boizinhos e tirava leite dumas vaca. Mas a vida lá era dura, a terra seca, chove muito pouco e às vezes o pai mandava procurar outro lugar para morar com a mulher e o filho. Lá a cidade não tem nada, para trabalhar por dia na roça é R\$5,00 por dia, então, a gente conversa com um com outro e decide vim para cá (...).

Agostinho, empreiteiro, 38 anos, fev./2008

A rede migratória, formada pelo grupo mineiro estudado tem o princípio da sua constituição a partir do final da década de 1980, apresentando um fluxo contínuo até os dias atuais. Durante este período, este fluxo atingiu uma consolidação que permitiu um grande histórico de relação entre estes dois espaços ⁶⁶.

A cada quatro mês vou visitar minha mãe lá em Minas, pego o ônibus que tem que vai pra norte de Minas. Sabe tem um ônibus clandestino que sai toda terça e vai até o sul da Bahia e passa por Monte Azul. É bom que quando vou pra lá trago bastante coisa pra todo mundo, coisa de comer que não tem aqui, às vezes documento para alguém assinar e principalmente notícias das famílias que ficaram lá. Também levo bastante coisa, principalmente televisão que o pessoal que trabalha com o Agostinho compra pra mandar pros parentes de lá ... (Cleide, dona de casa, 53 anos)

Também temos a consciência, como colocado anteriormente, que esta dinâmica migratória se constitui em uma particularidade integrante de um processo global de migrações internas presente no Brasil, principalmente a partir dos anos de 1950. A região de Monte Azul se constitui numa dessas zonas de migração, que já foi apontada como uma região fornecedora de migrantes por Durham (2004)

(...) é formada por uma área contígua que engloba Minas, Bahia e os outros estados nordestinos. Caracteriza-se por uma população rural muito densa em relação aos recursos técnicos de que dispõe, presa ainda às técnicas agrícolas e à relação de trabalho tradicionalmente. É uma zona de grande concentração de pequenos produtores autônomos, sitiantes ou parceiros, que trabalham apenas esporadicamente como assalariados. Os migrantes desta área se

⁶⁶ Existe em Rio Claro outros grupos de migrantes que também vieram da região do norte de Minas. Tanto que existe semanalmente um ônibus que faz o trajeto de Rio Claro até Gameleiras passando pela região de Monte Azul.

dirigem para São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Esta movimentação corresponde ao abandono de sistemas econômicos pouco produtivos e à integração da mão de obra ao sistema capitalista industrial em desenvolvimento. (DURHAM, 2004, p. 184)

Aliás, este fato já foi constatado por vários estudos, que assinalaram a importância dos contingentes rurais nas cidades, especialmente com um fluxo de migrantes para a cidade de São Paulo, que particularmente compuseram e compõem a mão-de-obra industrial (LOPES, 1964; DURHAM, 1973, 2004; MARTINS, 1973). O mesmo ocorre nos trabalhos que focalizam a população rural, especialmente a nordestina, e que são unânimes em apontar a dimensão do êxodo dessas regiões para o estado de São Paulo (ANDRADE 1986; HARRIS 1956, OLIVEIRA, 1977).

Esses estudos apontam grandes semelhanças com a situação encontrada em nossa realidade empírica:

Muitos, se não a maior parte, dos migrantes provêm de áreas rurais, voltadas para uma economia quase de subsistência, ou de vilas e pequenas cidades. Neste último caso, trata-se de vilas ou cidades essencialmente pré-industriais, onde as camadas médias e superiores estão presas a atividades político-administrativas ou mercantis, e onde a camada inferior, numericamente predominante, é constituída de trabalhadores braçais, agricultores e artesãos, que se integram numa sociedade eminentemente patrimonialista. É esse tipo de sistema socioeconômico que se constitui como a grande reserva de mão-de-obra nacional. (DURHAM, 2004, p. 184)

Assim, dentro de um panorama geral, temos que a migração norte-mineira, principalmente em direção ao estado de São Paulo, se apresenta como um processo no qual se dá a passagem de uma economia tradicional para um sistema capitalista em expansão, redistribuindo a mão-de-obra e estabelecendo laços profundos e complexos entre regiões subdesenvolvidas (região de Monte Azul) e regiões em desenvolvimento (município de Rio Claro).

Sempre considerando este movimento global, para o entendimento das singularidades desse processo de migração, focalizaremos as características específicas do grupo de migrantes, analisando as motivações e as estratégias empregadas para a realização do empreendimento migratório.

3.3 - A saída: A motivação

O ato da imigração se oferece na “região de Monte Azul” como um recurso tradicional para aliviar tensões econômico-sociais, não sendo observado nas falas dos migrantes norte mineiros um sentido de obrigatoriedade⁶⁷, mas sim, uma saída que busque algo que está além daquelas condições precárias presentes naquele espaço.

Lá em São Paulo [*se referindo a cidade de Rio Claro*], quem sabe se aguentar direto dá para ganhar bastante dinheiro e às vezes até aposentadoria, aí dá bastante resultado pra quando voltar. É muito bom né. Agora aquele que não sabe, ai gasta pra ir, gasta pra voltar, chega aqui de volta e não tem nada. Aí é ruim, era preferível não sofrer à toa (GERALDO, agricultor, 47 anos)

Na sua dinâmica interna, o projeto de migração consiste essencialmente na procura por um espaço que lhe proporcione melhores condições sócio-econômicas, uma vez que, na concepção e visão de mundo do migrante norte mineiro, o sistema sócio-espacial em que vive, não lhe possibilite uma perspectiva favorável de futuro.

Então, nós vem pra cá tentar ganhar um pouco de dinheiro, porque lá a vida é difícil, não tem trabalho na roça. Aqui é mais fácil as coisas, tem mais serviço, ganha bem mais. E também sabe, aqui nós temos direitos, lá não tem esse negócio de direito. Então aqui a gente pode pagar a aposentadoria, para quando não aguentar mais, *aí a gente volta para terrinha que nós tem lá*. Sabe o dinheiro da aposentadoria lá da pra viver bem, lá o dinheiro tem valor, coisa de comer é baratinho (TONHO, empreiteiro, 48 anos).

Portanto, observa-se que para o grupo estudado, a migração não decorre, em geral, de uma situação anormal de miséria, desencadeada por algum tipo de acontecimento extraordinário de ordem natural ou social, mas pelo contrário, a migração aparece como resposta a condições normais de existência do espaço de origem. Claramente, o migrante norte-mineiro busca a superação das condições permanentes oferecidas por aquele espaço.

⁶⁷ No sentido de expulsão.

Desse modo, o indivíduo procura uma alternativa ao espaço de origem, principalmente a partir do momento que percebe a falta de possibilidades sociais, físicas e psicológicas de “... não poder melhorar de vida” ⁶⁸. Isto é, a sua “vida dura” naquele espaço é uma condição permanente, pois o migrante está inserido em uma dinâmica que permite poucas alterações em sua configuração.

Não tinha jeito. Lá é muito bom pra morar. O pai e a mãe tão lá. Mas a vida lá é difícil. Não tem futuro, não. É ficar esquentando lata. Você não evolui não. Não tem indústria e ficá na roça não dá nada. Não tem jeito, o cara que quer melhorar de vida tem que procurar outro lugar. (ABELARDO, servente geral, 38 anos).

Baseando-se na fala anterior, e na maioria dos depoimentos e observações ⁶⁹ presentes na pesquisa de campo, temos que, fundamentalmente, a migração decorre de uma situação desfavorável que é vista como permanente pelo grupo. Quando o migrante diz que a vida na “região de Monte Azul” era difícil, não se refere a uma situação de dificuldade passageira, mas a uma condição inerente à sua vida no local.

Eu gosto muito de lá. Cê sabe, nasci lá. Mas uma coisa tem que ser dita, viver lá não é fácil. Lá as coisas só é conseguida com muito esforço e olha lá. É um lugar muito sofrido, que não oferece opção para ter as coisas. Não é que tem uma seca e complica as coisas, lá até que chove mas é seco muito tempo e não dá pra plantar bonito sabe, é duro de explicar, mas a vida lá é muito sofrida (CARLINHOS, servente pedreiro, 27 anos)

Quando procuramos identificar quais são as “dificuldades” da vida no espaço de origem, aparecem frequentemente cinco tipos mais comuns de respostas, que geralmente estão conjugados à miséria e à falta de conforto:
a terra seca,

(...) em Minas era difícil. Quando dá seca a miséria é grande. Sabe, não tem muito o que fazer, a terra não dá nada, vai plantar não nasce. Lá na roça não tem moleza é tudo muito duro. Não tem esse

⁶⁸ Fala nativa.

⁶⁹ Quando nos referimos à observação como uma metodologia de trabalho de campo estamos nos referindo à descrição densa geertziana.

negócio de conforto não, tem pouca coisa em casa, e a comida não tem tanta variedade como aqui. (AGOSTINHO, empregado, 38 anos)

o trabalho “duro”,

(...) se tem que suar, por isso que nordestino aguenta o baque. Lá é trabalhar na roça debaixo de sol. Levanta de manhãzinha e fica na roça o dia inteiro, só votando a noitinha. Lá o cabra tem que trabalhar, não tem moleza. Na construção trabalhar de servente não é fácil, mas perto de lá é fichinha. (TECO, servente geral, 33 anos)

a incerteza da produção,

Quando dá uma seca brava não dá nada não. Normalmente é bom para plantar milho, mandioca e feijão. Mas quando a seca é barra pesada, seca tudo, perde tudo. Esta época está tudo seco, vê nas fotos que tirei de lá. (ZEZO, pedreiro, 51 anos).

a impossibilidade de melhorias,

Não dá para o cara ficar rico lá não. Plantar dá para manter a família mas ganhar dinheiro não dá não. Em Minas, para você ver, não tem esse negócio de estudo não, eu estudei só até a terceira série e foi trabalhar com meu pai. A gente ganha é para sobreviver e guardar um pouquinho para alguma precisão, mas fica rico não tem jeito não. (DOMINGOS, empregado, 54 anos)

e a falta de terra.

O problema é que a terra do pai até que era grande, mais, ai dividiu para doze filhos fica ruim, cada um ficou com um pouco. Para sustentar a família só naquela terra não dá. Para trabalhar em terra do outro também ganha pouco e na maioria das vezes nem tem serviço. Então não aguentava mais aquela vida e mudei para Rio Claro, na casa do meu irmão mais novo. Vou voltar lá, mas só quando aposentar. Ai a terra que eu tenho, mais o pedaço que comprei do meu irmão e mais algum pedaço que pretendo comprar, vai dar para viver bem. (CLAUDINHO, servente pedreiro, 53 anos)

Assim, na conjunção entre os elementos apresentados agravados pelo nível extremamente baixo dos salários e a falta de garantia de trabalho constante, a única

possibilidade de superar estas condições adversas apontadas consiste na obtenção de um emprego urbano em outra região do país.

Então, a superação da miséria, do trabalho duro, da incerteza da produção, da impossibilidade de melhoria de vida e a falta de terra para plantar, são benefícios que o migrante norte mineiro percebe como “vantagens das cidades do sul”⁷⁰ bem como a possibilidade de salários elevados⁷¹, a possibilidade de assistência médica e a possibilidade de instrução para os filhos.

Vim para cá atrás de tratamento para meu filho, ele tinha uma tosse e não passava. Aí falei um compadre meu. Ele já tinha tido problema com o filho dele e tinha resolvido o problema. Então resolvi tratar o meu filho em Rio Claro. Como só tinha ele e minha mulher ficou fácil. Ficamos primeiro num quarto alugado que o Domingos que já era compadre em Monte Azul, arrumo para nós, além dar serviço na turma dele. No fim acabei ficando e estou aqui até hoje. (JOSÉ, pedreiro, 34 anos)

Outro elemento fundamental desse empreendimento que viabiliza o projeto de migração dentro do grupo é a intenção do retorno (Sayad, 1998; 2000) à terra natal, com os mesmos “modos de vida” anteriores à migração, mas com a possibilidade de ganhos materiais e imateriais, que propiciaria certo capital para a aquisição de uma área maior de terra e um conforto propiciado pela aposentadoria. Isto é, o empreendimento da migração é a busca de novas oportunidades, de novos espaços, de novas condições que proporcionem uma “melhora”⁷² sócio-econômica, mas, sempre com o objetivo teleológico, a volta para o seu espaço de origem, “para morrer lá nas terras de Minas, vai fazer o que, nós nascemos lá”⁷³

Espero voltar para Minas daqui a uns dez anos. Até lá consegui a aposentadoria e juntar um bom dinheirinho pra mim se aquietar por lá. A terra já tenho e até comprei mais um pedacinho do meu irmão que tava precisando. Então é só fazer um pezinho de meia e voltar (...) eu gosto daqui, mas cê sabe, nós somos de lá, num sei, a gente gosta é de onde nasceu e foi criado (...) gosta daqui mais sempre pensei em voltar pra lá desde da época que vim para cá (...) (GILDÁZIO, servente geral, 61 anos)

⁷⁰ Fala nativa.

⁷¹ Para os padrões praticados na região.

⁷² Fala nativa.

⁷³ Fala nativa.

Assim, temos constituídos com os elementos citados todo um palco para o processo de migração, que se apresenta ao grupo como, e talvez a única, opção de uma sobrevivência digna para o indivíduo norte mineiro, em decorrência das limitadas condições socioeconômicas presentes no espaço local.

3.4 - A chegada

Após a opção pela migração, sendo que, a condição de migrante é a condição da busca por algo que não se pode alcançar no espaço de origem, o migrante vai procurar estratégias para a sua saída (viagem) e a permanência no novo local, para “começar a vida” ⁷⁴ em um outro espaço.

No caso dos migrantes estudados, o local de opção para a migração é pelo município de Rio Claro, interior do estado de São Paulo (cf. Figura 4)

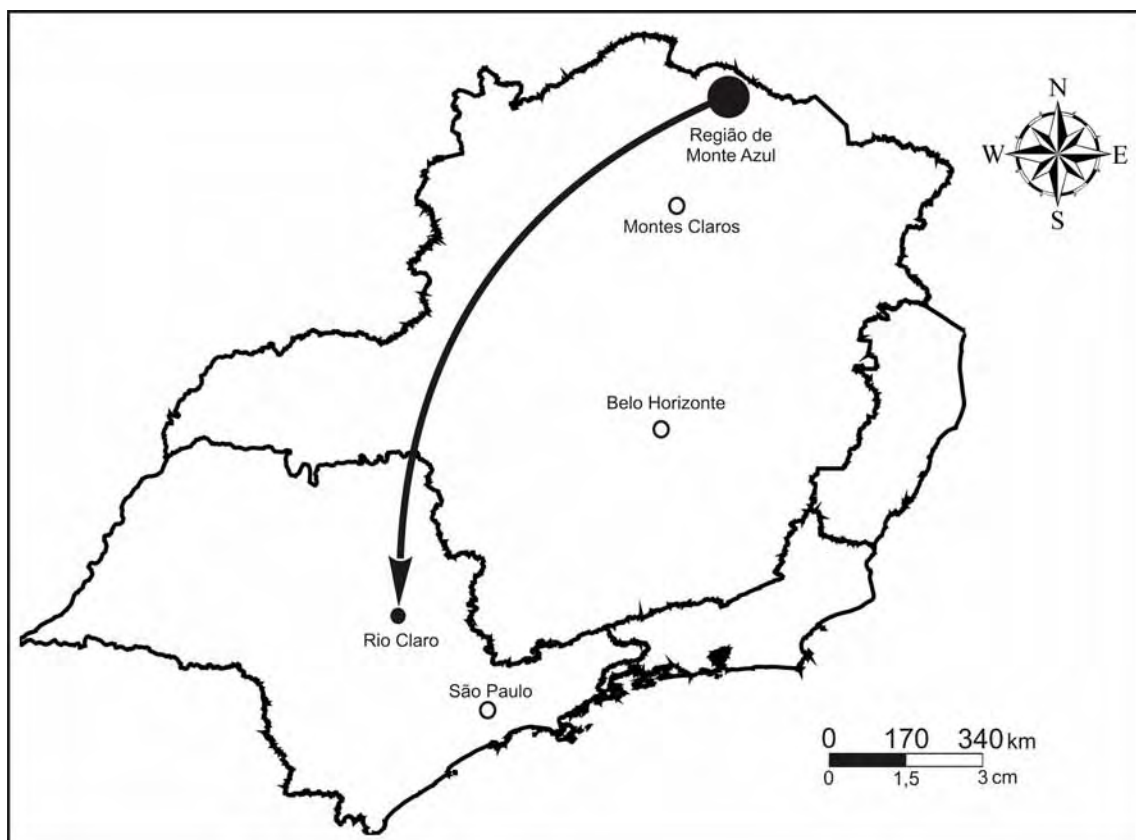


Figura 4 – Deslocamento no processo de migração
Organização: Adriano Corrêa Maia

⁷⁴ Fala nativa.

A opção pelo município de Rio Claro está totalmente relacionada com o citado fluxo de migração, que teve sua consolidação causada pelas instituições do parentesco e de “amizade” (compadrio)^{75 76}.

O universo espacial dos trabalhadores provindos de comunidades tradicionais, assim como das camadas mais pobres da população urbana, é formada de lugares onde seus conhecidos estiveram, ou onde moram pessoas de suas relações. Espaço geográfico e espaço social se constituem como realidade única, e as migrações se orientam neste universo de referência. **A migração não pode ser compreendida simplesmente como um deslocamento no mapa, mas como um trânsito inserido em uma rede de relações sociais.** (DURHAM, 2004, p. 189, grifo nosso).

Podemos observar nos relatos do grupo estudado, que dentro do ciclo migratório o parentesco e do compadrio são os elementos que viabilizam o processo migratório, principalmente na escolha de Rio Claro como local de destino. A eleição da cidade não parte de uma lógica econômica, no caso dos migrantes estudados, a opção pela capital do estado, onde o número de vagas e a facilidade de se encontrar um emprego seria bem maior.

Este fato se contrapõe, por exemplo, ao estudo empreendido por Durham (2004) sobre as cidades do interior de São Paulo⁷⁷, o qual coloca que a opção pelas cidades médias e pequenas se dá devido principalmente a sua proximidade com a vida no campo. Para os migrantes estudados, uma noção *a priori* das dimensões e facilidades de oportunidades encontradas em determinadas cidades não estão em seu repertório. A diferença entre capital e interior, não é levado em conta nas opções apresentadas no processo de migração. De maneira que, a questão da adaptação numa cidade média, não pode ser colocada como um elemento definidor da escolha do espaço de destino do migrante (Durham, 2004, p. 377-407).

⁷⁵ Conforme colocado na introdução, o parentesco e o compadrio são as instituições que sustentam o processo de migração.

⁷⁶ O parentesco não constitui, mesmo na zona rural, grupos locais permanentes, bem delimitados e definidos. Antes, ele cria uma rede de relações potenciais, independentes do local de moradia, que são mobilizadas de acordo com as circunstâncias e as preferências individuais. Sendo tão flexível, o grupo de parentes para além da família conjugal constitui um instrumento particularmente adequado para estruturar o espaço social que orienta a migração. (DURHAM, 2004, p. 191)

⁷⁷ As cidades estudadas foram Rio Claro, São José dos Campos e Marília.

Lá nós não sabia de nada, não tinha noção de tamanho de cidade. Nós queria é sair de lá, então pensei em procurar um tio meu que mudou de lá há uns dez anos. Aí consegui falar com ele. Ele me disse que tinha um lugar na casa dele. Aí fui, mas não sabia esse negócio de cidade grande ou pequena. Não tinha noção não. (AGOSTINHO, empreiteiro, 38 anos)

Reforçando, temos que o referencial no processo de migração são as relações de parentesco e compadrio, uma vez que sempre a estadia inicial é na casa de um parente ou compadre.

Aqui os mineiros são unidos, tirando alguns, um ajuda o outro, você sabe, entre a gente tem muito compadre já lá de Minas, os pais da gente já eram compadres, então a gente ajuda quem tá precisando, porque se a gente precisar ele vai ajudar também. (DOMINGOS, empreiteiro, 54 anos)

Assim, as referidas “instituições” culturais são a base sustentadora de todo o processo de migração, sendo catalisadoras do processo, além de exercerem funções múltiplas, como a divulgação, a hospedagem e o “ensinamento das regras”⁷⁸ do espaço de destino, o município de Rio Claro.

No trabalho de pesquisa que realizamos com os migrantes, foi revelador o fato de que a migração envolve, somente, as relações familiares ou do grupo primário de relacionamento (parentes, compadres, vizinhos e amigos). Isto é, possui um caráter eminentemente restrito, não se manifestando como forma planejada de deslocamento, e também não intencionando o deslocamento de todo conjunto doméstico, uma vez que, como colocado a noção de retorno, também constitui-se num elemento estruturador.

Assim, na trajetória do referido processo de migração, o deslocamento espacial inicialmente é realizado quase sempre por indivíduos isolados, sempre apoiado no auxílio de parentes, compadres e conterrâneos (mineiros), que além dos elementos colocados anteriormente, também constituem um importante ponto de referência no espaço de destino na questão “de arrumar emprego”⁷⁹.

No município de Rio Claro, semelhantes processos de migração são observados nas “equipes de trabalhadores” que prestam serviços dentro da

⁷⁸ Fala nativa.

⁷⁹ Fala nativa.

construção civil, que sobre regência de determinado empreiteiro, coordena os processos de deslocamentos de regiões pouco desenvolvidas do país para a cidade de Rio Claro.

Que eu conheço, tem a turma do Perreirinha que é só cearense, a do Agostinho que é só mineiro, do Bigão que veio tudo de Santa Rita do Passa Quatro, do Luizinho, que também é de cearense. (...) O Agostinho fala sempre que cearense não é gente não, eu acho é que eles [mineiros] não gostam dos cearense é porque disputam as mesmas obras, mas também nunca vi um cearense trabalhando para o Agostinho e para o Tonho (HERRERA, encanador, 55 anos)

Com isso, temos instituído para o migrante norte mineiro, um novo conjunto de espacialidades reflexo do novo espaço habitado por ele. Após o sucesso da aventura migratória, conforme descrita nesse capítulo, vamos mostrar as “novas” (“velhas”) espacialidades (sociabilidades) presentes no espaço urbano de Rio Claro.

Assim, como colocado, a motivação para a migração está sempre na superação de uma situação latente, mas não calamitosa. Isso favorece a migração individual, uma vez que os elementos de risco presentes na migração total do conjunto familiar sempre são levados em conta no processo. Deste modo, a migração é realizada parcelada e sucessivamente, oferecendo aos membros do grupo a vantagem indiscutível de garantir a posição no espaço de origem, enquanto se tenta estabelecer sucesso no novo local. Assim, somente com a consolidação de algum parente ou compadre no novo ambiente é que se procede à migração dos demais.

4 - CAPÍTULO QUATRO: ESPAÇO E CULTURA EM RIO CLARO

Neste capítulo, abordaremos como se dá a construção do espaço urbano pelos migrantes norte mineiros. Nosso objetivo é mostrar como o espaço e a cultura de origem vai ser um importante elemento estruturador desse espaço citadino.

Para isso, inicialmente, fazemos uma breve histórico do lugar de recepção do grupo de migrantes, o município de Rio Claro e uma breve descrição de suas condições socioeconômicas. Após, será realizada uma “descrição densa” do espaço de destino do migrante mineiro, para isso nos concentraremos no entendimento das espacialidades presentes nas dinâmicas do trabalho do migrante no ambiente urbano. Através desse procedimento, objetivamos entender a inserção dos migrantes da região de Monte Azul em sistemas sócio-políticos mais amplos e diferenciados, onde as características fundamentais da organização espacial e cultural presentes no norte mineiro, vão ser um dos elementos estruturados desse “novo” espaço.

4.1 - Rio Claro, o município, sua história e sua condição socioeconômica

O município de Rio Claro (figura 7) está localizado a leste do Estado de São Paulo, com uma distância de 173 km da capital, através das rodovias Bandeirantes (SP- 348), Anhangüera (SP – 330) e Washington Luiz (SP – 310). A cidade está

situada na região de Campinas-SP⁸⁰, sendo uma das áreas do estado de São Paulo de maior desenvolvimento econômico (ARAUJO, 1999).

Com uma área de 498 km², a sede do município está a uma altitude de 613 m, com predominância do clima subtropical, apresentando estiagens de inverno (junho a setembro) e chuvas de verão (dezembro a março). O relevo é predominantemente plano e a vegetação natural é composta principalmente por cerrado e mata atlântica⁸¹.



Figura 5 – Localização de Rio Claro (SP)
Organização: Adriano Corrêa Maia

A área rural de Rio Claro está voltada principalmente para o cultivo e colheita da cana-de-açúcar, cítricos e pastagens; além de possuir grande quantidade de pequenas propriedades, que se dedicam a diversas atividades agrícolas e não agrícolas (LUPA, 2006).

⁸⁰ Segundo pólo industrial do Estado.

⁸¹ Dados do IBGE - <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=354390>.

Nas questões de serviços básicos e infra-estrutura, Rio Claro possui escolas que vão do ensino básico, passando pelo profissionalizante, até o nível universitário. No que se refere ao saneamento básico, 100% das residências possui água encanada e 99% conta com rede de esgoto. A coleta de lixo atende a 95,3% dos domicílios. Com relação à saúde, Rio Claro possui 05 hospitais com estrutura para a realização desde atendimento básico até casos mais específicos. Quanto às redes de comunicação, a cidade dispõe de serviços de correios, telefonia, rede bancária (estaduais e particulares), jornais diários e semanais, emissoras de rádio (AM e FM), canal de televisão, TVs a cabo e provedores da Internet. Rio Claro possui uma rede de transportes composta por ferrovia, rodovias, estradas vicinais, terminal rodoviário e um aeroporto regional

Rio Claro, segundo dados do Censo 2009 do IBGE, possuía 191.886 habitantes, com uma densidade demográfica de 385,31 hab./km². O município apresentou um grande crescimento populacional, principalmente nas duas últimas décadas (cf. tabela 6). Este crescimento está vinculado ao um fluxo migratório que se estabelece, principalmente, a partir do início da década de 1980, que tem continuidade até os dias atuais na região (FILENI, 2004). O processo de migração dos caatingueiros da “região de Monte Azul” está enquadrado nesse fluxo.

Ano	População
1991	138.243
1996	152.377
2000	168.218
2007	185.421
2009	191.886

Tabela 6 – Evolução populacional de Rio Claro (SP)
 Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
 Organização: Adriano Corrêa Maia.

Através dos dados apresentados, podemos afirmar que Rio Claro está enquadrada como uma cidade média do interior paulista (SPOSITO, 2007), localizada no principal eixo de desenvolvimento tecnológico e econômico do país, apresentando uma gama completa de serviços básicos (saúde, emprego, direito civil) e oportunidades de trabalho que os migrantes norte mineiros não vão encontrar em seu espaço de origem.

A possibilidade de acesso a estes serviços e às oportunidades de trabalho vão ser propagados e difundidos pelo grupo de migrantes moradores de Rio Claro através de visitas ou contatos com os moradores que permanecem no espaço de origem.

Você sabe né, através deles nós ficamos sabendo como é lá em São Paulo [*se referindo a Rio Claro*], tem mais emprego, o cabra ganha bem mais que aqui, lá no mínimo a gente pode ganhar trinta reais por dia, aqui não arruma nem por oito real. Outra coisa que é bom lá, é que tem jeito de arrumar para pagar aposentadoria, aqui é difícil, é enrolado toda vida. Então, quando a gente não aguenta mais ficar aqui, a gente se manda para lá [...] (ZEQUINHA, agricultor, 52 anos)

Desse modo, através dos elementos que já realizaram a aventura da migração, vão ser divulgadas na região de Monte Azul, as benéfias presentes no município do interior paulista, fomentando, assim, a migração entre os dois espaços.

4.2 - Rio Claro e o grupo de migrantes norte mineiros

O migrante norte mineiro, como colocado nos capítulos anteriores, embarca em um processo de migração na busca da superação das adversidades encontradas na área de origem. Dentro desse empreendimento migratório do grupo estudado, temos a conexão entre dois espaços, isto é, o processo de migração consiste, na maioria dos casos, na saída da zona rural da região de Monte Azul e a partida para a cidade de Rio Claro.

Aqui, quem mora nessa área [*se referindo à zona rural*], se foi migrar, vai tudo para Rio Claro. Isso porque ir para Rio Claro é mais fácil. A turma já tem os parentes lá, aí fica mais fácil ir para lá. Na verdade, a turma que já foi para lá faz propaganda de lá. Diz que é uma beleza, que tem trabalho, hospital e até é fácil conseguir uma aposentadoria (...) (TIBINHA, motorista, 43 anos)

Assim, para o migrante que sai do campo, com pouca escolaridade, quase sem nenhum capital monetário, mas com muita vontade de trabalhar, a ida para o município de Rio Claro, dentro de uma rede de migração já estabelecida, torna-se a principal, ou a única, opção para a aventura migratória.

Dentro desse processo, temos um procedimento modelo que direciona o migrante nesta empreitada: a mobilização do seu círculo de relações, dentro das instituições culturais do parentesco ou compadrio, oriundos da sua terra de origem (a “região de Monte Azul”), para o auxílio nas estratégias de sobrevivência no “novo” espaço. Dentro do grupo estudado, este expediente consiste no encaixe do recém migrado em uma “turma” de trabalhadores que prestam serviços na construção civil na cidade de Rio Claro

Quando vim de Minas, já vim para trabalhar com o Agostinho. Eu conhecia a família dele de lá. Conhecia bem mais o irmão mais velho dele. Aí, quando ele foi para lá, conversei com ele sobre trabalhar na turma dele e depois de um mês eu vim. Fiquei num quarto alugado de outro mineiro que trabalhava com ele ... (CARLINHOS, servente geral, 27 anos)

Inicialmente, o migrante norte mineiro almeja como objetivo principal a ser alcançado, através do seu projeto de migração, a economia da maior quantidade de dinheiro e bens materiais possíveis, que propiciem um acúmulo de capital, com a finalidade de obter um patrimônio, que possibilite um retorno para a terra natal em um patamar mais elevado financeiramente, “para voltar para Minas e viver tranqüilo na velhice”⁸².

As coisas estão muito duras, a vida na cidade é cara, mas meu sonho, e ainda vou realizar se Deus quiser, é juntar um bom dinheiro na poupança, conseguir pegar uma aposentadoria e voltar para o norte de Minas, as terrinhas estão lá, não vendi não (...) Espero até lá ter saúde pra mim ainda poder construir uma casinha lá e viver a velhice tranqüilo (...) (ZEZO, pedreiro, 51 anos)

Assim sendo, a meta principal do migrante na cidade de Rio Claro (SP) é alcançar um rendimento que lhe dê possibilidades de uma sobrevivência cotidiana digna e, ainda que permita a realização de uma “poupança para o futuro”⁸³.

Como constatado na maioria das falas dos integrantes do grupo, o pagamento de um plano de aposentadoria (pública – INSS), é também outro objetivo bastante almejado pelo migrante, pois o seu benefício irá proporcionar uma “garantia de

⁸² Fala nativa.

⁸³ Fala nativa.

vida”⁸⁴. Na zona rural do espaço norte mineiro, o rendimento da aposentadoria proporciona um bom ganho monetário para a família. Como observado em campo, as famílias que possuem este benefício adquirem uma condição diferenciada das outras, tendo uma condição de vida mais privilegiada⁸⁵.

A aposentadoria dá uma vida tranquila no sítio, na área rural de Monte Azul, pois como lá a gente gasta pouco, somente com roupa e remédio, e um pouco com a comida, a aposentadoria garante uma vida tranquila. Quem tem aposentadoria lá é rico, vive bem demais. Digo mais, muita gente lá vive pendurado em pai e mãe aposentado ... (TONHO, empreiteiro, 48 anos)

Desse modo, podemos observar que dentro do processo migratório, todas as metas almeçadas pelo migrante norte mineiro, têm como fundamento teleológico a preparação para um retorno ao espaço de origem. Isto se reflete nas estratégias de sobrevivência em Rio Claro, ao que nos parece, inicialmente, passageira.

Dentro do quadro em tela, objetivando entender a construção do espaço urbano por estes migrantes norte mineiros, vamos investigar como se dá a conformação da sua vida cotidiana e suas espacialidades nesse espaço transitório que representa Rio Claro para esses migrantes.

Para isso, vamos analisar as dinâmicas do processo de trabalho dentro da vida do indivíduo norte mineiro, pois, no espaço de destino a espacialidade migrante estará muito restrita ao espaço de trabalho – o espaço da obra -, já que seu campo de circulação é muito diminuto no ambiente citadino. Assim, para o entendimento da espacialidade do migrante neste “novo” espaço analisaremos o seu processo de trabalho dentro da construção civil, entendendo suas etapas – busca pelo trabalho, a adaptação, a organização da equipe (a capacitação e a classificação) – com a finalidade de compreender as espacialidades do ser migrante no espaço urbano de Rio Claro (SP).

4.3 – Os migrantes no espaço de Rio Claro: O trabalho

No projeto migratório estudado, a questão do trabalho no espaço de destino é o elemento central no processo, já que o migrante vai concentrar suas referências e

⁸⁴ Fala nativa.

⁸⁵ Kageyama (2001) sobre a importância da aposentadoria na renda dos domicílios agrícolas.

vivências no trabalho, objetivando realizar seu principal objetivo, “melhorar de vida”⁸⁶.

Derivado desse panorama, para o estudo da construção do espaço urbano por esse grupo de migrantes vamos recorrer à categoria trabalho como um dos seus estruturantes principais, sendo que “*O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço.*” (SANTOS, 1978, p. 161). Então, o conceito de trabalho utilizado⁸⁷ estará conectado à questão de transformação da natureza, constituindo-se numa composição inseparável entre a natureza objetiva com a natureza subjetiva do homem (GODOY, 2008). Portanto, o trabalho vai constituir o “princípio gerador” do homem e não apenas uma mera atividade produtiva, sendo o principal elemento constituidor da natureza objetiva e subjetiva do ser, com isso constituindo-se no elemento produtor da apreensão e transformação da realidade pelo homem (FROMM, 1979).

Aqui em Rio Claro eu praticamente vivo para trabalhar. As pessoas que conheço, quase todas trabalham comigo na obra, são todos lá de Minas. Quando chego do trabalho vou para casa descansar, saio as vezes só para comprar umas coisinhas. De final de semana, geralmente visito um compadre meu de Minas, fora disso fico assistindo televisão e tomando uma pinguinha pro tempo passar. A mulher já sai mais do que eu (...) (JOSÉ, pedreiro, 34 anos)

Através da análise do trabalho, desse modo, podemos obter informações sobre as espacialidades e sociabilidades do migrante mineiro no ambiente urbano, com isso, buscando um entendimento do processo no qual a cultura do espaço de origem vai estruturar as novas espacialidade cidadinas.

Portanto, a categoria trabalho vai estabelecer a forma de como vamos analisar e entender as *relações espaço/sociedade* (LEFEBVRE, 1991) entre estes migrantes no espaço urbano. Então, o trabalho (que adotamos) enquanto categoria de análise não vai se reduzir à exploração apenas da natureza objetiva das condições materiais e imateriais da produção em geral destes migrantes mineiros, mas vai abrir uma janela para a compreensão do que está além da exteriorização da ideologia e das objetivações das formas concretas, o que conduz à compreensão da própria gênese cultural do ser migrante.

⁸⁶ Fala nativa.

⁸⁷ O conceito de trabalho está ligado diretamente à concepção de Marx.

Derivada disso, a nossa concepção sobre a construção do espaço citadino pelo grupo de migrantes terá um sentido histórico e sócio-cultural⁸⁸, com o conceito de trabalho expressando também uma dimensão espacial (a espacialidade), a qual é definida no momento da objetivação do trabalho concreto e do trabalho abstrato do ser migrante.

Como os migrantes norte mineiros são originários de um espaço e uma cultura específica, pelo trabalho no ambiente citadino podemos entender as relações sociais, espaciais e temporais presentes no grupo estudado, assim, fazendo uma análise integradora das imaginações sociológica e geográfica.

Dentro desse modo de análise, o trabalho está constituído como um processo que envolve investimentos cotidianos de longo prazo, subjetivos e econômicos, fornecendo uma perspectiva privilegiada para o estudo da experiência fenomenológica do migrante – e de sua consolidação – desde a perspectiva de seu entrelaçamento na trajetória de sujeitos sociais: o modo de trabalhar correspondendo a modos distintos de se estar no mundo.

Em suma, a análise do trabalho dentro do grupo de migrantes mineiros fornece uma daquelas raras oportunidades interpretativas, nas quais “tudo se mistura”, um fato social total, tal como concebido por Mauss (2003):

Exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – sendo estas políticas e familiares ao mesmo tempo – ; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição – ; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (MAUSS, 2003, p. 187)

Assim, para a análise do trabalho dentro do grupo – compreendendo as ações do cotidiano e do projeto de migração - é necessário reconstruir todo o trajeto de transformações sociais e espaciais por que passam estes migrantes no espaço citadino, aspectos que, em muitos casos transcendem as aparências cotidianas; sendo preciso atentar para um contexto social e espacial mais amplo, de um lado, bem como para as narrativas e memórias locais de outro. Então, analisando o processo de adequação do migrante ao “novo” trabalho no contexto urbano,

⁸⁸ De acordo com o esquema 04 – A dialética do ser - na pg. 44.

podemos capturar a essência dos processos sócio-espaciais pelo qual o migrante norte mineiro perpassa no local de destino.

4.3.1 - Em busca do trabalho e sua capacitação

Com o projeto de migração em andamento, a primeira providência do migrante recém chegado é a busca de um trabalho no local de destino, para o indivíduo oriundo no norte mineiro o ato de trabalhar no espaço citadino consiste, inicialmente, em procurar alguma atividade, na qual, com sua limitada bagagem sócio-cultural, possa se enquadrar.

No caso dos migrantes que compõem o grupo estudado, esta opção já é pré-determinada no espaço de origem, o indivíduo parte para Rio Claro incumbido de trabalhar na construção civil.

Aqui em Rio Claro, a maioria dos mineiros que vem de Monte Azul trabalha de pedreiro ou servente. Isso porque lá em Minas, muitos já sabiam trabalhar na construção de casa. Lá para fazer uma casa todo mundo se reúne, geralmente cada um sabe um pouquinho de pedreiro e faz a casa. Então quando chega aqui, o cabra já sabe alguma coisa do serviço de construção (DOMINGOS, empreiteiro, 54 anos).

Desse modo, o trabalho na construção civil, constitui a única opção na trajetória do migrante norte mineiro pertencente ao referido espaço, devido aos mecanismos do processo de migração de que participa. Assim, os indivíduos do grupo não possuem outra opção de escolha, pois não disponibilizam meios - qualificação e relações sociais - para o enquadramento em outras ocupações.

O limitado capital sócio-cultural, conjuntamente com o contexto específico da referida migração, no qual está inserida num referencial onde o parentesco e o compadrio são os principais elementos estruturadores, dão conformidade ao processo de inserção no trabalho citadino para o migrante norte mineiro.

Para elucidar todo este processo, vamos recorrer à trajetória particular de dois migrantes:

Caso 01 – História do Domingos, empreiteiro, 54 anos.

Domingos morava na área rural de Gameleiras, na propriedade do seu pai. Era casado, e tinha dois filhos homens. Trabalhava na roça, cultivando algodão e milho conjuntamente com um irmão, além de plantar feijão, mandioca, laranja entre outros para sustento próprio. Também possuía algumas vacas de leite, e alguns bois para o corte. Segundo sua fala a vida era “difícil em Monte Azul, mas a gente ia levando”. Certa época, seu filho menor adoeceu, e como na região de Monte Azul não apresentava uma estrutura hospitalar adequada, encaminhou-se para Rio Claro, na casa de seu irmão Antônio (“Tonho”), para um atendimento mais apropriado para a criança. Após o êxito do tratamento, resolveu permanecer na cidade com a família, pois já estava trabalhando como servente pedreiro em uma obra que o irmão tinha acabado de iniciar. A partir daí sua vida tornou outro rumo.

Caso 02 – Historia do Agostinho, empreiteiro, 38 anos.

Agostinho morava com os pais e mais dois irmãos e uma irmã. Trabalhava na “roça” de algodão e milho com o pai, além de “fazer bicos” como tratorista para os vizinhos. Com vinte e dois anos, resolveu sair de casa para tentar “ganhar um pouco mais de dinheiro, porque ali não tinha futuro”. Entrou em contato com um tio, que possuía um sítio localizado ao lado do pertencente ao seu pai, mas que estava morando em Rio Claro-SP, para ver a possibilidade de ele “ajeitar alguma coisa aqui em São Paulo”. Inicialmente, ficou num quarto localizado nos fundos da casa do tio. Encontrou uns “compadres de Minas” que trabalhavam como pedreiros “na praça”. Assim, iniciou trabalhando de “caroço”⁸⁹. “Só trabalhei de caroço uma semana, depois eu já tava assentando tijolo”. Mais tarde, quando já trabalhava como meio pedreiro encontrou o Domingos, que era filho de um compadre de seu pai em Minas, e começaram “a pegar serviço de empreita de outros pedreiros juntos”. Em um trabalho de empreita para o Tonho, irmão do Domingos, receberam a oferta de “pegarem uma casinha para fazer, da fundação à cobertura”. Como já trabalham com alguns serventes do norte mineiro, arrumaram mais “uns compadres ou conhecidos de Minas” e montaram uma “turma”, que após certo tempo de trabalhos fixaram uma boa reputação no meio da construção civil.

⁸⁹ “Caroço” na gíria do grupo de migrantes significa dizer que o indivíduo exerce a função de menor valor dentro da hierarquia de trabalho.

Então, a partir desses dois casos ⁹⁰ que sintetizam o processo individual de migração de todos os integrantes do grupo, observamos vários elementos estruturadores da trajetória desses migrantes. O primeiro, como colocado no capítulo anterior, é a constatação de uma rede solidária de migração entre os norte mineiros da “região de Monte Azul”, que explicitam o papel dos parentes e dos compadres no processo de deslocamento. Quando os indivíduos do grupo descrevem a forma como sobreviveram inicialmente em Rio Claro, percebemos que eram “protegidos” por conterrâneos, parentes e amigos que migraram anteriormente, garantindo abrigo, alimentação, e trabalho. Assim, a função dessa rede de migração é inserir o migrante da zona rural da região de Monte Azul no contexto urbano da cidade de Rio Claro, atraindo e relacionando o espaço de destino ao espaço de origem dos migrantes caatingueiros.

Acho que vou para São Paulo o ano que vem quando eu fizer 18 anos. Meu pai já conversou com o Domingos, que é primo dele. Deixou tudo certo. No começo vou dormir num quatinho que o Domingos tem no fundo da casa dele. Sabe, até eu ajeitar as coisas [...]. Ele também acertou para eu trabalhar de ajudante na turma que o Domingos tem junto com o Agostinho em São Paulo. (GABRIEL, agricultor, 17 anos)

Consequência desse contexto, proporcionado pela rede migratória estudada, pela cultura específica do grupo e pelo espaço caatingueiro, temos a formação na cidade de Rio Claro de uma “turma” de trabalhadores da construção civil constituída somente por indivíduos das referidas regiões de Monte Azul, que participam do processo de migração colocado.

Resultante de toda esta dinâmica da migração e do processo de incorporação do migrante norte mineiro no trabalho urbano, na estruturação dessa específica “turma” de trabalho, temos a constituição de um contexto singular de relações entre trabalhadores (patrão-empregado, empreiteiro-empreitado) dentro do mercado da construção civil. De acordo com o relato dos migrantes estudados, é uma relação personalista e patriarcal, com o lado contratual sendo sempre deixado de lado.

Aqui entre os mineiros da turma não tem esse negócio de ficar colocando no pau [*processar na esfera jurídica*], a gente paga

⁹⁰ Estes casos foram selecionados porque representam histórias marcantes entre os migrantes.

certinho, até o carnê do INSS a gente paga [...]. Isso de justiça não acontece não, como eu disse, a turma é só de parente e compadre, e como vão para a justiça, com que cara vão ficar depois! (AGOSTINHO, empreiteiro, 38 anos.)

Desse modo, a sociabilidade informal no trabalho da construção civil – o grupo de amizade, a relação de proximidade, união dos conterrâneos e o parentesco – torna o trabalho urbano muito semelhante ao trabalho rural, impondo poucas dificuldades de adaptação ao migrante caatingueiro recém chegado.

Essas ocupações marginais e as relações flexíveis de trabalho criam, inicialmente, uma situação favorável para o migrante caatingueiro, uma vez que sem exigir uma transformação radical dos hábitos de trabalho, permitem um ajustamento inicial às condições urbanas de vida.

A partir dessa situação inicial, o migrante vai “enriquecer” gradativamente seus conhecimentos técnicos exigidos pelo trabalho no meio urbano, e construir uma trajetória que possibilite sua “evolução na profissão”⁹¹. Com isso, abrindo maiores possibilidades para o êxito de seu projeto migratório, com a acumulação de capital para o seu retorno ao espaço de origem.

Assim, o migrante oriundo da zona rural da região de Monte Azul, inicia sua trajetória como trabalhador citadino na construção civil como ajudante de serviços de pedreiro, para, a partir dessa condição, ter a possibilidade de tornar-se pedreiro, encanador, eletricista entre outros. Assim, o migrante vai adquirir, no próprio espaço do trabalho, um mínimo de qualificação para a sua sobrevivência e a realização de seus objetivos no ambiente citadino.

4.3.2 - O trabalho: A adaptação às novas técnicas

Sobre uma ótica panorâmica, as mudanças nas técnicas e na organização do trabalho para os migrantes norte mineiros no contexto urbano, não são drásticas, ao contrário, são práticas encontradas na zona rural de Monte Azul, imbuídas nos indivíduos pela cultura e pelo espaço rural caatingueiro.

Como colocado anteriormente, o migrante norte mineiro recém chegado a Rio Claro (SP) ingressa no mercado de trabalho urbano (em uma “turma”), através dos

⁹¹ Fala nativa.

relacionamentos de parentesco e compadrio provenientes do espaço e da cultura norte mineira, sem nenhuma capacitação formal prévia para o trabalho na construção civil, mas, com o passar do tempo, estes trabalhadores vão se habilitando gradualmente, “evoluindo na carreira”. Este processo é idêntico ao *saber-fazer* no meio rural no qual se refere Woortamann (1981) a respeito dos sitiantes sergipanos.

Segundo os depoimentos, a ausência de uma capacitação específica para o mercado da construção civil jamais comprometeu a capacidade de trabalho do migrante norte mineiro, pois as ferramentas utilizadas no ofício são praticamente as mesmas encontradas no espaço de origem, e como quase todos os entrevistados apontam, a capacitação vai ser feita no próprio espaço do trabalho, a obra.

Quando cheguei aqui não tinha experiência nenhuma em construção de casa, como se sabe, lá em Monte Azul, a gente ajudava os parentes e os compadres a fazer, eu geralmente ia na hora de bater a laje, que é a hora que precisa de mais gente. Então eu cheguei aqui, meu irmão [Agostinho] falou para eu ir trabalhando de servente, que logo aprenderia a fazer as coisas de pedreiro. Assim, fui observando como era feito, o jeito que fazia, e não deu dois meses eu já tava assentando tijolo. Hoje em dia posso falar que sei praticamente construi uma casa inteira, desde o serviço de pedreiro até o de eletricista e encanador. Veja a casinha onde moro, foi eu que fiz (ZEZO, pedreiro, 51 anos)

Como se pode observar na citação antecedente, o trabalho rural e o trabalho urbano, no caso da construção civil, não empregam instrumentos que sejam muito diferenciados: pás, enxadas, picaretas, carrinhos-de-mão que são as ferramentas básicas para o trabalho de um servente, se constituem nas mesmas utilizadas na “labuta da roça”⁹².

Basicamente, não se apresenta uma diferenciação tão acentuada entre o trabalho urbano e rural para o migrante, pois os instrumentos de trabalho e o esforço físico empregados na zona rural de Monte Azul, pelo menos dentro do trabalho inicial de servente, não apresentam grandes disparidades.

Portanto, sendo uma ocupação quase que puramente física, a adaptação do migrante ao trabalho citadino ocorre sem nenhum problema, mesmo que apresente um limitado capital sócio-cultural para a vida no meio urbano. Processo este,

⁹² Fala nativa.

facilitado pelas técnicas utilizadas na realização da maioria dos trabalhos da construção civil, que foram criadas para serem consumidas em larga escala (BORGES, 1981), sendo que sua compreensão torna-se muito mais simples que a maioria dos ofícios encontrados no espaço rural.

A principal alteração verificada entre o trabalho na “roça” e o trabalho na construção civil está na organização das tarefas a serem executadas na construção civil, onde o trabalhador passa a receber, muitas vezes, cotas diárias de tarefas, as quais devem cumprir em determinado período de tempo ou mediante certa remuneração já combinada. Desta forma, as tarefas constituem uma fração do serviço total, diferente do que ocorre espaço norte mineiro⁹³, onde o trabalho não possui esta fragmentação.

Com esta facilidade de adaptação apresentada pelo trabalho na construção civil e, também em decorrência das engrenagens do processo de migração (o parentesco, o compadrio e a conterraneidade), a maioria dos migrantes do grupo estudado, vem para Rio Claro, com o propósito já definido de trabalhar, no contexto urbano, na construção civil em “turmas de mão-de-obra”⁹⁴.

4.3.3 - O trabalho: O empreiteiro

Dentro das denominações presentes no mercado da construção civil na cidade de Rio Claro, a “turma” significa uma equipe de trabalhadores que, geralmente, possui um quadro de pessoas com diversas qualificações (serventes, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, entre outros) que fornecem mão de obra para a construção de obras civis.

A “turma” estudada, como mostrado anteriormente, é originária do processo migratório da região de Monte Azul, a “turma do Agostinho e do Domingos”⁹⁵, que possui como característica principal, a especificidade de construir residências de

⁹³ Esta liberdade nos contratos era estratégica para ajustar a força de trabalho: servia para apresentar o trabalho urbano simplificado, reduzido à sua expressão mais elementar, a um trabalhador que desconhecia o objetivo final do trabalho, mas sabia a seu critério executar as tarefas. Por isso as firmas não precisavam contratar pessoas especializadas e podiam fichar lavradores, que trocavam de ambientes de trabalho, mas não de ferramentas, mudavam a relação com o trabalho, mas não a rotina de esforço.

⁹⁴ Especificamente, nosso estudo concentra-se em uma turma, a “turma do Agostinho e Domingos”.

⁹⁵ Fala nativa.

médio porte⁹⁶, oferecendo serviços de mão de obra desde a execução da fundação (parte inicial da obra) até a colocação dos acabamentos finais (término da obra).

A organização dessa “turma” específica, dentro da dinâmica da construção civil, segue basicamente um modelo geral, encontrado em outras “turma” que prestam serviços na cidade. Geralmente, a “turma” se estrutura dentro de uma configuração hierárquica estabelecida na sua formação, uma vez que, é formada por pedreiros com mais experiência que passam a contratar e administrar outros trabalhadores. Os formadores e responsáveis pela turma são chamados de “empreiteiros”, os quais constituem-se nos elementos responsáveis por toda organização e manutenção da equipe de trabalho⁹⁷, é o “dono da turma”⁹⁸.

O empreiteiro é o responsável pela contratação da mão de obra necessária, além de definir e classificar os trabalhadores já empregadas, determinando os ganhos e as funções de cada membro dentro do espaço da obra⁹⁹. O empreiteiro também é o elemento realizador do contato com os interessados nos serviços de mão-de-obra para a construção civil oferecidos pela “turma”. Para exercer essa função, além dos requisitos anteriormente colocados, o empreiteiro, necessariamente têm que possuir um conhecimento técnico mais apurado (leitura de plantas de engenharia, conhecimento de processos construtivos), pois sendo o comandante de toda a execução da obra é o elemento que demonstra/ensina para seus comandados o modo correto e desejado para a execução dos serviços a serem realizados.

A função do empreiteiro é complicada, pois tem que conseguir a obra, tem que comandar os serviços que cada um vai fazer, tem que saber como fazer os serviços. Além disso tem que saber mexer muito bem com dinheiro, pois é o empreiteiro que recebe o pagamento do dono da obra e paga a turma toda, então ele não pode vacilar e gastar muito. Na verdade o empreiteiro é quem cuida de tudo, qualquer pepino é com o empreiteiro (...) você sabe ser empreiteiro não é fácil, lidar com gente é dura, o trabalho do Agostinho e do Domingos é mais fácil porque ele só lidam com parente e compadres mas mesmo assim (...) (AGOSTINHO, empreiteiro, 38 anos)

⁹⁶ Como “residências de médio porte” consideramos obras civis que variam de 100 m² a 300 m² de área construída.

⁹⁷ O empreiteiro é praticamente o dono da “turma”.

⁹⁸ Fala nativa.

⁹⁹ Fala nativa.

Como podemos constatar, o empreiteiro possui um papel central em toda dinâmica do referido processo de migração, sendo uma personagem central para a estruturação da função do migrante recém chegado da “região de Monte Azul”. O empreiteiro representa o elemento que permite a conexão entre o espaço norte mineiro - com sua espacialidade e cultura específica - com o “novo” espaço citadino (cf. esquema 18).

Dentro da rede de migração o empreiteiro se constitui no elemento catalisador de todo fluxo migratório, pois vai exercer a função de transição entre os dois espaços. Cabe, assim, ao empreiteiro a função de intervir no espaço norte mineiro através da divulgação das vantagens presentes na cidade de Rio Claro, além do exemplo de seu sucesso financeiro ser inspirador para a migração. Já no novo espaço o empreiteiro tem o encargo de acolher o migrante recém chegado, geralmente oferecendo assistência e trabalho.



Esquema 18 – O papel do empreiteiro no processo migratório
Organização: Adriano Corrêa Maia

Devido a este fato vamos nos aprofundar melhor na dinâmica da “turma do Agostinho e do Domingos”.

4.3.4 - “A turma funciona da seguinte forma: ...” - A dinâmica da turma

Como colocado anteriormente, após ingressarem no trabalho citadino, na “turma do Agostinho e do Domingos”, os migrantes norte mineiro vão se afeiçoar gradativamente ao ritmo, aos códigos e às normas do trabalho na construção civil. Os trabalhadores do espaço rural de Monte Azul, dentro da “turma do Agostinho e do Domingos” iniciam um lento processo de adaptação e capacitação (semelhante aos observados nos espaços do norte de Minas) para o trabalho urbano, que

progride, a partir, de seus próprios esforços e relações pessoais, obtendo uma razoável mobilidade ocupacional, que permitirá a continuidade de seu projeto de migração e retorno.

Donde eu cheguei de Minas não sabia nada de trabalhar em obra. Naquela época eu tinha é muita vontade de trabalhar, como eu tava acostumado a trabalhar pesado na roça eu sujeitava a trabalhar com qualquer coisa aqui na cidade. Então comecei como servente, fazendo massa e empilhando tijolo para o pedreiro assentar. Aí, com o tempo eu fui aprendendo a fazer ferragem com um ferreiro que o Agostinho contratava. Hoje já ganho como pedreiro porque toda ferragem que o Agostinho faz nas obra é eu quem faço. Me tornei meio que um especialista em ferragem, é só dar a planta de engenharia que tem a ferragem que eu faço ... (FRANCISCO, armador, 48 anos)

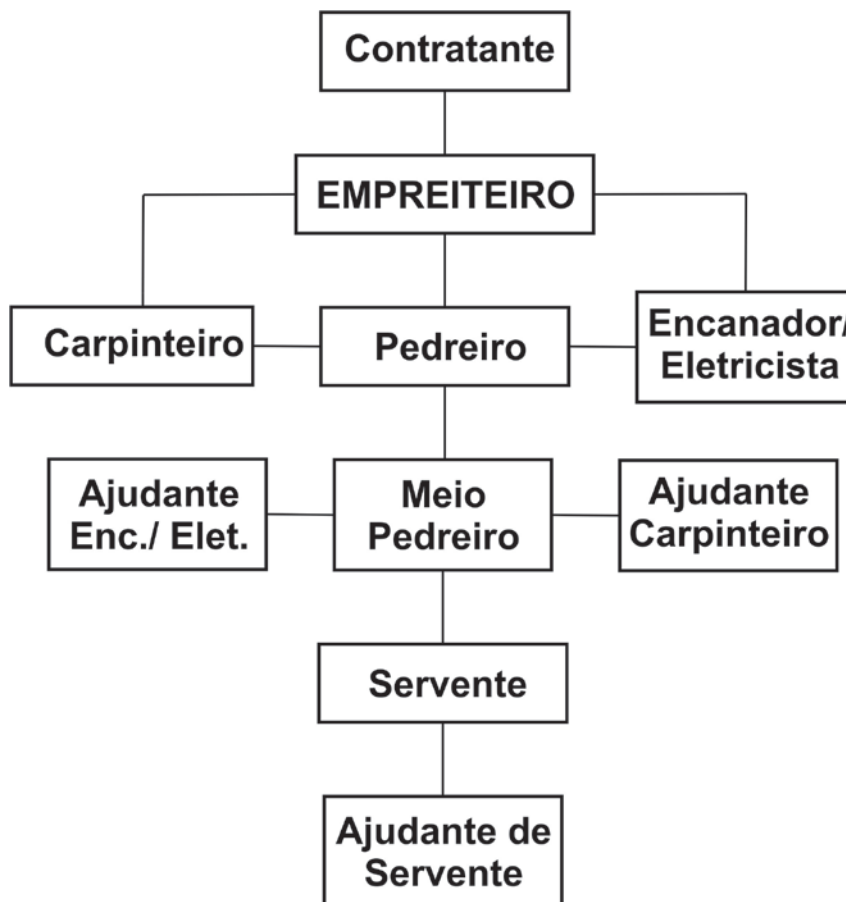
Quando “entram para a turma”¹⁰⁰, geralmente não possuem nenhuma capacitação específica anterior; se iniciando na condição de ajudante de servente, o qual corresponde à função de nível hierárquico mais baixo. Após algum tempo, passam a ser classificados como servente, de servente a meio pedreiro, daí a pedreiro, e alguns atingem, finalmente a posição de empreiteiro, grau máximo de hierarquia dentro da turma (cf. organograma 2).

No entanto, no caminho dessa progressão é necessário ao trabalhador aprender/apreender as habilidades ou qualidades necessárias para a realização das funções referentes a cada ocupação, indicando assim, a posse de conhecimento para a realização de determinada tarefa.

Este reconhecimento da posição ocupada pelo migrante na sua carreira de trabalhador urbano é estabelecida através da sua “fama”¹⁰¹, que corresponde à notoriedade da capacidade expressa perante o grupo. Assim, dentro da dinâmica da turma as habilidades do trabalhador não são testadas, mas são “espalhadas” através de conversas entre os pares, o trabalhador tem a “fama”, sendo este o ponto de avaliação do trabalhador.

¹⁰⁰ Fala nativa.

¹⁰¹ Fala nativa.



Organograma 2 – Ocupação em uma turma de construção civil
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Este tipo de classificação (cf. organograma 2) corresponde a rendimentos monetários diferenciados, conforme indicados na tabela 6.

Posição Hierarquica	Valor (R\$) Dia de Trabalho	Valor (R\$) Mensal
Ajudante de Servente	R\$ 20,00	R\$ 400,00
Servente	R\$ 30,00	R\$ 600,00
Ajudante, Meio Pedreiro	R\$ 40,00	R\$ 800,00
Pedreiro, Carpinteiro, Encanador e Eletricista	R\$ 50,00	R\$ 1.000,00
Empreiteiro	---	R\$ 5.000,00

Tabela 7 – Rendimentos diários e mensais em reais (R\$)– Data 05/05/2010
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Desse modo, através dos elementos relacionados com a organização do trabalho - capacitação, hierarquia, “fama” e rendimentos – podemos observar como

os elementos culturais norte mineiros são importantes para a estruturação do espaço urbano de Rio Claro. Estes elementos são a base constituidora das engrenagens de funcionamento da “turma do Agostinho e do Domingos”, assim, estão diretamente conectados com as espacialidades e sociabilidades presentes no espaço norte mineiro.

4.4 - A espacialidade no trabalho do migrante caatingueiro: a interação entre espaços

Podemos observar, como indicado anteriormente, que a capacitação para o trabalho em Rio Claro, dentro do grupo de migrantes estudado, segue um padrão semelhante ao ocorrido na zona rural de Monte Azul¹⁰². O processo de aprendizado, nos dois casos, se assemelha aos processos artesanais de trabalho, durante o qual o aprendiz recebe o ensinamento de um mestre, que guia sua mão no ofício, formando aos poucos um profissional, que por fim será considerado um igual. Este fato se aproxima muito com o processo estudado por Woortman e Woortman (1997) entre os agricultores do interior do Sergipe, onde o saber-fazer se aprende no próprio trabalho.

No campesinato que aqui estudamos, a transmissão do saber para o trabalho faz-se no próprio trabalho – pois o saber é um saber-fazer, parte da hierarquia familiar – subordinado ao chefe da família, via de regra o pai. Se é este quem governa o trabalho, como dizem os sitiantes, é ele também quem governa o fazer-aprender. A transmissão do saber é mais do que transmissão de técnicas: ela envolve valores, construção de papéis, etc. (WOORTMAN; WOORTMAN, 1997, p. 11)

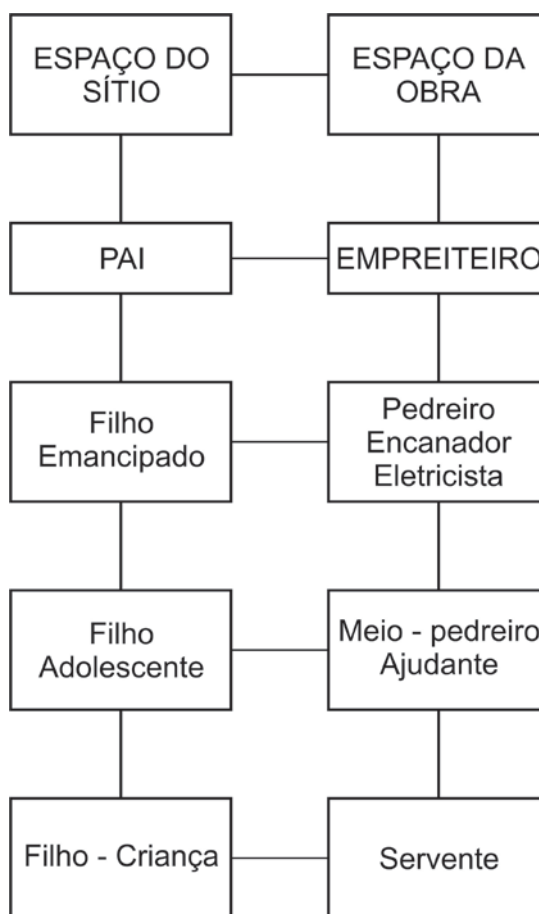
Para sintetizar todo este processo de qualificação e classificação, vamos propor uma sistematização que faça a comparação entre estes processos, contrapondo o espaço rural da região de Monte Azul com o espaço urbano de Rio Claro (cf. organograma 3).

Os trabalhadores que iniciam sua carreira na construção civil no espaço citadino são destinados à posição de ajudantes de serventes – feitos as crianças nas

¹⁰² Como mostrado no Capítulo 3 na p. 81.

lavouras familiares – guiados pelo empreiteiro (ou carpinteiro ou encanador/eletricista) que possuem todo conhecimento necessário para o ofício (no sítio é a função do pai).

Após, certo tempo na labuta diária do trabalho, o empreiteiro passa a classificar o migrante como servente (no sítio esta passagem corresponde ao momento no qual o pai começa a levar o filho para a roça).



Organograma 3 – Relação pai-empreiteiro
Organização: Adriano Corrêa Maia.

Trabalhando na função de servente, a próxima classificação do trabalhador na hierarquia da “turma”, dependendo principalmente da sua capacidade individual de aprendizagem, corresponde à de pedreiro ou meio/pedreiro (que no sítio corresponde ao momento em que o filho se emancipa), mas dentro da sistemática da turma o migrante continua sobre a dependência do empreiteiro (isso também ocorre em relação ao pai).

Assim, através desse processo de capacitação do migrante, podemos expor um sistema hierárquico produzido na/e a partir da própria turma de migrantes¹⁰³, que transforma quase que naturalmente – e, principalmente com base num determinado contexto espacial e em um capital sócio-cultural específico – trabalhadores rurais sem qualificação para o trabalho citadino, em dedicados pedreiros, armadores, carpinteiros, encarregados, mestres-de-obras.

Para obter essa mobilidade funcional é fundamental para o migrante norte mineiro possuir apenas boa-vontade e capacidade para o trabalho. Desse modo, o trabalhador deve ter, sobretudo interesse em aprender: este é o diferencial, que é manifestado no cumprimento correto das tarefas colocadas pelo empreiteiro.

Assim, como a capacitação de trabalhadores ocorre dentro do espaço da própria obra e dentro da dinâmica da turma; os migrantes que se tornaram empreiteiros certamente conheceram e passaram por todas estas etapas de aprendizado – na condição de servente, meio oficial ou oficial – conhecendo todas as dificuldades do trabalho. Portanto, a mobilidade profissional possui um caráter consensual, que depende, basicamente, do reconhecimento vertical e horizontal dos méritos do trabalhador.

(...) já passei por tudo nessa vida de obra, já fui servente, já fui pedreiro, que fazia de reboco a colocar piso. Hoje posso dizer que sei bastante coisa sobre construção. Não foi fácil, quando vim de Minas não sabia nada, só sabia carregar peso, mas a vida em Rio Claro me ensinou bastante, aprendi muito com meu irmão Tonho, mas aprendi observando os outros fazer, o engenheiro ensinando com ele queria (DOMINGOS, empreiteiro, 54 anos)

Este processo de aprendizagem do saber-fazer ser realizado dentro do espaço da obra também é, conjuntamente com as instituições do parentesco e do compadrio, a justificativa para a chefia da turma pelo empreiteiro ser relatada como um mando sem peso: leve, baseado na liderança pessoal, no carisma, na capacidade pessoal, muito mais que na autoridade delegada pelos altos escalões.

¹⁰³ Na construção civil as funções eram ordenadas pelo saber, de uma forma parecida com aquela que existia nas corporações de ofício medievais e existe nas universidades e na agricultura das populações tradicionais. Nesses sistemas o aprendiz ingressa sem conhecimentos; mas, tendo vontade de aprender, recebe o apoio dos oficiais, progride na carreira, no ofício e no salário. Os oficiais conheciam os aprendizes da construção que eram mais aptos.

O Agostinho e o Domingo respeita muito nós, e também respeitamos muito eles. A nossa relação não é de patrão e empregado mais de compadre. Isso não quer dizer que nós faz o que quer, aqui tem muita disciplina, o que eles mandam fazer a gente respeita pois temos compromisso com a turma. A Turma é nossa fonte de renda aqui, se a turma não der dinheiro todo mundo sai prejudicado. (GILDÁZIO, servente geral, 61 anos)

Podemos observar, decorrente de toda essa dinâmica de trabalho presente dentro do grupo de migrantes estudados, uma situação que relaciona o espaço rural norte mineiro e o espaço urbano rioclarense. Isso está expresso nos vários elementos estruturadores da organização do trabalho na turma:

- a entrada na turma;
- a forma de aprendizado;
- a hierarquia;
- a qualificação;
- a chefia;
- o comportamento dentro/da turma (direito e obrigações).

Esses itens constituem a base do ser migrante norte mineiro, os quais são oriundos da cultura rural norte mineira, produtos de uma espacialidade singular e também resultado de uma conjunção de espaços absolutos, relativos e relacionais presentes no local de origem dos migrantes norte mineiros.

4.4.1 - “Lá influencia aqui, isso é lógico...” – Relações do espaço rural presentes no meio citadino

O espaço rural de Monte Azul (MG) (as espacialidades de origem dos migrantes) vai estar presente na estruturação da vida cotidiana do migrante norte mineiro e, conseqüentemente, na sua espacialidade coetânea no meio urbano.

Um exemplo desse movimento está na representação do papel do empreiteiro refletido no seu grupo de trabalho, a “turma”. Como colocado anteriormente, temos um conjunto de elementos na organização do trabalho do migrante no meio citadino que gera uma hierarquia, o que representa diferentes funções e, conseqüentemente, uma diferenciação nos rendimentos monetários dos seus elementos. Esta hierarquia, que corresponde a um elemento da dinâmica urbana, gerada pela necessidade de

uma maior divisão de trabalho, é toda estruturada no espaço rural da região de Monte Azul (MG).

Na turma, a confirmação desse fato está no processo cotidiano que desenvolve esta hierarquia, uma vez que as posições presentes dentro da “turma” não são transportadas para o convívio diário dentro do grupo de migrantes, de tal maneira que constatamos, tanto em determinadas situações de trabalho como posteriormente, uma “quebra” dessa hierarquia. Assim, a hierarquia dentro da “turma” está somente confinada às funções do trabalhador e seus rendimentos monetários, não representando a real posição do elemento perante o grupo de migrantes do norte mineiro.

Na realidade, dentro da organização social do grupo, ainda temos presentes as formas de arranjo da cultura rural de Monte Azul, não sendo levados em conta nem os rendimentos monetários, nem a posição na escala de chefia do trabalho, mas sim, a posição hierárquica originária no mundo rural. Dessa constatação, observamos casos contraditórios, nos quais há pessoas com mais idade “trabalhando” para empreiteiros mais novos, e isso não significando uma alteração na posição hierárquica perante o grupo de migrantes, tendo assim as relações de “respeito” mantidas através cultura.

Assim, toda aquela formação do ser migrante, resultado da espacialidade, sociabilidade e historicidade vão impor elementos culturais específicos que fornecerão subsídios para a estruturação do tipo de trabalho na cidade, contribuindo para que os níveis de exploração do trabalhador sejam altos comparativamente com os de origem urbana.

Dessa forma, através da análise das dinâmicas do trabalho e do espaço da obra temos uma demonstração de como a cultura rural está presente na cidade, influenciando e determinando vários aspectos de seu movimento de reprodução. Para além disso, podemos observar como, em muitos casos¹⁰⁴, o ambiente urbano se apropria de uma cultura rural específica para uma maior exploração do seu trabalhador. Podemos notar este fato, com relação aos migrantes estudados, na constatação de que vários direitos trabalhistas não estão acessíveis ao grupo, e em contrapartida, também não há uma “reclamação” da parte deles, devido às relações de trabalho, às quais são submetidos, ainda serem caracterizadas pela ordem sócio-

¹⁰⁴ Incluindo nosso caso estudado.

espacial do interior de Minas, onde as relações pessoais (parentesco e compadrio) pesam muito mais que o direito civil. Na realidade, as relações de exploração desses trabalhadores são altas para o padrão urbano, ganham baixos salários, não possuem direitos trabalhistas e nem segurança no trabalho, mas trazem da cultura rural “normas” que tornam estes elementos de exploração “compreensíveis” dentro da sua cultura.

Reafirmamos, não estamos colocando que a cultura rural permanece estática no espaço urbano, nitidamente sofre influências da cultura urbana, em muitos casos podendo haver uma (re) modelação do comportamento dos indivíduos com o surgimento de outras espacialidades, mas podemos afirmar “Lá influencia aqui, isso é lógico (...)”¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Fala nativa.

5 - CAPÍTULO CINCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo objetivamos agregar nossas conclusões sobre as análises empíricas - o espaço rural da “região de Monte Azul” (capítulo 2), o fenômeno da dinâmica migratória (capítulo 3) e o espaço citadino na cidade de Rio Claro (capítulo 4) - conjuntamente com o desenvolvimento teórico - o espaço geográfico, a cultura e o trabalho de campo (capítulo 2).

Para isso, vamos elencar alguns tópicos que explicitem a proposta inicial do trabalho que corresponde na análise da relação entre o espaço e a cultura pela lente da ciência geográfica, voltada para o caso de um grupo de migrantes do norte do estado de Minas Gerais que migraram para o interior paulista residindo e trabalhando atualmente em Rio Claro (SP).

Dentro da comprovação da nossa hipótese de trabalho que corresponde à cultura do local de origem do grupo como sendo um dos elementos estruturadores da construção do espaço cotidiano, objetivamos discutir como o espaço de origem, estruturante e estruturado pela cultura do norte de Minas vai “participar” da construção do espaço cotidiano, desses migrantes no local de destino.

A para finalizar, objetivamos colocar as possíveis contribuições do estudo dentro da ciência geográfica, para entender como é dada a relação entre a cultura e a construção do espaço.

5.1 - Da hipótese à tese

Quando iniciamos a pesquisa tínhamos uma hipótese que perpassou todo o trabalho: *a cultura do local de origem do grupo de migrantes estudado se constitui em um dos elementos estruturadores do espaço urbano no qual habitam atualmente.* Com isso o objetivo do trabalho foi mostrar como a cultura norte mineira dos migrantes estudados se estabelece com um fator central na construção do espaço citadino.

Temos a convicção que o caminho traçado durante a pesquisa confirmou a autenticidade da hipótese de trabalho, uma vez que, temos a comprovação de que os elementos culturais presentes no espaço norte mineiro como: o parentesco, o compadrio, a hierarquia familiar, as dinâmicas do trabalho são transportados para o espaço citadino, conjuntamente com o ser migrante, conforme mostrado na parte final do último capítulo.

Esses elementos culturais, provenientes da cultura específica do grupo vão ser um dos agentes determinantes na constituição das espacialidades presentes na vida cotidiana do grupo no espaço urbano. Isso pode ser observado, a partir do processo de migração e instalação do migrante no “novo” espaço urbano.

Na realidade são os elementos culturais construídos entre outras pela espacialidade do espaço de origem que vão propiciar a projeto de migração da região de Monte Azul, sendo que a perspectivação deste projeto vai ser dada através de uma rede já presente. Assim, desde a divulgação das oportunidades que o espaço citadino pode oferecer até a instalação no “novo” espaço será realizada dentro dessa rede de migração. Lembrando que a constituição dessa rede está ligada e é formada dentro da conjunção da cultura e do espaço norte mineiro.

Após a instalação no novo espaço, o espaço citadino, a relação da cultura com o espaço norte mineiro vão estar presentes nesse ambiente, principalmente, através do espaço do trabalho – no caso estudado as obras de construção civil. Nesse espaço, temos os elementos culturais oriundos do espaço norte mineiro definindo e estruturando as relações sociais (de trabalho e de convivência) e as novas espacialidades. Assim, os elementos e as instituições culturais geradas no espaço norte mineiro como o parentesco, o compadrio, o hierarquia familiar, as dinâmicas do trabalho vão definir as novas dinâmicas presentes no espaço urbano.

Assim, a organização desse “novo” espaço, estará baseada e estruturada pelos elementos culturais e espaciais norte mineiro. Então, o aprendizado, a hierarquia e os procedimentos da vida cotidiana do ser migrante vão estar diretamente ligados com os elementos culturais presentes no espaço norte mineiro.

Partindo das experiências vividas pelo ser migrante no seu espaço de origem buscamos as suas espacialidades singulares proveniente da “região de Monte Azul”. Através desses elementos construímos o espaço geográfico (abstração) norte mineiro referentes aos migrantes mineiros, com a interligação dos seus espaços absolutos, relativo e relacional.

Em seguida, dirigimos para o entendimento do evento migratório, que vai propiciar ao grupo de migrantes norte mineiros estudados novas experiências espaciais, que são viabilizadas devido às espacialidades presentes naquele espaço singular de origem.

Na sequência mostramos as espacialidades presentes no espaço urbano desses migrantes, concentrando nossa atenção principalmente no espaço do trabalho - a obra, pois nesse espaço contem todo movimento que comprova a hipótese proposta.

Com isso, a partir do entendimento das dinâmicas do espaço de trabalho, no contexto urbano podemos inferir como os elementos presentes (e oriundos) no espaço rural se constituirão dos elementos estruturadores de sua construção.

A comprovação da tese proposta pode ser mostrada nos vários elementos presentes no espaço urbano como:

- a entrada para a turma;
- a forma de aprendizado;
- a hierarquia;
- a qualificação;
- a chefia;
- o comportamento dentro/da turma (direitos e obrigações).

Verificamos, assim, que os elementos culturais presentes no espaço rural da “região de Monte Azul” são transportados para o espaço urbano através do movimento do ser migrante e da sua expressão empírica. Desta forma, os espaços absoluto, relativo e relacional presentes no espaço mineiro, que geram uma espacialidade específica, vão ser transportados conjuntamente com o migrante (o

ser migrante) para o espaço urbano, entrando num jogo dialético com os novos elementos presentes nesse espaço.

5.2 - Dinâmica cultural e construção do espaço

Como mostrado nos capítulos anteriores, a cultura constitui-se um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações no espaço, através, de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana. Nesse sentido, a análise dos fenômenos culturais e sua relação com o espaço, como explanado durante o trabalho, constitui uma análise da dinâmica, isto é, está implícito dentro do seu movimento um processo permanente de reorganização das representações na prática sócio-espacial, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática.

Na discussão sobre a dinâmica cultural decorrente da vinda do migrante do norte de Minas, que parte de um contexto rural e penetra num contexto urbano, sempre estamos propensos a encaminhar a discussão para o choque entre o tradicional e o moderno; o desenvolvido e o subdesenvolvido, mas na realidade empírica estes elementos não são tão relevantes, uma vez que, como apresentado durante o trabalho, o espaço em seu movimento conjunto com a cultura vai ser remodelado em conformação com a cultura singular do ser agricultor/migrante/trabalhador da construção civil.

Com isso temos constatado que a cultura norte-mineira dos migrantes estudados vai sobrevivendo no espaço urbano rioclarense na medida em que persistirem as situações que lhes deram origem (o espaço da “região de Monte Azul”), além da incorporação de novos elementos e significados que expressam os novos problemas da vida cotidiana.

Na verdade, o que objetivamos colocar com isso é que a concepção de cultura tratada como um produto dentro da sua relação com o espaço leva a um tipo de análise reducionista e induz ao abandono de uma explicação do principal elemento, o modo pelo qual é produzida a cultura em relação a sua dialética com o espaço, perdendo-se assim toda a possibilidade de uma análise frutífera da dinâmica cultural e espacial.

Em nosso estudo podemos observar claramente este movimento decorrente da dinâmica espaço-cultural presente na relação de comparação da casa (residência) em Rio Claro com o sítio na “região de Monte Azul”, que são produtos e produtores deste movimento e que se expressam dialeticamente na construção do espaço.

Desse modo, no entrecruzamento das situações, constatamos a presença da cultura, *com seus símbolos e significados*, como um elemento de construção dos diferentes espaços (área rural e área urbana), sendo em nosso caso estudado, a cultura rural é transportada para o contexto urbano, modelando as ações e representações do migrante no ambiente citadino conjuntamente com a introdução de uma cultura urbana.

Deste modo, a cultura rural está presente na estruturação da vida dos migrantes mineiros em vários elementos do cotidiano urbano, sendo o principal ponto de referência a sua estadia, na organização do trabalho, a construção do espaço, as relações sociais entre outras.

Então, no desenvolvimento do trabalho, podemos perceber que para além da dimensão física e visível, a dimensão cultural e simbólica está presente na manutenção do “rural dentro do urbano”, do campo dentro da cidade, no qual a cultura, como um conceito antropológico, ordena as espacialidades dos migrantes norte mineiros no seu cotidiano, impondo signos e símbolos provenientes do local de origem, que são transportados para o novo contexto urbano.

5.3 - O espaço como a dialética entre o rural e o urbano:

Considerando o espaço geográfico como constituído pelos espaços absoluto, relativo e relacional em sua expressão dialética, temos que ele é uma expressão única, constituído pelo encontro de espacialidades, composto (e construído) por vários elementos político-sociais (sociabilidade e historicidade), sendo um elemento híbrido, no qual o rural e o urbano estão na base de na sua constituição.

Este desenvolvimento pode ser observado empiricamente no contexto urbano do grupo de migrantes estudado (MAIA, 2009a, 2009b). Com pessoas oriundas de um contexto rural, constroem o espaço urbano, um novo “ambiente”, através de um entrelaçamento entre os contextos rural (origem) e urbano (destino).

No espaço urbano, construído por esses migrantes é constituído pelos espaços (absoluto, relativo e relacional) do mundo rural e, que são expressos principalmente através da sua interação dialética com os espaços (absoluto, relativo e relacional) do ambiente urbano. Isso é observado claramente, no espaço cotidianamente vivido por esses migrantes.

Assim, podemos afirmar que na construção do espaço urbano, esses migrantes sustentam o paradoxo do entrelaçamento entre o rural e do urbano, fato contemplado através do conjunto de dinâmicas presentes no trabalho urbano.

É claro, lá influencia aqui. Toda a nossa vida começou lá, lá é que eu aprendi a viver. Então tudo que eu sei começou lá. Não posso negar que também aprendi muito coisa aqui, mas a maioria das coisas vem de lá. Te garanto que a turma inteira é assim. É por isso que você vê essa união da turma. Aí é claro falar que lá influencia aqui. (DOMINGOS, empreiteiro, 54 anos)

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. O domínio morfoclimático das caatingas brasileiras. **Geomorfologia**. São Paulo, n. 43, p. 1-39, 1974.

ABLER, Ronald; ADAMS, John S.; GOULD, Peter. **Spatial Organization**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1973.

ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). **Tantos Cerrados**: Múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural. Goiânia: Editora Vieira, 2005a.

_____. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**. Fortaleza: Ano 2, n. 2, p. 103-114, 2005b.

_____. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo In: Serpa A. (org.). **Espaços culturais**: Vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008 p. 313-36

ALTENFELDER SILVA, Fernando. **Xique-Xique e Marrecas**: Duas Comunidades do Médio São Francisco. Rio de Janeiro: Comissão do Vale do São Francisco, 1961.

ALVES, Flamarion Dutra; MAIA, Adriano Corrêa. Teorias sobre o espaço e a questão rural-urbano. In: Simpósio O rural e O urbano no Brasil, 2, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ, 2009, p. 1-27.

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **A terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Atlas, 1986.

ANTUNES, Francisco Z. Caracterização climática do estado de Minas Gerais: climatologia agrícola. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 12, p. 9-13, 1986.

ARAÚJO, Maria de Fátima Infante. Mapa da estrutura industrial e comercial do Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, p. 40 - 52, jan. 1999.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo**: a Casa da Torre de Garcia D'ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARNETT, Clive. The cultural turn: fashion of progress in Human Geography? **Antípode**. v. 30, issue 4, p. 379-394. 1998.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato et al. (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BORGES, Alberto de Campos. **Prática das Pequenas Construções** - Vol. I e II. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1981.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século. In: MILESI, Rosita (Org.). **Convivendo com o diferente**: desmigração, exclusão e multiculturalismo. Brasília: CSEM, 1999.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. São Paulo: Edusp; Kosmos. 1993

CAPEL, Horacio. **Geografia, ciência e filosofia**: introdução ao pensamento geográfico. Maringá: Editora Massoni, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alexandri. **A (re)produção do espaço urbano**: o caso de cotia. São Paulo. 1986. 438 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise**: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Editora UNESP, IE – Unicamp, 2002.

CASTRO, Elisa. Guaraná de. Estudos de comunidade: reflexividade e etnografia em Marvin Harris. **Revista. Universidade. Rural**, Série. Ciências. Humanas, v. 23, n. 2, p. 195-210. jul./dez. 2001.

CLAVAL, Paul A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

_____. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

_____. O espaço geográfico: algumas considerações. In SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Huncitec, 1996, p. 25-34.

_____. **Sobre a Geografia Cultural**. Textos NEPEC, 3, 2007.

COSGROVE, Denis. Ideas and culture: a response to Don Michell. **Transactions of the Institute of British Geographers**. v. 21 (3), p. 574-75, 1996.

COSTA, João Batista de. O Cerrados norte mineiro: populações tradicionais e suas identidades territoriais In ALMEIDA, Maria. Geralda de. (Org.) **Tantos Cerrados: Múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Editora Vieira, 2005. p. 295-319.

CRAIG, William Lane. The metaphysics of special relativity. In: CRAIG, William Lane; SMITH, Quentin (Orgs.). **Einstein, relativity and absolute simultaneity**. New York: Routledge, 2008.

CRANG, Mike. **Cultural Geography**. London: Routledge, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DAYRELL, Carlos Alberto et all. **Grande Sertão: Veredas e seus ecossistemas**. Montes Claros: Grupo de Estudos e Ação Ambientais (mineo). 1991.

_____. Os geraizeiros descem a serra ou a agricultura de quem não aparece nos relatórios dos agrobusiness. In: LUZ, Claudia ; DAYRELL, Carlos Alberto (Orgs.). **Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade**. Montes Claros, MG: Centro de Agricultura Alternativa; Goiânia: Agência Ambiental de Goiás, 2000. p. 189-272.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas: Papius, 1991.

_____. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DONATELLI, Marisa Carneiro de Oliveira Franco. Sobre o Tratado de mecânica de Descartes. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 639-54, 2008.

DUNCAN, J. e DUNCAN, N. Reconceptualizing the ideia of culture in Geography: a reply to Don Michell. **Transactions of the Institute of British Geographers**. v. 21, n. 3, p. 576-79, 1996.

DURHAN, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

_____. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. In _____. Durkheim, Émile. São Paulo: Abril cultural, 1978, p. 71-161.

FILENI, Rosângela de Fátima Corrêa. **O Processo Migratório para o Interior Paulista: o caso de Rio Claro**. 2004. 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

FELICIANO, Maria da Glória. **Monte Azul, retratos e relatos do tremedal**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2006.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Pré diagnóstico da região mineira da SUDENE**. Belo Horizonte: Editora Fundação João Pinheiro, 1975.

GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 254, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira. A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana. **GEOSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 23, p. 125 - 132, 2008.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2008.

GOTTMANN, Jean. Acerca do método de análise na Geografia Humana. **Boletim Geográfico**. v. 7, n. 74, p.133-140, 1949.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GULLAR, Ferreira. **Poemas Escolhidos**, São Paulo: Ediouro, 1989

HAESBAERT, Rogério Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-57.

HARRIS, Marvin. **Town and Country in Brasil**. Nova York: Columbia University Press, 1956.

HARVEY, David. **Explanation in geography**. London: Edward Arnold, 1969.

_____. Monument and Myth. **Annals of the association of American Geographers**, v. 69. n. 3, p. 362-381, 1979.

_____. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. From space to place and black again. In: **Justice, Nature and Geography of Difference.** Oxford: Blackwell, p. 291-326, 1996.

_____. **Spaces of Global Capitalism.** London, New York: Verso, 2006.

HOLANDA, Gastão de. **A Casa da Torre de Garcia d'Ávila.** Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades 2007.** Rio de Janeiro, 2008.

JACKSON, Peter. **Maps of meaning: an introduction to cultural Geography.** London: Unwind Hyman, 1989.

_____. The idea of culture: a response to Don Michell. **Transactions of the Institute of British Geographers.** v. 21 (3), p. 572-73, 1996.

JESSOP, Bob. Spatial Fixes, Temporal Fixes and Spatio-Temporal Fixes. In: CASTREE, Noel; GREGORY, Derek (Eds.). **David Harvey: a critical reader.** Cambridge: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

KAGEYAMA, Ângela. As múltiplas fontes de renda das famílias agrícolas brasileiras. **Revista de Economia agrícola,** São Paulo, v. 48, n. 2, p. 57-69, 2001.

KEESING, Roger. Theories of culture. **Annual Review of Anthropology,** vol. 3. Palo Alto, Califórnia, 1974.

KELLER, Elza. Habitat rural. **Boletim Geográfico.** v. 17, n.149, p.138-144, 1959a.

_____. Habitat rural no Brasil. **Boletim Geográfico.** v. 17, n.149, p.145-148, 1959b.

KUPER, Adam. **Cultura na visão dos antropólogos.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

LUPA. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo,** 2006.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space.** Oxford: Blackwell, 1991.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von. **Novos ensaios sobre o entendimento humano.** São Paulo: Nova Cultural, 2 vols., 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LINHART, Ana Maria Galano Mochcovitch. Êxodo rural, fazendas e desagregação. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Número 118, outubro, 2002.

LOPES, Josefa Batista. **Sociedade industrial no Brasil**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

MAIA, Adriano Corrêa. Discutindo o pensamento geográfico a partir de uma abordagem simétrica. In: Seminário Latino-americano e I Seminário Ibero-americano de Geografia Física, 5, 2008, Santa Maria - RS - Brasil. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2008a. p. 4597-4612.

_____. Abordagem simétrica: discutindo uma proposta para o pensamento geográfico. In: Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, 1, 2008, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2008c. p. 1-14.

_____. Abordagem simétrica: uma proposta para o pensamento e a epistemologia geográfica. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 15, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: AGB, 2008.

_____. Análise das categorias geográficas e a relação rural-urbano. In: Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2009.

_____. A relação rural-urbano e a perspectivação do espaço. In: Simpósio O rural e O urbano no Brasil, 2, 2009a, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro : UERJ, 2009. v. 2. p. 1-25.

MAIA, Adriano Corrêa; ALVES, Flamarion Dutra. Discussão sobre a categoria geográfica e a relação rural - urbano. In: Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 9, 2009, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro : AGETEO, 2009b. v. 9. p. 1985-1999

MAIA, Doralice Satyro. Os escritos etnográficos e a geografia: encontros e desencontros. **Revista GEOUSP**, n. 2, p. 21-29, 1997.

MARTINS, Elvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **Revista GEOUSP**, São Paulo, Nº 21, p. 33 - 51, 2007.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MASSEY, Dooren. Introduction: Geography matters. In: MASSEY, Dooren; Allen, J. (eds.) **Geography Matters! a reader**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-11. 1984.

_____. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Space, place and gender**. Oxford: Polity Press, 1994. p. 146-156.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974, 2003.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia e Meio Ambiente**. Editora Contexto. São Paulo, 1998.

_____. **Geografia física: ciência humana?** São Paulo: Contexto, 2001

MERRIFIELD, Andy. The extraordinary voyages of Ed Soja: inside the trialectics of spatiality. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 89: p. 345–8, 1996.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MICHELL, Don. There's no such thing as culture: towards a reconceptualization of the Idea of culture in geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 20, n. 1, p. 102-16, 1995.

_____. Explanation in cultural geography: a reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 21, n. 3, p. 580-582, 1996.

_____. **The right to the city: social justice and the fight for public space**. New York: The Guilford Press, 2003.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado**. São Paulo: Editora Duas Cidades. 1974.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

PEREIRA, José V. da C. A propósito da evolução, conceito e método da geografia. **Boletim Geográfico**. v. 2, n. 22, p. 1477-1481, 1945.

_____. A moderna produção geográfica do Brasil e seus aspectos metodológicos. **Boletim Paulista de Geografia**. v. 27, p. 95-110, out. 1957.

PIERSON, Donald. **Cruz das Almas**. São Paulo, EDUSP, 1966.

RIBEIRO, Renato Janine. Novas fronteiras entre natureza e cultura. In: NOVAES, Aduino (org.). **O homem-máquina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 15-36.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. O Retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. In: **Travessia – Revista do Migrante**, número Especial, 2000.

SINGER Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 2002.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOJA, Edward. W. **Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places**. Oxford: Blackwell, 1996.

_____. **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**. Oxford: Blackwell, 2000.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Scripta Nova** (Barcelona), Barcelona, v. 93, 2001.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Sustentabilidade cultural e as estratégias de desenvolvimento do Baixo São Francisco. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro JP. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 113-131.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. **En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001.

WHITEHEAD, Alfred North. **O conceito de natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WOLF, Eric Robert. **Antropologia e poder**: contribuições de Eric R. Wolf. Ribeiro, G. L. & Feldman-Bianco, B. (orgs.). Campinas: Editora: UNICAMP, 2003.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. O Sítio Camponês. **Anuário Antropológico**, 1981.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo-Brasília: HUCITEC-EDUNB, 1995.

WOORTMAN, Ellen Fensterseifer; WOORTMAN, Klaas. **O trabalho da terra – A lógica e a simbólica da lavoura camponês**. Brasília: Editora UnB, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A - A historicidade da região de Monte Azul

No período em que a forma de administração territorial do Brasil era através de capitanias hereditárias, as terras que hoje formam a *região de Monte Azul* estavam nos domínios da Casa do Conde da Ponte¹⁰⁶, e faziam parte da capitania da Bahia, sendo chamadas de Tremedal.

Como decorrência da ineficiente estratégia de ocupação territorial do sistema de capitanias hereditárias, Portugal, adotou o Sistema de Sesmarias (PORTO, s.d.) e uma das concessões autorizadas pela coroa portuguesa compreendeu uma larga faixa da referida região – Monte Azul - ao abastado Garcia D'Ávila¹⁰⁷, fundador da Casa da Torre.

Assim sendo, a região de Monte Azul estava compreendida na imensa faixa de terras da margem direita do Rio São Francisco, compreendida entre o litoral e o Rio das Velhas, a qual constituía o conjunto de terras pertencentes aos latifúndios de duas casas: A Casa da Torre e a Casa da Ponte. Com o passar do tempo, repetidas concessões asseguraram-lhe e aos seus sucessores o senhorio das terras (BANDEIRA, 2000).

¹⁰⁶ **Conde da Ponte** foi um título criado por carta de 16 de Maio de 1661, do rei D. Afonso VI de Portugal, a favor de Francisco de Melo e Torres, o 1.º marquês de Sande (CAMARGO; MORAIS, 1993, p. 1).

¹⁰⁷ **Garcia D'Ávila** - Nascido em Rates, Portugal (1528) chegou à Bahia em 29 de março de 1549, juntamente com Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil. Depois foi nomeado feitor e almoxarife da Cidade do Salvador e da Alfândega. Garcia D'Ávila, foi um "criado" ou protegido de Tomé de Souza, que pelo esforço austero e inexcedível energia, durante a construção da Capital foi recompensado com terras de Sesmarias, instalando-se inicialmente em Itapagipe, depois em Itapoã e Tauapara, vindo a se tornar o primeiro Bandeirante do Norte. Ao morrer, em 22 de maio de 1609, era Garcia D'Ávila o maior potentado da colônia e, como vereador do Senado da Câmara, foi considerado uma das mais importantes individualidades políticas do seu tempo (HOLANDA, 2002).

Após um longo período temos o aparecimento do mestre do Campo Regente do São Francisco – Antonio Guedes de Brito¹⁰⁸, rico fazendeiro do Morro do Chapéu que consolida os limites da sesmaria da Casa da Ponte, que passa a compreender uma área que vai do Morro do Chapéu ao rio das Velhas, ficava compreendida entre o curso do rio São Francisco e uma linha que correndo pelas cabeceiras dos rios Salitre, Jacuípe, Paraguaçu, Contas e Brumado, cortando os rios Santo Antônio e Gavião, até às cabeceiras do Rio Pardo. Após esse processo, Antônio Guedes de Brito (Conde da Ponte) passa a arrendar e vender parte de suas terras a alguns fazendeiros, dando preferências aqueles que já a ocupavam.

Em 1815, a senhora Maria Rosária da Rocha Pereira compra dos herdeiros do Conde da Ponte uma terra chamada *Sítio do Riacho Seco* (30/10/1815), e doa um terreno de sua propriedade para a construção de uma igreja em devoção à Nossa Senhora das Graças, com o objetivo de organizar e reunir o grupo de moradores da região. Com isso, temos a origem de uma aglomeração de casas, que passou a ser chamado Tremedal, tornando-se um distrito pertencente ao município de Formiga (MG).

Em 1840, uma Lei da Província (nº 167) transfere o distrito de Tremedal para o município de Grão Mogol. Em 1850, há uma nova transferência de Tremedal, que passa a ser distrito de Rio Pardo. Em 1868 o distrito foi elevado à condição de Paróquia Boa Vista do Tremedal, e em 1870 a sede da freguesia é transferida para Lençóis do Rio Verde (Espinosa); sendo que em 1872 a sede da freguesia volta a ser Tremedal.

No ano de 1878, separa-se do município de Rio Pardo de Minas (09/11/1881) e se transforma em município, com a denominação de Boa Vista do Tremedal; em 1887 uma Lei Provincial (nº 3.485) concede foros de cidade. É a emancipação política. Já em 1923 (Lei Nº 843 de 07/07/1923), a cidade passa a denominar-se simplesmente Tremedal. Por força desta lei, perde os distritos de Espinosa, Santo Antônio de Mamonas e Itamerim, desmembrados para constituírem o novo município de Espinosa. Em 1938, o Decreto (Lei Estadual nº 148 de 17/12/1938), institui uma nova divisão territorial Judiciário Administrativa do Estado, e o município figura constituído por quatro distritos: Monte Azul, Gameleiras, Mato Verde e São João do

¹⁰⁸ Descrito como «grande sertanejo e guerreador do índio hostil», em 1650 o encontramos à frente de bandeira na região da Jacobina, devassando os sertões do Morro do Chapéu. Acabaria dono de um dos maiores latifúndios do Brasil colonial, 150 léguas do Morro do Chapéu até as águas do Rio das Velhas, tendo instituído o morgado da Casa da Ponte.

Bonito. Monte Azul – recebeu este nome por sugestão de Coronel Levy¹⁰⁹ em homenagem às serras da cidade (Serra Geral e Serra Ginete) que circundam a cidade e têm a tonalidade azul ¹¹⁰.

Em 1947 é inaugurada a Agência da E.F.C.B. (Estrada de Ferro Central do Brasil) que ligava Monte Azul à Belo Horizonte, logo depois houve a chegada da E.F.L.B (Estrada de Ferro Leste Brasileiro) ligando Monte Azul a Salvador, fazendo o entroncamento das duas vias férreas. Em 1957, com a unificação de todas as vias férreas ficou denominada como R.F.F.S.A (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), que privatizada em 1996, hoje, com o nome de F.C.A (Ferrovia Centro Atlântica)¹¹¹.

Em 1953 o município perde os distritos de Mato Verde e São João do Bonito, desmembrados para constituírem o município de Mato Verde. Já em 1992, o município de Monte Azul perde o distrito de Catuti e inaugura a Barragem do Angical, pondo fim aos problemas de abastecimento de água potável da cidade¹¹². Em 1995 ocorre o desmembramento do distrito de Gameleiras do município de Monte Azul.

¹⁰⁹ **Coronel Levy Souza e Silva** - Nasceu em Monte Azul, quando ainda se chamava Tremedal, em 18 de maio de 1906. Com 21 anos, em Tremedal, foi eleito vereador pelo Partido Republicano Mineiro. Em 1930, assumiu a prefeitura de Tremedal como presidente da Câmara. Foi comandante de dois batalhões Patrióticos, no posto de tenente-coronel de Tremedal e Espinosa, para guarnecer as fronteiras de Minas. Em 13 de janeiro de 1931, foi nomeado prefeito de Tremedal, cargo em que permaneceu até 22 de abril de 1946, ora eleito, ora nomeado. Orador de grande talento, o Cel. Levy Silva era amado por muitos e na mesma intensidade, era odiado por outros. Um dos acontecimentos mais importantes, da sua vida política, foi ver concretizada a ligação ferroviária – Sul-Nordeste, pela E.F.C.B – Estrada de Ferro Central do Brasil e E.F.L.B – Estrada de Ferro Leste Brasileiro. Em 1962, Cel. Levy foi eleito Deputado Estadual, para Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Cel. Levy Souza e Silva esteve no comando da política durante 32 anos, recorde brasileiro. Faleceu em Belo Horizonte no ano de 1972 (FELICIANO, s/d)

¹¹⁰ Em 1939, a região passa por uma de suas piores secas, com a população encontrando dificuldades básicas de sobrevivência.

¹¹¹ Consequências da perda de importância da ferrovia.

¹¹² Em 1993 é destruída toda a lavoura de algodão da região, com a invasão do bicudo.

APÊNDICE B - O trabalho de campo: A aproximação e a convivência com o grupo

O nosso trabalho de campo pode ser dividido em várias etapas. A primeira etapa abrange o período que se inicia no ano de 1998 e vai até o final do ano de 2006, e consiste no contato inicial com o grupo de migrantes mineiros e alguns de seus informantes (como descrito posteriormente). Durante o referido período, não havia uma sistematização científica que sustentasse o contato, de caráter informal e de cunho social. Do período, existem registros de relatos cotidianos em diários pessoais e algumas fotos, além de “casos” em nossa lembrança.

A segunda etapa é concentrada no ano de 2007, consistindo numa descrição mais aprofundada do grupo, mas ainda sem uma sistematização específica. Essa observação e interpretação sobre os migrantes norte mineiros resultou na montagem do pré-projeto, que deu início às investigações dessa dissertação. Temos como atividades de trabalho de campo do período a convivência com o grupo na cidade de Rio Claro, em algumas obras de construção residencial, “conversas” em finais de semana, além de entrevistas (semi-estruturadas) com os informantes principais. Deste período temos como material: relatos em cadernos de campo, entrevistas gravadas e várias fotos.

A terceira etapa concentra-se entre o ano de 2008 e 2009, que compreende o período inicial do mestrado, e com isso a sistematização metodológica do trabalho de campo. É composta do acompanhamento diário em uma obra de reforma em um apartamento de alto padrão na cidade de Rio Claro, com duração de 9 meses, várias

visitas a indivíduos do grupo em suas residências particulares para a realização de entrevistas agendadas. Houve também a aplicação de um questionário (anexo I) para traçar o perfil do grupo. Temos deste período: anotações em cadernos de campo, entrevistas gravadas, questionários, fotos, entre outras coisas.

A quarta etapa compreende o ano de 2010 com 3 visitas à região de Monte Azul, objetivando capturar as espacialidades do agricultor norte mineiro. Para nosso trabalho de campo consistiu em visitas às propriedades de parentes e familiares dos migrantes residentes em Rio Claro. Além disso, fizemos várias visitas às cidades de Monte Azul e Gameleiras.

A aproximação com o grupo¹¹³

Os contatos com o grupo de migrantes norte mineiros estudado tiveram início no final da década de 90 do século XX, quando este pesquisador trabalhava em um escritório de engenharia, que me encarregou de gerenciar de construção de uma residência de porte médio, na qual o responsável pelo fornecimento de mão de obra (encarregado¹¹⁴ - TONHO) era um migrante mineiro¹¹⁵.

Os primeiros contatos ocorreram de forma profissional, momentos em que a hierarquia engenheiro e empreiteiro era sempre respeitada. Com a convivência diária, após a primeira obra realizada, fincamos estreitos laços de amizade e foi estabelecido um vínculo de cumplicidade pessoal com vários contratados do empreiteiro. Esta aproximação aconteceu, principalmente, em função das várias dificuldades encontradas na execução da obra, como a confusão e falta de compreensão do contrato entre o empreiteiro e o escritório de engenharia, fundamentalmente com relação aos serviços que deveriam ser prestados e ao pagamento por esses serviços, além da falta de conhecimento técnico na execução

¹¹³ Queria pedir licença para escrever esta parte em 1ª pessoa por a experiência descrita estar relacionada diretamente com a vida particular do pesquisador.

¹¹⁴ Encarregado – Empreiteiro: pessoa responsável pela mão de obra na construção civil. Quando se realiza uma casa o engenheiro passa as coordenadas técnicas para o encarregado que redistribui as tarefas para seu pessoal (pedreiros, serventes, carpinteiros, encanadores).

¹¹⁵ Aqui queria abrir um parênteses para colocar que como empreiteiro, Tonho contratava (aqui é melhor falar em terceirizava) pessoas para a realização de alguns serviços como, por exemplo: levantar paredes, chapiscar, rebocar, entre outros. Nessa obra ele “contratava” mineiros, em sua maioria, entre eles o Agostinho e o Domingos que vieram a ser os formadores da equipe que vamos nos concentrar na pesquisa e nossos melhores informantes.

de alguns dos serviços por parte do grupo contratado. Dentro da situação posta, para a superação desses problemas, a minha posição de intermediador foi de grande importância para a solução das dificuldades.

Após o término da primeira obra, o escritório de engenharia atingiu certa notoriedade no mercado local da construção civil, sendo encarregado de construir várias casas de alto padrão num condomínio fechado na cidade de Rio Claro. Essas obras ficaram inicialmente a cargo do empreiteiro Tonho.

Mas, para a construção das casas havia necessidade da presença de muitos trabalhadores e o empreiteiro se perdeu no controle da contratação e no pagamento dos componentes da sua equipe de trabalho. O “Tonho era meio enrolado com dinheiro”¹¹⁶, e começou a não cumprir as tarefas pré-determinadas por falta de material humano.

Com isso, ocorreu um atraso no cronograma das obras, o que causou um descontentamento grande dos proprietários contratantes dos serviços do escritório de engenharia. Assim, para a solução do impasse, foi estabelecida uma divisão das referidas obras entre o empreiteiro (Tonho) e alguns de seus empregados, que tornaram, assim, empreiteiros, o Agostinho e o Domingos¹¹⁷.

Devido a esse desenrolar, tornei-me muito próximo do Agostinho e do Domingos, principalmente, porque era responsável pela explicação de alguns elementos construtivos da obra, uma vez que, não possuíam grande experiência como empreiteiros.

Foi o Adriano que nos ensinou a trabalhar, nós era pedreiro, sabia fazer o que o outro mandava. A gente pegava serviço de empreitada ou trabalhava por dia. Nós fazia principalmente parede e reboco. Aí, sabe, nos começamos a trabalhar de empreiteiro lá na casa do Vitor, o Adriano explicava e nós ia aprendendo. Depois vieram várias casas, ai você vê que tudo mesma coisa.¹¹⁸ (Domingos)

Isto gerou uma grande cumplicidade, e a partir daí comecei a acompanhar suas histórias de vida, suas trajetórias pessoais de vida, e observei certa

¹¹⁶ Fala nativa.

¹¹⁷ A equipe de trabalho concentrada em nossos estudos.

¹¹⁸ Fala de Domingos quando começamos a trabalhar juntos.

uniformidade na sua equipe de trabalho, na qual somente trabalhavam os “conhecidos da região do município de Monte Azul”¹¹⁹.

Deste modo passei a ter a necessidade de entender melhor como eram constituídas as regras sociais, a cultura e o modo de viver dessas pessoas, sendo que tornei-me um elemento importante para o grupo naquele momento, fazendo o controle de toda a supervisão dos serviços executados e o pagamento feito ao grupo.

A convivência com o grupo

Na realidade, trabalhei cotidianamente quatro anos com esses migrantes, vivenciando profundamente seus problemas, suas aprendizagens e suas felicidades; num processo dialético entre a minha vida pessoal e profissional e a deles.

Deste período tenho anotado muitos dos casos ocorridos na convivência diária com o grupo em diários pessoais¹²⁰. Como exemplo, dois casos marcaram muito os relatos, pois acompanhei-os sofregamente. O primeiro está relacionado ao episódio de uma blitz policial em determinado local - onde uma parte do grupo estava “recolhendo” ilegalmente fios de cobre da antiga estrada de ferro - na qual foi apreendida uma bolsa com a documentação de um dos integrantes do grupo. Com isso, os envolvidos no episódio tiveram que ficar foragidos de Rio Claro por algum tempo com medo de serem presos, muitos voltaram para o norte de Minas para se esconderem. Foi uma época difícil, porque os serviços estavam atrasados nas obras e a equipe de trabalho tornou-se reduzida. Outro episódio que marcou nossa convivência foi quando o cunhado do Agostinho descobriu que estava com câncer, acompanhamos com alegria e esperança quando relatavam sua melhora, mas infelizmente, logo veio a falecer.

Após estes anos de vivência, nossos rumos se separam um pouco, sendo que fui trabalhar numa empresa de engenharia de pré-moldados e eles continuaram no mercado de construção civil, pois nessa época já tinham um “certo nome na praça”. Mas nesses cinco anos sempre mantivemos contatos, sendo em telefonemas

¹¹⁹ Fala nativa.

¹²⁰ Sempre possuí o costume de escrever o que se passa no nosso cotidiano em diários pessoais.

para algumas dúvidas relacionadas à engenharia, em alguns churrascos que participamos juntos, ou em encontros casuais.

Posteriormente voltamos a trabalhar juntos por mais um ano em uma obra em Rio Claro, período que coincidiu com o início desta pesquisa que estou apresentando. Assim, desde o começo expliquei para o grupo “que ia estudar os mineiros de Monte Azul”.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário: perfil do migrante mineiro

DATA ____/____/____

ENTREVISTADO(A) _____

1- PERFIL

1.1- Idade: _____

1.2- Naturalidade: _____

1.3- Situação civil: _____

1.4- Filhos: _____

1.5- Origem da mulher: _____

1.6- Profissão da mulher: _____

2- TRABALHO

2.1- Trabalho na construção civil: () Sim () Não

2.2- Função: _____

2.3- Desde quando trabalha na construção civil: _____

2.4- Trabalha na “turma do Agostinho e Domingos” desde que migrou:

() Sim () Não

2.5- Possui plano de aposentadoria: () Sim () Não

3 - ESPAÇO DE ORIGEM

3.1- Cidade de Origem: _____

3.2- Povoado de origem: _____

3.3- Morava na: () Zona Rural () Zona Urbana

3.4- Se morava na zona rural, qual o nome do sítio: _____

3.5- O sítio era de sua propriedade: () Sim () Não

3.6- Como adquiriu: _____

3.7- Nome da propriedade: _____

3.8- Cidade da propriedade: _____

3.9- Povoado da propriedade: _____

3.10 -Tamanho da propriedade: _____

3.11 -Quem toma conta: _____

3.12 -Pretende vendê-la algum dia?

() Sim () Não Para quem? _____

3.13 -Pretende comprar mais terras em Monte Azul?

() Sim () Não De quem? _____

4. MIGRAÇÃO

4.1 - Data da migração (ano): _____

4.2 - Motivo da migração ? _____

4.3 – Como migrou ? _____

4.4 -Intenção de retorno (quando?): _____

5. ESPAÇO DE DESTINO

5.1 - Local de moradia em Rio Claro:

Rua: _____

Bairro: _____

5.2 - Residência: () própria () alugada () reside com “parentes”

ANEXO B – Questionário: Perfil do agricultor e da propriedade

DATA ____/____/____

ENTREVISTADO(A) _____

1. - PERFIL

- 1.1 - Idade: _____
- 1.2 - Naturalidade: _____
- 1.3 - Situação civil: _____
- 1.4 - Filhos: _____

2 - TAMANHO E LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

- 2.1 - Tamanho da propriedade em hectares: _____
- 2.2 - Localização: _____
 Cidade: _____
 Povoado: _____
- 2.3 - Distância da cidade (km) : _____
- 2.4 - Distância do povoado (km): _____
- 2.5 - Tempo gasto para ir da propriedade até o centro da cidade utilizando-se automóvel: _____
- 2.6 - Como desloca-se até a cidade: _____
- 2.7 - Quantas vezes vai até a cidade durante o mês: _____
- 2.8 - O que vai fazer na cidade? _____

3 - EXPLORAÇÃO DA PROPRIEDADE

- 3.1 - A propriedade é explorada:
 apenas pela família pela família e por outras pessoas
- 3.2 - Quantos hectares são explorados pela família? _____
- 3.3 - Quem explora o restante?

() arrendatário () parceiro () posseiro

3.4 - Caráter da mão-de-obra utilizada na propriedade

QUANTIDADE, TEMPO E CUSTO	FAMILIAR	ASSALARIADA	
		TEMPORÁRIA	PERMANENTE
Quantos			
Período			
Custo			

4- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RENTABILIDADE:

4.1- As atividades desenvolvidas na propriedade são de tipo:

() agrícolas () não-agrícolas () agrícolas e não-agrícolas

4.2 - Qual a atividade principal? _____

4.3 - A atividade que gera maior renda é: _____

4.4 - O total da renda familiar mensal é de R\$ _____

Anual é de R\$ _____

5- EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS

5.1- A família possui:

Respostas	Trator	Colheitadeira	Semeadeira	Arado de tração animal	Nenhum
Sim					
Não					
Utilização					

5.2 - Em caso de não possuir nenhum desses equipamentos a família:

() aluga de quem os possui

() toma emprestado

() paga a quem tem os equipamentos para fazer os respectivos serviços

() faz ela mesma todos os serviços de forma manual

5.3 - A família conta com: () Assistência técnica () Financiamento

5.4 - Que órgão fornece assistência técnica?

- Secretaria da Agricultura
- Sindicato Rural
- Prefeitura Municipal
- Outros _____

6 - PRODUTOS AGROPECUÁRIOS CULTIVADOS ÁREA OCUPADA E RENTABILIDADE: GRÃOS, VERDURAS, FRUTAS E HORTALIÇAS.

* área em hectares; valor da produção em R\$.

Produtos vegetais	Área cultivada	Produção	Qtd. Auto consumo	Excedente	Destino excedente	Valor da produção
Feijão						
Arroz						
Milho						
Café						
Soja						
Amendoim						
Mandioca						
Chuchu						
Abobrinha						
Berinjela						
Algodão						
Pimentão						
Cogumelos						
Cana						
Laranja						
Limão						
Manga						
Banana						
Mexerica						
Hortaliças						
Outros						

7 - PECUÁRIA:

Produtos animais	Nº	Área Ocupada	Qtde. Auto-consumida	Excedente	Destino do excedente	Valor da Produção
Bovinos p/leite						
Bovinos p/corte						
Suínos						
Equinos						
Ovinos						
Frangos						
Perus						
Codornas						
Peixes						
Abelhas						
Rãs						
Outros						

8 - ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS DESENVOLVIDAS, RENTABILIDADE E GRAU DE IMPORTÂNCIA:

Atividades	Desenvolvida	Local de trabalho		Membro que desenvolve	Caráter da mão-de-obra		Renda	Tempo ocupado		Destino da renda		
		Dentro	Fora		Própria	Assal.		Parcial	Integral	Investir lavoura	Cons. familiar	Cons. individual
Pedreiro												
Pintor												
Doméstica												
Balconista												
Motorista												
Diarista												
Frentista												
Comerciante												
Artesanato												

8.1 - Época do ano em que se ocupa com as atividades não-agrícolas: _____

9 - ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E GRAU DE INSTRUÇÃO DA FAMÍLIA:

9.1 - Por quantas pessoas a família é composta? _____

9.2 - Número de pessoas da família por idade, sexo e atividade praticada:

Número de pessoas da família por idade, sexo e atividade praticada			
Idade	Feminino	Masculino	Atividade praticada
0-1			
1-5			
5-10			
10-15			
15-20			
20-30			
30-60			
60 ou +			

9.3 - Grau de escolaridade e religião dos membros da família:

Grau de escolaridade e religião dos membros da família					
Família	Analfabeto (a)	Fundamental		Médio	Religião
		4ª série	8ª série		
Pai					
Mãe					
Filho 1					
Filho 2					
Filho 3					
Filho 4					
Filho 5					

10 - CARÁTER E INFRAESTRUTURA DA HABITAÇÃO E BENS DA FAMÍLIA:

10.1 - Tipo de construção e móveis da habitação:

Resposta	Casa	Cômodos	Eletrodomésticos			
	Alvenaria		Tv	Rádio	Telefone	Computador
Qtde.						
Sim						
Não						

10.2 TRANSPORTE:

A família possui:

Resposta	Automóvel	Caminhonete	Caminhão	Carroça	Bicicleta
Sim					
Não					

10.3 - A família procura o médico:

 regularmente só quando algum membro adoece

10.4 - Quando alguém da família adoece, procura-se primeiro:

 médico farmácia curar a doença tomando remédios caseiros

10.5 - Quantas refeições a família costuma fazer diariamente?

 uma duas três + de três**11- ASPECTOS POLÍTICOS E CULTURAIS:**

11.1 - Você é associado a:

 sindicato partido político outros nenhuma instituição

11.2- O que você acha do movimento MST: _____

11.3 - O que você acha necessário para ter sucesso na agricultura?

- trabalhar na própria terra
- dispor de sementes e animais de boa qualidade
- ter acesso à máquinas para trabalhar
- transformar seus próprios produtos agregando-lhes mais valor
- ter assistência técnica regularmente
- outros

11.4 - Se você pudesse comprar mais terras para ampliar sua propriedade, você o faria?

- sim não

11.5 - Você venderia suas terras para:

- comprar outras maiores em outro lugar
- comprar outras melhores, ainda que menores
- mudar-se para a cidade e desenvolver outra atividade
- ajudar um filho em dificuldade financeira
- outros
- não venderia suas terras por nenhum motivo

ÍNDICE

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	16
O tema e o problema	18
Em torno da idéia central	19
1 - CAPÍTULO UM: ESPAÇO, CULTURA E TRABALHO DE CAMPO: DISCUSSÕES TEÓRICO–METODOLÓGICAS	22
1.1 - A interdisciplinaridade: As relações entre o espaço e a cultura	23
1.2 - O espaço geográfico	32
1.3 – A matriz espacial	35
1.3.1 - O espaço absoluto	36
1.3.2 - O espaço relativo	38
1.3.3 - O espaço relacional	39
1.4 - O movimento do espaço geográfico	40
1.5 - Cultura como conceito na/para geografia	49
1.6 - Metodologia de trabalho de campo	53
2 - CAPÍTULO DOIS: ESPAÇO E CULTURA EM MONTE AZUL	61

2.1 – Historicidade e sociabilidade: a história, a região administrativa e a economia local	63
2.2 - Catingueiros e nordestinos	69
2.3 –Espacialidades e sociabilidades entre os agricultores/migrantes norte mineiros	74
2.3.1 - A base ecológica, localização e a locomoção	75
2.3.2 - A espacialidade: O sítio	78
2.3.3 - O ser migrante: Parentesco e compadrio: a sociabilidade	82
2.3.4 - Considerações sobre a cultura dos migrantes	86
3 - CAPÍTULO TRÊS: MIGRAÇÃO - TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS	88
3.1 - Migração: fundamentos e contexto global	90
3.2 - O contexto local	93
3.3 - A saída: A motivação	95
3.4 - A chegada	99
4 - CAPÍTULO QUATRO: ESPAÇO E CULTURA EM RIO CLARO	103
4.1 - Rio Claro, o município, sua historia e sua condição socioeconômica	103
4.2 - Rio Claro e o grupo de migrantes norte mineiros	106
4.3 - Os migrantes no espaço de Rio Claro: O trabalho	108

4.3.1 - Em busca do trabalho e sua capacitação	111
4.3.2 - O trabalho: A adaptação às novas técnicas	114
4.3.3 - O trabalho: O empreiteiro	116
4.3.4 - “A turma funciona da seguinte forma:...” - A dinâmica da turma	118
4.4 - A espacialidade no trabalho do migrante caatingueiro: a interação entre espaços	121
4.4.1 - “Lá influencia aqui, isso é lógico...” – Relações do espaço rural presentes no meio citadino	124
5 - CAPÍTULO CINCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
5.1 - Da hipótese à tese	128
5.2 - Dinâmica cultural e construção do espaço	130
5.3 - O espaço como a dialética entre o rural e o urbano	131
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE	142
APÊNDICE A - A historicidade da região de Monte Azul	143
APÊNDICE B - A aproximação e a convivência com grupo	146
ANEXOS	151
ANEXOS A - Perfil do migrante mineiro	152

ANEXOS B - Perfil do agricultor e da propriedade	155
ÍNDICE	164